

REVISTA

DA SEMANA

34 25-8-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

SUEZ INQUIETA O MUNDO

864 HOMENS, A TERRA E SEUS PROBLEMAS

GILLESPIE — O BOCHECHUDO DO "BE-BOP"



CADA VEZ MELHOR!

O ANUÁRIO *do*

1956 ESPORTE 1956

ilustrado

**TUDO
SÔBRE O
FUTEBOL
CARIOCA**

(CARLOS ARÊAS)

**TODOS
OS
ESPORTES
AMADORISTAS**

**TUDO
SÔBRE O
FUTEBOL
PAULISTA**

(OLIMPICUS)

**Em
CÔRES**

**12 TIMES DO FUTEBOL CARIOCA
4 PRIMEIROS TIMES DO FUTEBOL PAULISTA**

Cr. \$30,00

BREVE

**EM TODO
BRASIL**

BREVE

REDAÇÃO: RUA MARANGUAPE, 15 • RIO DE JANEIRO

REVISTA DA SEMANA

Ano 57 — Nº 34 — Rio de Janeiro — 25/8/1956

DIRETOR.....Gratuliano Brito
ASSISTENTE.....José Roberto Teixeira Leite

COLABORADORES: E. Tourinho, Fortuna, Sérgio Silveira, Ramon, L. Junqueira, Mendez, W. Guarnieri, J. Ribeiro, M. Tereza e Eneida.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Suez Injeta o Mundo	4/7
664 Homens, a Terra e Seus Problemas	16/20
Tragédia na Colômbia	23/25
Aldemir Quer Ir ao Japão	31/34
O Aeródromo do Espaço	42/43
Gillespie, o Bochechudo do «Be-bop»	46/49
Joel Silveira em Tempo de Valsa	56/57
Cavaca Percorreu Oropa, França e Moscou	59/61

SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Puxe Pelo Cérebro	15
Pelas Esquinas da Noite	21
Literatura e Arte	26/27
Por Esse Mundo de Deus	28/29
Astrologia	38
Revista Há 50 Anos	39
Grand Monde	40/41
Música	42
Palavras Cruzadas	45
Conversa de Mulher	54/55
Último Flash	62
Figura em Foco	63

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------------	-------

LITERATURA

As Ilusórias (Eneida)	3
O Homem e o Trapézio (Arino Peres)	10/11
O Cão, o Pássaro e o Rumo (Arnaud Pierre)	22
Barreira (Vilma Sant'ana Arêas)	50/51

VARIEDADES

O Enigmático Kapitzka	12/13
Que Sabemos das Grandes Religiões?	30
Um Estranho no Paraíso	36/37

CAPA

Ava Gardner (Kodachrome da Metro Goldwyn Mayer, especial para a REVISTA).

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 380,00
Seis meses	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 500,00
Seis meses	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da
Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratuliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Paginação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO
A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



AS ILUSÓRIAS

◆ Sabemos que nem só da realidade vive o homem; sabemos que cultivar ilusões é característica desse sofrido gênero humano. Se nós mulheres usamos batons e rouges é porque amamos as ilusões da beleza; se há criaturas que se cobrem de pérolas falsas ou de jóias no mesmo estilo é para cultivar a ilusão da riqueza. Iludimos os outros iludindo a nós mesmas quando fazemos operações plásticas para o desaparecimento das rugas ou quando usamos certos modelos de roupa que nada têm a ver com o nosso tipo, mas que, imperativos da moda, estamos sempre dispostas a obedecer, cultivando ilusões físicas. Isso sem falar nos falsos seios, nas falsas ancas, em tudo que certas mulheres empregam para se iludirem, iludindo. O homem precisa de ilusões para viver, dirão. Mas não estou de acordo com a afirmativa. É pela necessidade de ilusão que muita gente vive uma vida muito mais cara do que aquela que realmente pode viver; é pela ilusão que vivem os crediários e as campainhas de tantas portas soam e ressoam para o pagamento de prestações; é pela ilusão que se perdem homens e mulheres arrasados pelo amor; pela ilusão se matam pessoas e outras se criam tipos inexistentes. Não sei portanto qual a necessidade de termos ilusões e cultivá-las. Ser o que realmente somos, viver uma vida verdadeira, isso é que constitui o mérito e a glória dos seres humanos.

◆ Ilusões criam vamps e artistas de cinema americano nas ruas nacionais; alimentam o inumerável exército dos que vivem diferentemente do que são, e mais, muito mais acontece, tanto a ilusão pode servir aos mais variados sonhos. Há os que se iludem que são gênios, os que se julgam belos, os que se consideram poderosos, etc., muitos etc. Penso nisso agora porque ontem ouvi de uma senhora esta deliciosa afirmativa: — As notas de um cruzeiro, essas que inundam agora a cidade, essas que o povo chama japonesas e outros intitulam Tamandaré pelo nosso barbado herói a enfeitá-las, parece que foram feitas para o cultivo das ilusões. Enchem de tal maneira a bolsa ou a carteira da gente que, pegando-a, temos a impressão que estamos ricos. Vai-se ver: são cedulazinhas de um cruzeiro, pobres e tristes cédulas que não dão para se comprar nada. Diga, quantas são precisas para um litro de leite ou meio quilo de carne? Não são dinheiro, são ilusão.

◆ Estou plenamente de acordo com aquela senhora. Nada mais triste do que esse triste dinheiro que não dá para se comprar nada e enche tanto nossas carteiras, dando-nos a impressão de que poderemos atender sonhos, desejos e ambições. Somos vítimas das ilusórias notinhas, algumas vezes simpáticas — quando novas — mas pedaços de papel sem cor nem viço, quando nos chegam murchas, velhas, gastas. Pensamos que pelo volume estamos com uma pequena fortuna; vai-se ver não dará direito à compra de um livro ou de uma flor.

A opinião daquela senhora ficou tão profundamente marcada em mim que aqui estou eu transmitindo-a como uma lição: pudessem os homens viver sem ilusões e, com certeza seriam mais felizes, e, como seria bom o mundo, com seus habitantes felizes.

P. S. — Não falei nas nossas ilusões políticas. Infelizmente no Brasil votamos sempre com elas batendo fortes em nossos corações. Acreditamos em promessas, iludimo-nos. Depois... ora depois é sofrer, suportar, esperar novas ilusões.

ENEIDA



A TENSÃO aumenta, entre o Egito e a Inglaterra. A cada dia, o problema se agrava, em todo o Oriente Médio. Esse patrulheiro egípcio ainda utiliza o camelo como animal de combate. Mas, de modo geral, o exército egípcio é poderoso e sabe lutar.

SUEZ INQUIETA O MUNDO

O CORONEL NASSER NACIONALIZOU O CANAL DE SUEZ, PROVOCANDO OS PROTESTOS DA INGLATERRA — CONTROLADORA DO CANAL DESDE A SUA ABERTURA EM 1875 — E DA FRANÇA ★ PACTO DE DEFESA ENTRE O EGITO E A UNIÃO SOVIÉTICA? ★ A POSIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS E A CONFERÊNCIA DE LONDRES ★ A CAMINHO UMA NOVA CONFLAGRAÇÃO MUNDIAL? ★ A HIPÓTESE DA INTERNACIONALIZAÇÃO ★ O PETRÓLEO DA AMÉRICA DO SUL SUPER-VALORIZADO

Reportagem de HAROLD GREEN

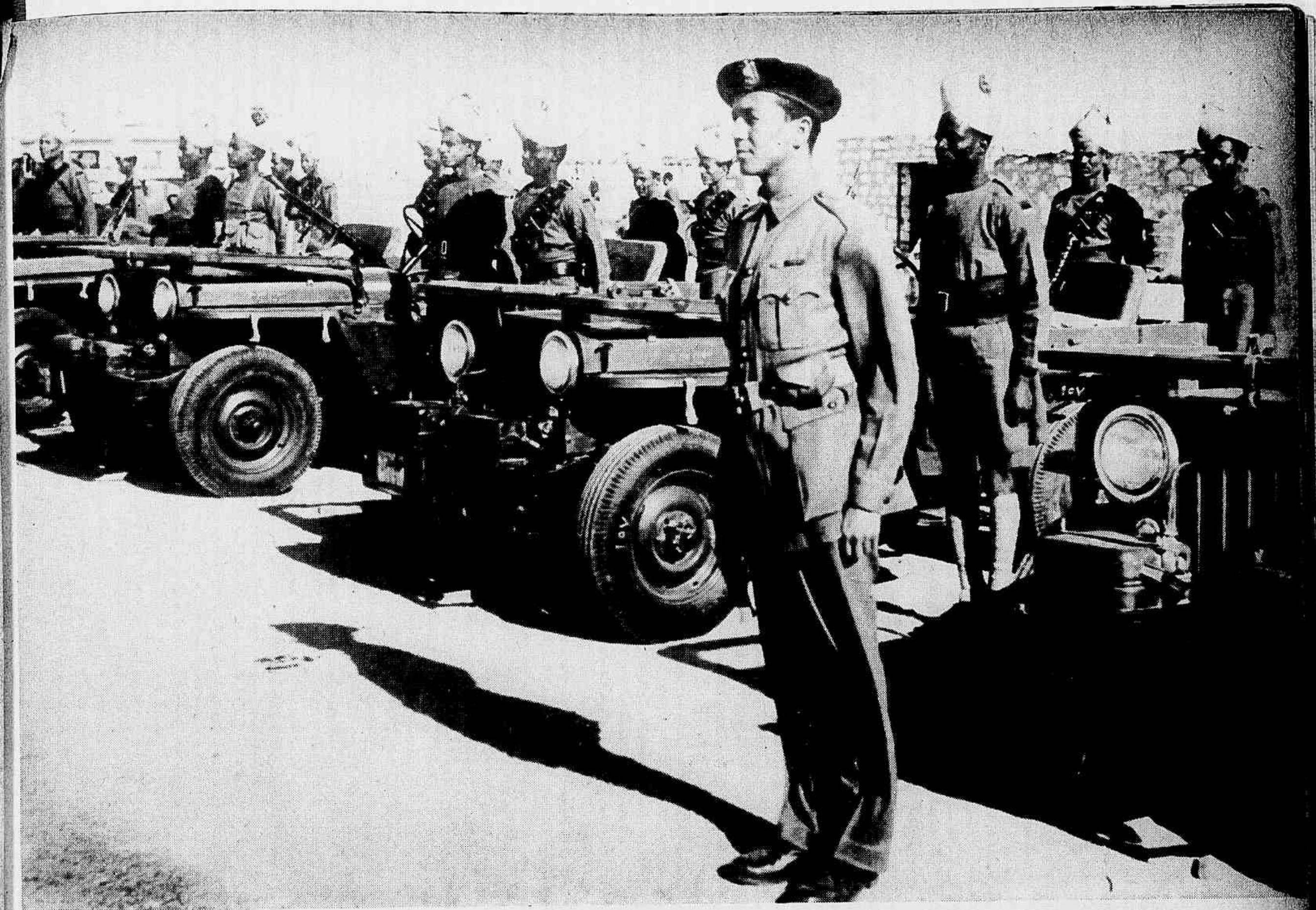
Foto I.N.S.

O GESTO do Presidente do Egito Gamal Nasser nacionalizando o Canal de Suez — canal que desde 1882 tinha sido ocupado pelas tropas britânicas, com o apoio da França —, talvez venha a ser o ponto de partida para nova e terrível conflagração mundial.

A importância do canal de Suez não mais precisa, hoje em dia, ser realçada. Principiada a sua construção em 1859, sob as ordens de Ferdinand de Lesseps, antigo cônsul francês no Cairo, e patrocinada pelo quediua Mohamed Said, os cento e sessenta e oito quilômetros de

que se compõe estariam prontos em 1869. E foi no dia dezesseis de novembro de tal ano que o iate imperial «L'Aigle», conduzindo a imperatriz Eugênia, e puxando uma fileira de mais setenta navios de várias nacionalidades, inaugurou oficialmente a maior obra do século, obra que já havia sido tentada, sem êxito, por inúmeros engenheiros e utopistas. Como Lesseps e Mohamed Said não conseguissem o financiamento dos Rotschild para a grandiosa empresa, e como, desde o início, a Grã-Bretanha se opusesse violentamente à construção do canal

— que vinha de certo modo abalar em sua estrutura o comércio mantido através dos mares — pela mais poderosa frota mercante do mundo — foram obrigados a organizar uma Companhia a Companhia Universal do Canal de Suez, composta de acionistas de várias nacionalidades. Quatrocentas mil ações foram vendidas, ficando o próprio quediua com oitenta e cinco mil, capitalistas franceses com duzentos mil, e espanhóis, holandeses, turcos e italianos com o restante. Nem uma única ação esteve em mãos inglesas até que tropas britânicas desembarcaram

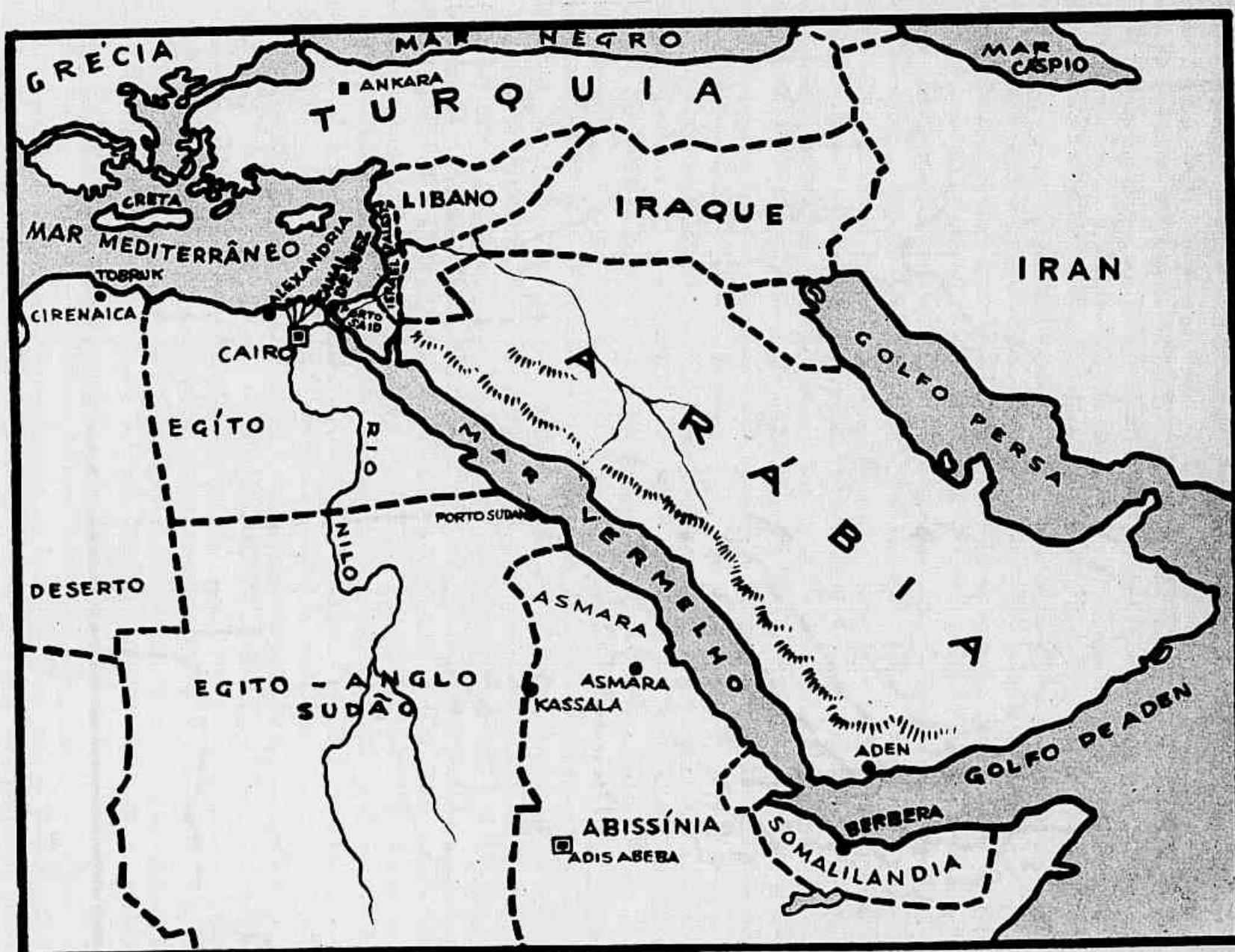


TROPAS MECANIZADAS egípcias aprestam-se para o que der e vier. O Exército egípcio foi organizado por técnicos europeus, e dispõe das mais modernas armas soviéticas e norte-americanas. Um milhão de homens estão atualmente em pé de guerra.

das em Pôrto Said ocupassem militarmente o canal, obrigando, posteriormente, o Governo Egípcio a «ceder» suas oitenta e cinco mil ações à Sua Majestade. Aconteceu isso em 1882, e seis anos depois se reuniram em Constantinopla vinte e dois países, a fim de discutirem o modo de ser governado o Canal de Suez, e a navegabilidade do mesmo por navios de todas as nações. Continuou tendo existência legal a Companhia Universal do Canal de Suez, mas agora os britânicos e os franceses possuíam a imensa maioria das ações. Tal estado de coisas durou até ao dia vinte e seis de julho do corrente ano, quando Nasser anunciou oficialmente ao mundo a nacionalização do Canal de Suez, que passava com todas as suas instalações, propriedades, edifícios, etc., para o domínio exclusivo do Egito.

Como era natural, após um primeiro momento de estarecimento, dado o ineditismo do ato, a Grã-Bretanha protestou contra a nacionalização, coadjuvada pela França. É que a França já está a braços com o grande descontentamento existente atualmente em suas colônias norte-africanas, e bem sabe que o caso de Suez — que teve por pretexto a negação dos ingleses em financiar a represa de Assuan — talvez venha a ser o tiro de misericórdia em suas posições na Argélia. Com a grande maioria de algerianos pertencendo à religião muçulmana, é muito natural que, em caso de guerra entre Egito de um lado e Inglaterra e França de outro, a Argélia com dobrados motivos entre no conflito ao lado do Egito, que professa igualmente a fé de Maomé.

Foi prevendo a reação britânica, que Nasser buscou o auxílio de uma nação que não temesse desgastar o Ocidente. Essa nação, é claro, é a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.



O CENÁRIO onde se desenrola o drama que atrai atualmente as atenções do mundo inteiro não podia ser mais antigo, nem mais célebre. Ali nasceu a civilização ocidental. Estaria ali surgindo, agora, um conflito que talvez venha a terminar com essa civilização?



VINTE MIL jovens ingleses foram chamados às armas, nos últimos dias, pelas autoridades do Exército, devido à questão do canal de Suez. Treinam, presentemente, e em breve partirão para Malta — sede geral das operações. A esquadra inglesa já está no Mediterrâneo.



TAMBÉM FRANCESES embarcam para o norte da África, alarmados com a crise egípcia. O perigo precedente aberto pela nacionalização do canal pode atingir o norte africano, já tão perturbado nos últimos tempos.

Acontece que a Rússia não apoiou, até ao momento, pelo menos publicamente, as pretensões egípcias, reservando-se para posterior pronúnciação. O mesmo não aconteceu, por exemplo, com a Iugoslávia, que recebeu, não faz muito, a visita de Nasser, representante do Egipto, e de Nehru, premier da Índia. O que ficou estabelecido na reunião de Beograd não se sabe ao certo. Ninguém, com efeito, pode afirmar que a Iugoslávia se tenha comprometido a apoiar o Egipto, em caso de uma guerra com a Inglaterra; nem que a Índia vá seguir o Egipto, nesse ato extremo. Tudo não passa de cogitações e de hipóteses, mais ou menos prováveis, é verdade, porém em todo caso meras hipóteses.

Enquanto isso, a mobilização foi decretada em todo o Reino Unido. E a «Home Fleet» retomou suas manobras por todo o largo do Mediterrâneo, tendo por bases principais as ilhas de Malta e de Chipre. Também a França reforçou suas guarnições em todo o norte da África, após concertar com a Grã-Bretanha um plano comum de ações.

Quanto à posição dos Estados Unidos, em

plena campanha da sucessão presidencial é das mais delicadas e interessantes. Não desejando perder de todo a simpatia de que ainda desfrutam, a despeito de tudo, no Oriente Médio, também não é interessante, para eles, desgostar sua tradicional aliada, a Inglaterra. Por isso, foram obrigados, de início, a manter uma posição de estrita neutralidade com respeito ao caso de Suez. Pouco após afirmaram que eram de todo contrários ao uso da violência para solução da pendência entre os dois países, suspenderam os EE. UU. totalmente os embarques de munição e de armamento para o Egipto — embarques que vinham se procedendo com regularidade, desde há alguns meses, em virtude de um acordo de assistência firmado entre ambos os países, e que tinham por finalidade completar a modernização do já muito eficiente exército egípcio. Por falar neste Exército, convém esclarecer que ele está perfeitamente equipado com as mais modernas armas utilizadas tanto no Exército norte-americano, como na aviação soviética e na marinha britânica. A razão desse aparelhamento é que Nasser, de certo prevendo o que iria acontecer dentro em breve em seu país, fez questão de adquirir

aviões à Rússia, e tanques e canhões aos Estados Unidos, muito antes de que a atual situação se delineasse. Quanto aos navios, a pequena marinha egípcia foi organizada pela própria Grã-Bretanha, quando o espectro da guerra ainda pairava longe da região nilótica.

A principal reclamação da Grã-Bretanha com relação ao intempestivo gesto de Nasser, que nacionalizou o canal, é que o mesmo coronel poucos meses antes da crise, em acordo firmado por ambos os países, reafirmara sua decisão de esperar por mais alguns anos a posse de Suez. Essa posse, segundo o Tratado de Constantinopla, aconteceria em 1988, naturalmente, sem choques e sem perturbações. Agora, porém, não se sabe ao certo como há de tudo terminar.

De vez que não será possível à Sua Majestade recuperar para o domínio britânico a posse do canal de Suez, domínio que já se estendia por oitenta anos, busca ela pelo menos a internacionalização do mesmo, internacionalização que permita a navegabilidade de Suez por navios de todas as bandeiras — como vinha sendo feito até então. Para resolver

NASSER DESIGNOU esses homens para cuidarem da administração do Canal de Suez. Alguns são engenheiros, outros militares e ainda outros financeiros. O segundo à direita é o administrador Mahmoud Younis.



ESSE TANQUE britânico está aguardando ordens para embarcar com destino ao Oriente Próximo. A crise de Suez determinou que as autoridades inglesas ordenassem a mobilização. O canal desencadeará nova guerra.



NASSER CONVERSA com Nehru, Premier da Índia, nos jardins de sua residência no Cairo. Ambos acabavam de voltar da Iugoslávia, até onde foram a fim de concertar com Tito um plano de defesa comum. Diz-se que a União Soviética apoiaria o Egito em caso de conflito.

★

de uma vez por todas a complicada questão, foi convocada a Conferência de Londres, que se iniciou a 16 de agosto naquela cidade inglesa, com a presença de vinte e duas nações que se comprometeram a seguir as cláusulas resultantes da Declaração de Constantinopla. Também a União Soviética está presente àquele conclave, após uma fase inicial de dubiedade, em que por várias vezes ameaçou a sua desistência. O Egito, porém, apenas enviou um observador, afirmando, mais uma vez, que o caso de Suez estava encerrado, e que não voltaria, em hipótese alguma, a reconsiderá-lo em outras bases que não as já estipuladas. Porque — afirmou Nasser — a internacionalização de Suez? Acaso o canal de Panamá sofreu já algum dia qualquer espécie de internacionalização?

Talvez pela última razão é que os Estados Unidos ainda não tenham dado a palavra definitiva sobre o assunto. Como poderão apoiar a internacionalização de Suez, se não fazem o mesmo com o de Panamá? De qualquer modo, vai se arrastando morosamente a conferência londrina, enquanto altos dirigentes egípcios buscam, por todos os meios, obter o apoio da União Soviética, da China e da Índia. Vários países islâmicos já se pronunciaram a favor da causa egípcia — e entre eles, surpreendentemente, o Iraque, que sempre foi considerado o maior aliado da Grã-Bretanha em todo o Oriente Próximo. E o Imã supremo da Síria afirmou, oficialmente, que uma Guerra Santa seria declarada, obrigando todos os maometanos a dela participarem, em caso de a Inglaterra atacar o Egito.

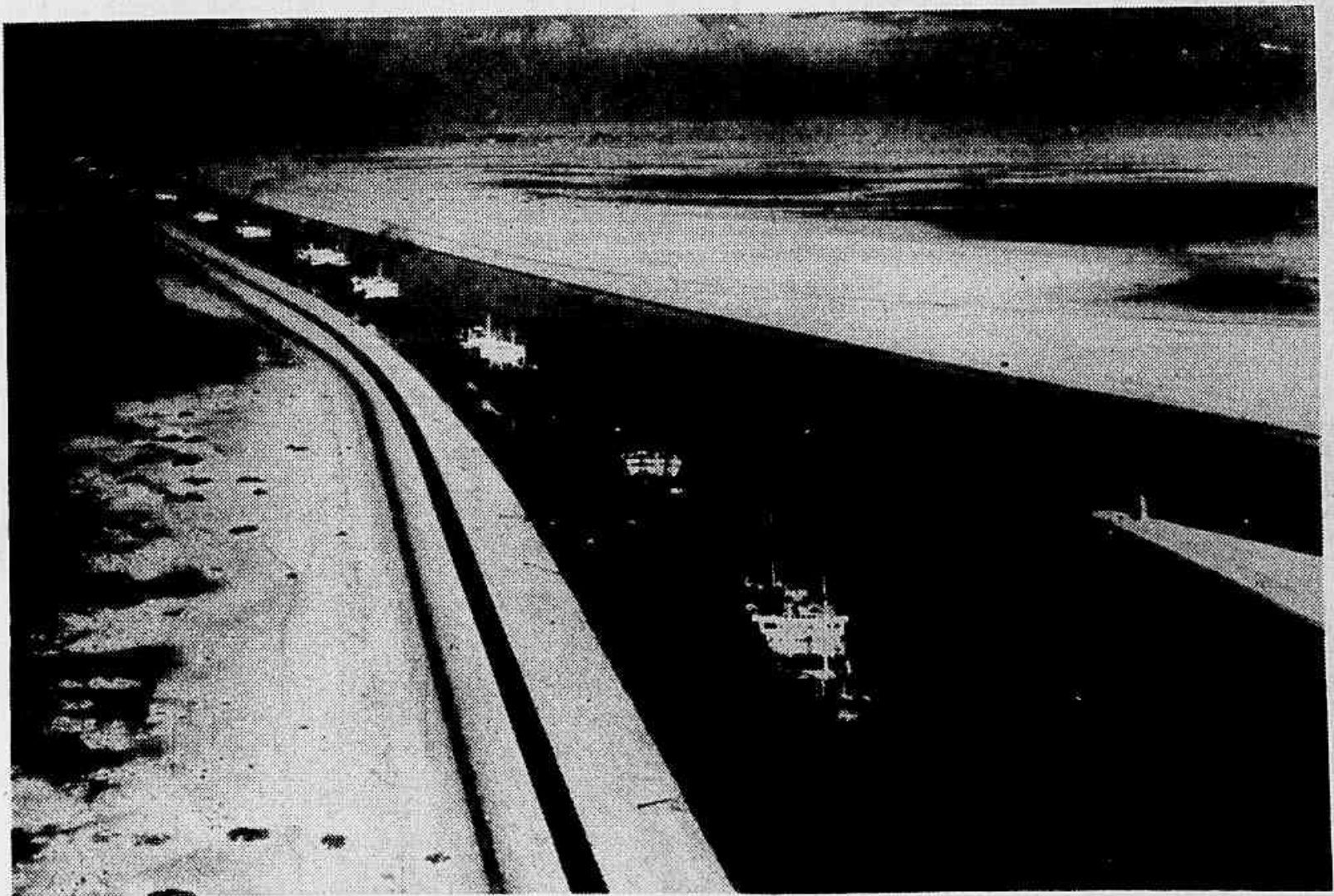
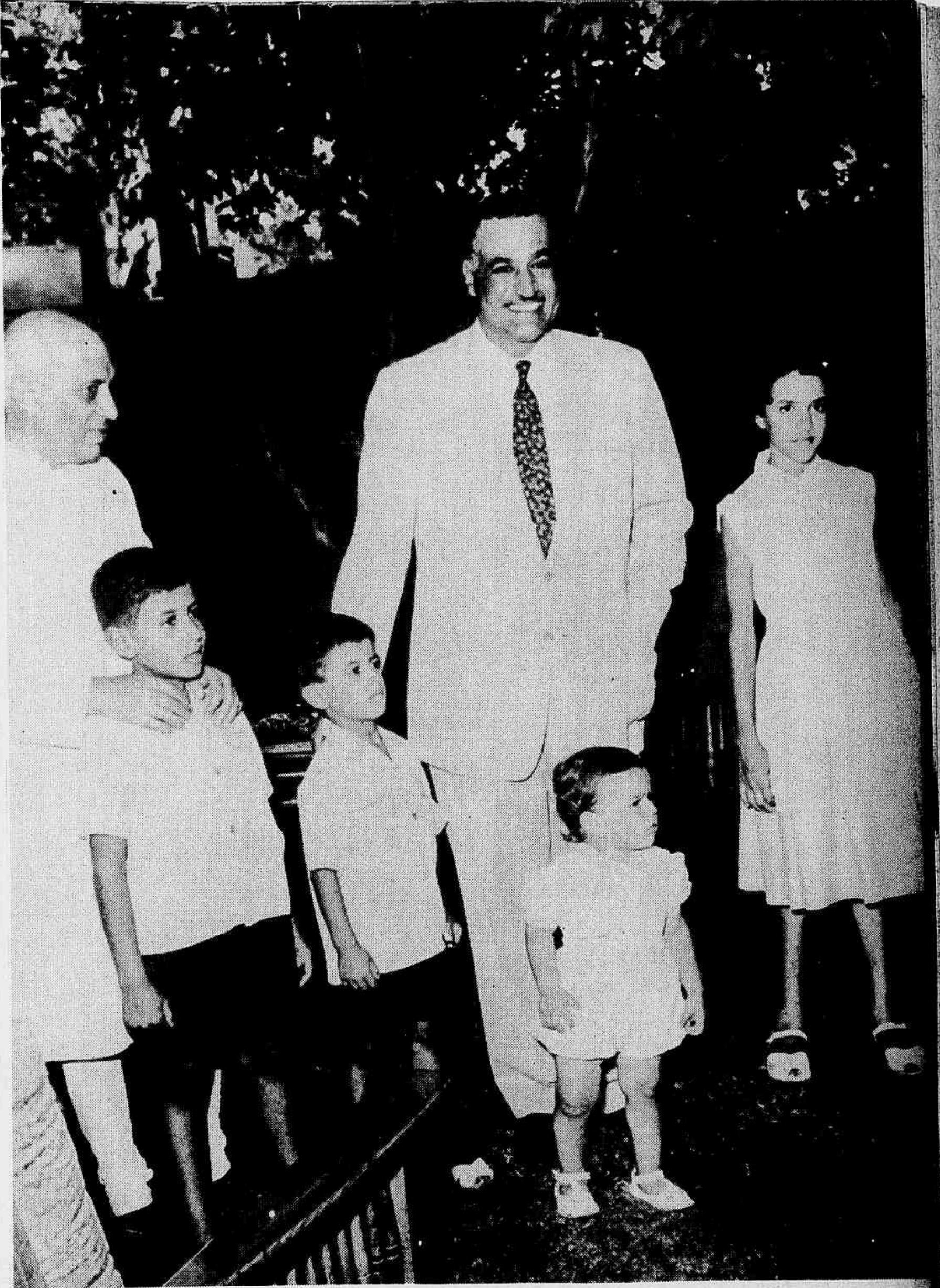
Mossadegh, que passou alguns anos na prisão após sua malograda tentativa de nacionalizar os poços petrolíferos iranianos, foi há poucos dias pôsto em liberdade, e acredita-se que seu apoio à causa de Nasser seja decisivo, e esteja por poucos dias. Vozes tímidas, por enquanto, mas que se poderão avultar, e tornar-se um zumbido ensurdecador e indomável, começam a insuflar os ânimos, no sentido de ser mais uma vez tentada a nacionalização do petróleo oriental.

Os trabalhadores árabes nos poços petrolíferos de toda a extensa região que vai das bordas do canal até ao Iraque, abrangendo o Iêmem e a Arábia Saudita, receberam ordens de sabotarem o quanto possam o trabalho dos concessionários ingleses e americanos. Esse fato, que vem comprometer poderosamente as reservas petrolíferas com as quais contam os ocidentais no Oriente Médio, por outro lado concorre enormemente para uma valorização imediata e vertiginosa das reservas sul-americanas, que passam a ser a última esperança dos ocidentais, no caso de uma possível guerra contra o mundo comunista.

A sorte de Suez ainda não foi decidida. Nem Rússia, nem Estados Unidos, deram ainda a palavra definitiva sobre o assunto. Enquanto os Dois Grandes se limitarem às tiradas diplomáticas, as demarches que visam a ganhar tempo, o mundo conhecerá a paz. Uma paz de gelo, de ameaças contínuas, de terror, mas sem derramamento de sangue. De qualquer modo, é tensa a situação em todo o Oriente Médio. A região milenar que já presenciou, impassível, a destruição de tantos impérios está de novo agitada. Suez inquieta o mundo.

★

O PIVOT da questão, o legendário canal de Suez. Os ingleses, os americanos e os franceses são os maiores interessados em que o canal continue britânico, pois são os que o utilizam com maior frequência. Lesseps o construiu em 1875.



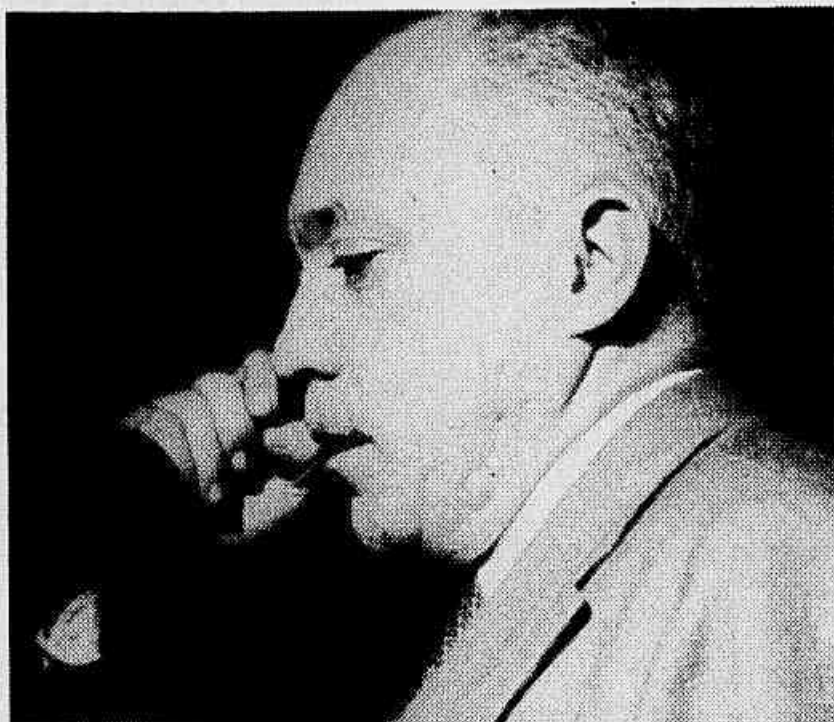
A SEMANA



ELIZABETH TAYLOR, cujo casamento com o ator britânico Michael Wilding fracassou, a ponto de os dois estarem agora separados por determinado prazo, para ver se as coisas melhoram, foi convidada a vir ao Rio, e parece que topou a parada. Vem, coisinha fôfa!

SARAH KUBITSCHER está em Paris, com a filhinha. Também a esposa do gen. Juarez Távora não se acha no Brasil, mas nos EE. UU., com o filho.

MAGALHÃES JÚNIOR é o novo membro da Academia Brasileira de Letras. Pouco a pouco, a Academia se renova, ganhando em qualidade: já lá estão Bandeira, Cassiano, José Lins do Rêgo, Álvaro Lins, e agora Magalhães Júnior, entre outros. O número dos médicos e dos engenheiros vai diminuindo...



JUAREZ TÁVORA, desgostoso com a campanha de perseguições de que vem sendo vítima, solicitou sua transferência para a Reserva Remunerada do Exército.

DAVID SEBASTIAN, viúvo de Carmen Miranda, chegou ao Brasil um ano exatamente após a morte da esposa, e ficou chocado ao ver que nada se fizera ainda pelo Museu Carmen Miranda. O sr. não nos conhece, Mr. Sebastian...



NACIONAIS

★ **FRASE DE Rubem Braga**: "Cassiano Ricardo é como um poço de petróleo que durante anos só dava uns esguinchos de gás mais ou menos pobres; depois dos 50 anos vieram êsses jatos magníficos"...

★ **OTAVIO MEDEIROS** levou pela segunda vez sua lambadinha, na televisão, no programa "O Céu é o Limite". Dessa vez, não houve escapatória. Otávio morreu em pleno deserto, engasgado com uma pergunta duríssima.

★ **TERRIVEL INCÊNDIO** destruiu trezentos barracões, na praia do Pinto. Mais de mil e duzentas pessoas ficaram ao desamparo. Os bombeiros evitaram que o fogo ainda causasse danos maiores.

★ **NOTICIANDO** a doação de uma tela de Toulouse-Lautrec ao Museu de São Paulo, certa revista publicou várias páginas onde se devia tôda a grãfinagem presente ao coquetel de apresentação. Da tela mesma, nem um só detalhe. Também, para que?

★ **DUZENTAS BALEIAS** foram pescadas, em um ano, nas costas brasileiras. O Brasil começa a destacar-se nesse ramo das atividades. Em primeiro lugar continua a Noruega.

★ **RUGGIERO JACOBI**, que ainda há pouco publicou um livro de ensaios pelo Instituto do Livro do Ministério da Educação, vai ser agora expulso do Brasil, sob a alegação de ser comunista. No Brasil, nunca se sabe o que vai acontecer no dia seguinte.

★ **CHEGOU AO RIO** o avião da Lufthansa que vem reatar a linha entre Alemanha-Brasil-Argentina. Desde os tempos da guerra, vôos tinham sido suspensos. Grandes personalidades germânicas tomaram parte na viagem inaugural.

★ **CARLOS DRUMMOND** de Andrade completou quinhentas páginas no "Correio da Manhã", e foi por isso muito cumprimentado por amigos e admiradores.

EM REVISTA

PIA LINDSTROM, filha de Ingrid Bergmann e o doutor Lindstrom, entrou numa Escola de Arte Dramática, em Nova Iorque. Filha de peixe...

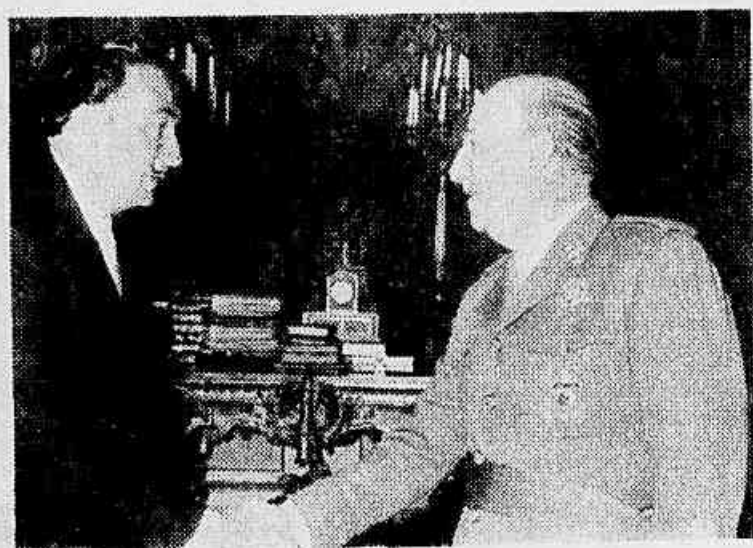


SILVANA MANGANO, a exuberante estrêla italiana, partiu para a Indonésia, a fim de ali tomar parte em um filme dirigido por René Clement.

MARTA RAYE, conhecida estrêla de cinema norte-americano, tentou o suicídio, em sua residência, em Hollywood. Ainda não se sabe porque, ao certo



FRANÇOISE SAGAN está noiva de um dos diretores da Livraria Hachette, o quarentão Guy Schoeller. Dizem que em poucos meses será madame Schoeller.



O DITADOR Franco, da Espanha, (na foto com Salvador Dali) aumentou por sua conta seus rendimentos anuais, de 16 para 21 milhões de cruzeiros. Francamente, seu caudilho!...



INTERNACIONAIS

★ GRETA GARBO recusou uma oferta extraordinária — 50 mil dólares por cinco minutos — para atuar na televisão americana.

★ EDITH PIAFF divorciou-se recentemente de seu marido Jacques Pills. A notícia foi dada a um jornalista francês, pelo telefone. E dizem que a célebre cantora soluçava.

★ CONSTANCE BENNETT, outrora famosa atriz cinematográfica, voltará brevemente aos palcos da Broadway, em uma série de peças tiradas dos romances de Steinbeck.

★ JACQUELINE FRANÇOIS estreou como cantora de boites em Nova York, no Persan Room do Hotel Plaza. Dizem que obteve o maior sucesso comercial do ano.

★ PAKKURI BYO, eis a palavra que atualmente é mais temida em todo o Japão. Designa uma moléstia que mata em apenas vinte minutos, em meio a dores horríveis.

★ ENQUANTO A Conferência de Londres continua, Nasser prepara-se para, na próxima semana, voar para Moscou, onde encontrar-se-á com os chefes russos.

★ MARIO D'AGATA é o novo campeão mundial de pesos-médios. Um jornalista francês chamou-o de "O sêlo postal raivoso", porque Mário cola, com fúria, em seu adversário.

★ DIANA DORS voltou dos Estados Unidos, onde passou um mês, e disse: "O que mais apreciei foi o ar condicionado. Prefiro dormir com meu marido".

★ O PAPA PIO XII vai receber dos toureiros espanhóis uma capa de malador, especialmente bordada a ouro. Provavelmente, nunca há de ser utilizada...

★ BAWDEN, MICROBIOLOGISTA famoso, acaba de determinar o peso dos vírus! Um milhão deles, segundo o sábio, pesa 0.000.000.000.1 grama. Gordinhos, hein?

O HOMEM E O TRAPÉZIO

♦ TAL COMO havíamos anunciado no número anterior, principiamos hoje a publicação de O HOMEM E O TRAPÉZIO, romance de autoria do jovem escritor fluminense Arino Peres — pseudônimo literário de Evaristo Manuel Pereira, nascido em julho de 1931 em São Gonçalo, no Estado do Rio. Arino Peres, que é também poeta, colaborando ativamente em vários suplementos literários do Rio e de Niterói, escreveu esse livro para ofertá-lo, como presente de aniversário, à esposa. Essa, de posse do original, e sabedora de que o «Diário de Notícias» estava patrocinando um concurso destinado a premiar um romance de autor novo, enviou-o para a direção daquele matutino. Conhecido o resultado do certame, viu-se que o romance de Arino Peres tinha sido escolhido, entre cerca de oitenta trabalhos, por uma comissão constituída por Tristão de Athayde, Afrânio Coutinho e Temístocles Linhares, para figurar entre os três melhores, ao lado de «Dize-me teu nome», de Heloneida Studart, e «João», de João Uchoa Cavalcanti. Ao iniciar a publicação de O HOMEM E O TRAPÉZIO, temos a certeza e a confiança de estarmos contribuindo para a divulgação de um romance que possui qualidades literárias invulgares, e desejamos outrossim prestar uma homenagem aos jovens escritores brasileiros que lutam com tantas dificuldades e incompreensões.

Romance de ARINO PERES

Ilustração de ZARCO



VISITAÇÃO — Não emergira completamente ainda de abismo em que mergulhara. Algo tolhia-lhe os movimentos, e as mãos cresciam desmesuradamente a cada gesto lento, insubstancial. Parecia acorrentado, um peso enorme esmagava-lhe as pernas. Os movimentos eram imprecisos como se estivesse no fundo do oceano; apenas um retângulo de luz aparecia ao fundo, distante, longínquo demais para ser perfeitamente delimitado pelos sentidos semidespertos.

A forma branca definiu-se musical, fracionando acordes, e deteve-se equilibrada no espaço morno que se alongava além de seus olhos.

O braço branco insinuou-se na escuridão, permitindo à mão pequena de dedos finos e frescos deter-se em sua fronte que latejava em febre distendendo suor.

Um princípio de vertigem fechou-lhe os olhos, percorreu-lhe o corpo sensação estranha de medo e segurança.

— Alô! Está bem?

A pergunta afastou o resto de inconsciência que lhe restava do traumatismo e fez desfilar, em aberrações de caleidoscópio, as cenas anteriores sepultadas na modorra intemporal.

Raios! Estou atrasado, o trem parte em dez minutos. Madalena estará cansada de esperar. Aposto como usa o vestido verde; é o prazer egoísta de sentir-se desejada, e o vestido deixa-lhe o colo à mostra, e os olhares dos homens unificam-se, contorcem-se, mergulham antropólogos no decote ousado. Será hoje ou nunca; se adiarmos desistirá, há algum resquício de honestidade em seu desejo... O sinal foi fechar logo agora... Tenho tempo de atravessar...

O sistema nervoso funciona como fusível: deixa comunicar cargas até determinado limite, energia demasiada rompe-o. O choque transformara-se apenas em sensação de proximidade. O silêncio vestira-o de uma camada impermeável.

— Sim, estou bem, a não ser estas malditas correias que me prendem e esse peso enorme sobre as pernas. Foi grave o acidente?

— Acalme-se. Deixa-me tomar sua temperatura, depois procure dormir novamente. Amanhã trocaremos nossas histórias. Dê-me seu braço, quero ver se ainda sirvo para costureira.

Desamarrou-lhe o braço e picou-o com a seringa que trazia, devolvendo-o após a prisão que o imobilizava. Arrumou o travesseiro, as cobertas brancas, deixando-lhe a sensação agradável de frescura envolvendo os lençóis pesados que escondiam o corpo violentado.

— Não fale. Você está muito fraco ainda, perdeu muito sangue; amanhã teremos oportunidade de conversar com calma. Boa noite.

O perfil não conseguia ser desfeito pelo uniforme. Deixou os olhos descansarem na silhueta alva que se destacava real naquele mundo de sombras.

— Boa noite. Obrigado.

Refêz-se a cortina de silêncio, intransponível. Imóvel o corpo amoldava-se aos ângulos do leito, impotente pelo peso desmesurado que o prendia horizontalmente.

Evitara sempre a continuidade das perguntas. Aquietou-se sonolento à espera do conhecimento de sua tragédia. Sabia apenas do automóvel que o derrubara, da espera inútil de Madalena, das correias imobilizadoras. Amanhã reconheceria a extensão do drama, faria o balanço dos ossos partidos e consultaria a curva ascendente da febre.

Junto à mão direita estacionava o botão de alarme, mas o movimento da cabeça era condicionado pelo travesseiro alto, razão por que só distinguia a moringa pequena sobre a mesa de leito.

Deveria estar num quarto destinado a doentes graves, só, afastado dos barulhos da noite. Devia ter sofrido um grande acidente. As correias e a injeção impediam-no de mensurar seu estado. O peso que lhe esmagava as pernas foi crescendo, avolumando-se; começou a oprimir-lhe

o abdome, o peito, os olhos, cada vez mais forte... mais forte... mais forte... que sua consciência desapareceu sob a massa pesada.

OS ASPEDES

Essa enfermaria destina-se aos hóspedes demorados. Oito frações, no princípio, implicaram com a classificação de Otávio, mas foi fácil justificar cá-la: oito pedaços de homem, heterogêneos, desconexos.

Marcos, brasileiro, solteiro, vinte e três anos de sonhos inúteis, três anos suportando-se, alenta-se, engana-se. A tuberculose óssea não muda, decompõe-se; interioriza-se, vive para dentro. Segue rigorosamente a prescrição médica. Ocupação predileta: poesia; prognóstico: morrerá dentro de dois anos.

Leopoldo, brasileiro, viúvo, cinquenta anos. Câncer no pulmão. Católico, bom, meio-intelectual. Mata o tempo inventando coisas e lendo a Bíblia. Morrerá quando o câncer não mais tiver alimento.

Bento, paraplético, falador e medroso. Existência sem prazo fixado.

Alberto, triste, profundamente triste, inconformado materialista. A perna apodrece irremediavelmente; usa água de colônia para afastar o cheiro desagradável.

Cícero, pedra nos rins. Caso difícil; três vezes foi operado, e insiste em ficar são, voltar para a família. Adora os filhos, e, nos dias de visita após a saída da família, deixa o coração diluir-se na solução de lágrimas. O mais amado e mais infeliz.

Valter, imberbe ainda, lesão no intestino. Morrerá num dia de sol quando a rua trouxer o ruído do Carnaval, e não acreditará.

Otávio, cabeça, tronco e dois membros.

Edson, deixará a enfermaria em breve. Os amigos pensam dar-lhe uma cesta de rosas. Há sempre uma rosa em sua jarra.

As existências confinavam-se aos sessenta metros quadrados do aposento e ao pequeno pátio do hospital. As esperanças resumem-se em uma palavra — alta.

Terrivelmente condicionadas aquelas vidas. As queixas perdiam-se entre os consolos mútuos. Ciliciavam-se, e as palavras adquiriam um tom lúgubre de confiança desconfiada.

A chegada de Otávio em nada modificara o ambiente; era mais alguém a esperar, a dividir a esperança, a acrescentar desesperos. Dê-la partira a classificação absurda quase de frações.

Otávio não se podia julgar um homem; havendo perdido as pernas no instante preciso da conquista definitiva. Cabeça, tronco e dois membros. Eles jamais poderiam completar uma unidade, por mais que se auxiliassem, que se somassem, seriam sempre heterogêneos, incapazes de conseguir algo uno, perfeito. Pedaços de vida, remendados, suportáveis, planejando um futuro que dependia do raio-X ou da reação de um novo teste.

A bondade de «seu» Leopoldo, as citações bíblicas eram insuficientes para que os sorrisos correspondessem à alegria. E o velho tinha o risco fácil e a palestra agradável, acordava os companheiros com salmos de David e citava Salomão nas crises de desespero.

Marcos, contudo, morria em cada verso trabalhado, moço, ansiando pela vida e sentindo os ossos desaparecerem. Não poderia ter mais o seu nem caveira seria um dia. Os ossos afinavam-se, enfiavam-se, viravam farelo. Vinte e três anos liquefazendo-se num leito, e havia sol além das janelas, sorrisos de mulheres no pavilhão vizinho.

A rosa vermelha atestava ainda a existência de Edson, era seu estoscópio, o calendário de sua vida. Seus olhos buscavam-na cada manhã para convencer-se de sua realidade. Podia-se contar os dias pelas rosas vermelhas, era a superstição tola dos hóspedes, mas a rosa era a mancha desconexa da vida estuante, lembrava sol, lábios.

(Continua na página 58)



Com uma grande equipe especializada em pesquisas físicas, o famoso cientista P. Kapitza lança-se na luta que visa dotar a União Soviética da bomba atômica. Inúmeros cientistas de renome mundial nela tomam parte, e as últimas pesquisas de Rutherford e de Otto Hahn muito contribuem para que as experiências soviéticas prossigam animadas. Um dia, o rabujento professor Kourchatov — o qual, rejeitando o bombardeamento preconizado por Otto Hahn e por Rutherford, tenta atingir ao fracionamento atômico através da fissão — recebe mais um telefonema de seus jovens assistentes. É alta madrugada, e o telefone desperta todos os moradores da casa. Mas...

Por M.A. BIEV

Ilustração de RAMÓN

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone e Pierre Horay

(Cont. do número anterior)

IGOR Vassilievitch, venha cá depressa!

— Vou agora mesmo, voando! Mas malditos sejam os que me tiraram da cama!

O professor desliga raivosamente o telefone. Possui boas razões para estar furioso. É a milésima vez que os seus dois jovens assistentes, Georges Flerov e Casimir Petrzak, avisam-lhe, de madrugada, que afinal tiveram êxito suas pesquisas. E de cada vez, tão logo chega ao laboratório, cheio de sono ainda, a fim de verificar os resultados do bombardeamento, descobre a falsidade do rebate: Que o chamem de dia, vá lá, mas de madrugada, acordando toda a família, num frio daqueles... Positivamente, era intolerável.

— Vão para o diabo que os carregue!

Ele estava já de novo pegando no sono, quando o telefone toca. No quarto vizinho, seu filhinho de somente 6 meses começa a choramingar. Foi a campainha que acordou o pequenino Joura.

desperta a casa inteira. Impossível, Deus do céu! Vocês estão aí, e nada me disseram antes?...

— Mas estamos dizendo justamente, senhor...

— Pois me esperem um pouco, meus bravos!

O professor veste-se em poucos minutos, enfiando um sobretudo sobre o pijama de dormir, e dirige-se imediatamente para o laboratório. Não fica perto de sua casa, para ir a pé, e correndo como ele faz.

Desde o «baile de máscaras» que o idoso professor andava sorumbático. Sabia, certamente, que estava faltando muito pouco para que a sua idéia de fissão viesse a ser concretizada. As experiências de Otto Hahn e as de Joliot-Curie tinham desviado a atenção dos demais pesquisadores, e quase que eles o haviam convencido a abandonar seu projeto inicial. Mas não, Kourchatov prosseguira, com maior ardor ainda, as suas experiências. E os resultados estavam surgindo.

Algumas semanas antes, soube-se que Joliot-Curie confirmando o efeito Hahn, enriquecera ainda mais a sua «reação em cadeia». O trabalho de Kourchatov não passaria de uma sen-

O ENIGMÁTICO KAPITZA

— O meu erro foi ter levado a sério o que vocês me diziam. Dar-lhes essa função, que burrice! Uma estupidez que agora estou pagando caro.

— Mas... Igor Vassilievitch, é bom que o senhor venha agora mesmo, depressa! É urgente! Estamos vendo sobre a tela...

— O que? Estão vendo... traços? numerosos?...

Kourchatov agora está bem acordado, e sua cólera passou como que por encanto.

— E como são eles?

Do outro lado do fio, a voz do jovem Flerov, de vinte e sete anos, treme de emoção.

Mais calmo do que seu colega, Petrzak começa a falar, confirmando tudo:

— Sim, aparecem traços numerosos, e curvas.

— CURVAS? grita Kourchatov tão alto, que

da errada. Está quase alcançando a meta, porém suas últimas tentativas no «écran» Ousiskine não tinham permitido a observação de novas trajetórias de moléculas. Todas as que lhe chegavam ao conhecimento, eram retilíneas.

A voz do professor ecoa com força pela casa inteira. Todos os membros da família despertam, sobressaltados.

— Curvas? Será possível? E porque ainda não me haviam falado nada?

— Estávamos falando, justamente quando...

— Um momentinho, por favor.

O professor mete um casaco sobre o pijama e sai voando da sua residência. O caminho até ao Laboratório é distante, para ser feito a pé, mas Kourchatov o faz correndo, em poucos minutos, a despeito da idade.

Desde o célebre «baile de máscaras» levado a efeito no Laboratório que Kourchatov andava mal humorado. Ele sustentava a sua idéia de fissão, a qual andava próxima da verdade. Mas com as teorias de Hahn e de Joliot-Curie, Joliot-Kapitza desejavam prosseguir as experiências naquele sentido, somente, abandonando o caminho preconizado pelo velho professor. Ora Kourchatov sabia que seu sistema era mais rápido e fácil que o efeito Hahn. Para prová-lo, continuou nas pesquisas, incessantemente.

Algumas semanas antes, soubera que Joliot-Curie havia confirmado as hipóteses de Hahn, e enriquecido as idéias do alemão com sua experiência pessoal. O trabalho de Kourchatov parecia aniquilado. Está perto do êxito, porém suas derradeiras tentativas de alcançá-lo são



FOI GRANDE A EMOC



E KOURTCHATOV AO VERIFICAR QUE AS ONDAS NA TELA, ERAM CURVAS E NÃO RETAS, COMO...

infelizes. A grande tela «Ousiskine» não mais deixou ver trajetórias interessantes, diferentes das monótonas retilíneas.

Por meio de uma câmara Wilson, observa-se, estuda-se e fotografa-se o fenômeno atômico. A Câmara Wilson possui um compartimento no qual se estabeleceu o vácuo, e que pode ser observado através de um ôlho mágico. As partículas atômicas que atravessam esse compartimento deixam em circunstâncias especiais traços fotográficos.

Há alguns anos, um jovem sábio, Ilia Ousiskine, trouxera à Câmara Wilson ligeira modificação, pela qual a passagem das partículas podia ser fixada numa tela. Ousiskine fôra sacrificado inútilmente em 1934, num estúpido vôo estratosférico. E seu invento tombara em esquecimento. Seu professor, Kourtchatov, tirou-o do olvido e utilizou-o em suas experiências relativas à fissão. Se apareciam na tela traços retilíneos, o caso era desprezado; mas se as trajetórias fôsssem curvilíneas, o efeito da fissão tornar-se-ia realidade.

KOURTCHATOV DESCOBRE O EFEITO CURVO

O professor chegou ao Instituto sem fôlego. Dirigiu-se para a tela, abraça rapidamente seus assistentes e realiza outra vez a experiência. Uma vez, não: sete vezes seguidas. E todas confirmam os resultados excepcionais obtidos. Com mão trêmula, Kourtchatov toma de seu diário e rasga todas as páginas onde se acumulam, uns sobre os outros, os cálculos das experiências malogradas.

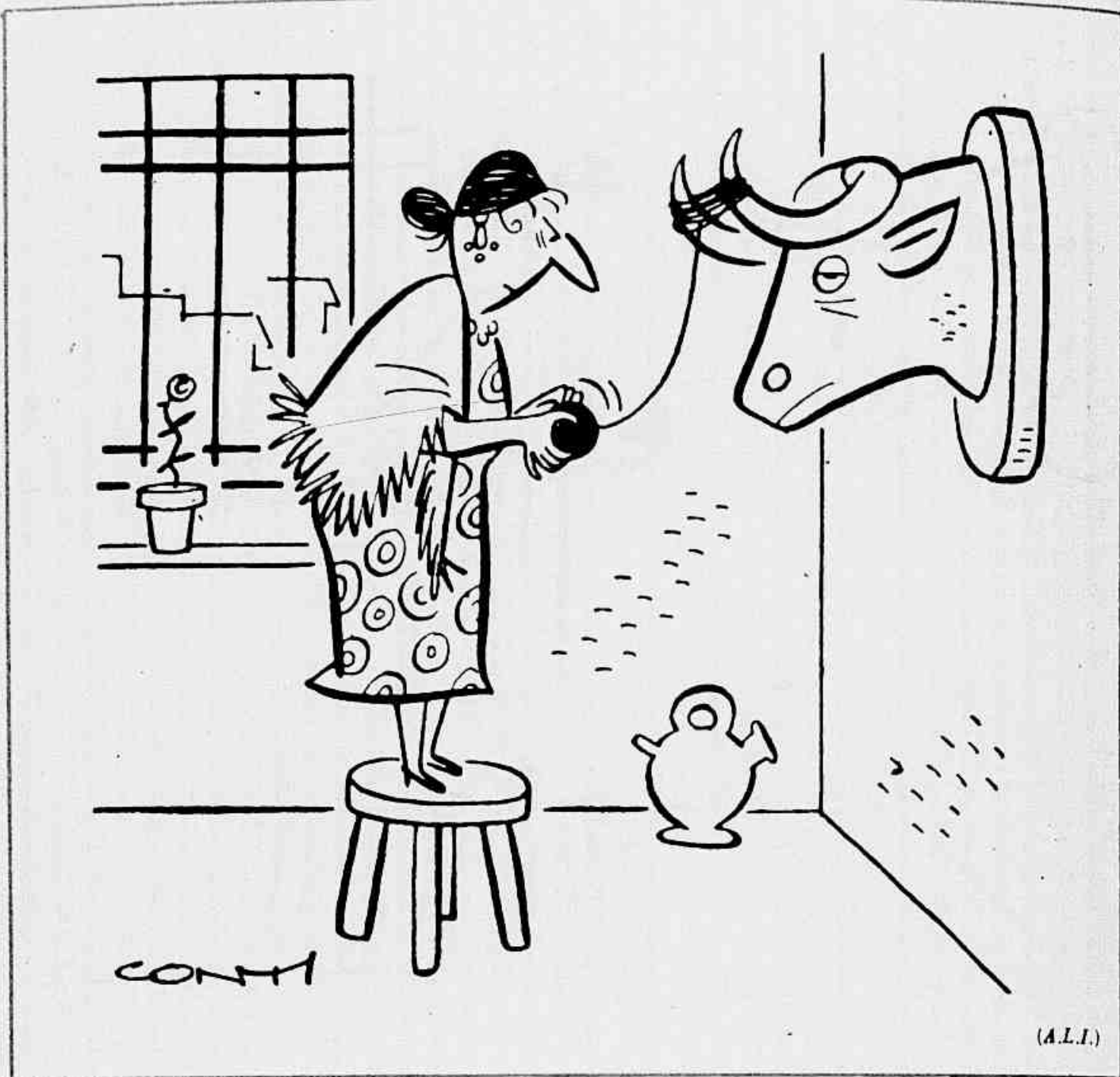
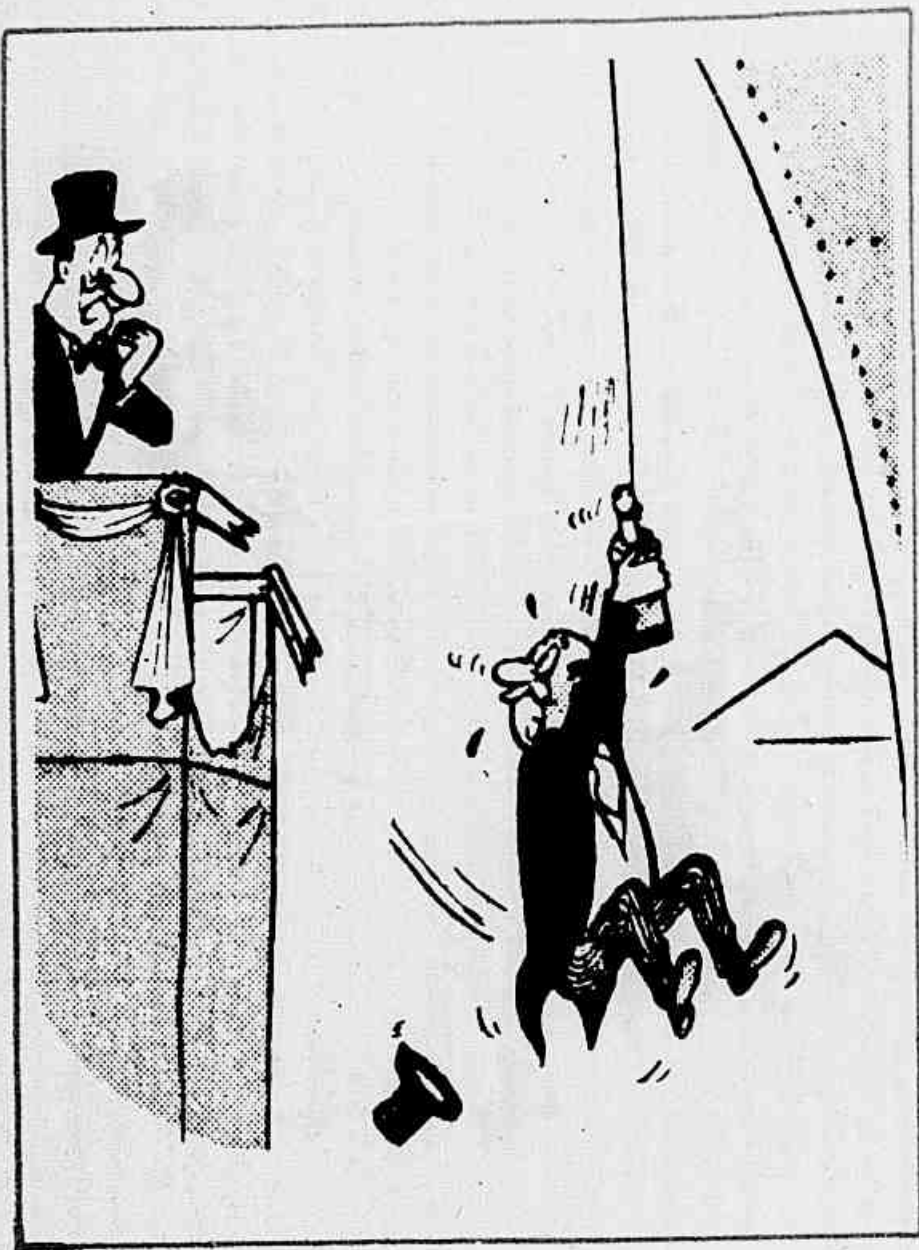
— Vocês não sairão daqui, senão após terem feito novamente toda a experiência. É preciso a todo o preço saber como e porque até aqui não dava ela certo. Não de anotar tudo cuidadosamente, sem nada omitir, no diário.

Em sua alegria delirante, Kourtchatov dá tapinhas nos ombros de Flerov, acaricia a cabeça calva de Petrzak. Abraça a ambos, à maneira russa, e está na porta, prestes a sair, quando volta novamente.

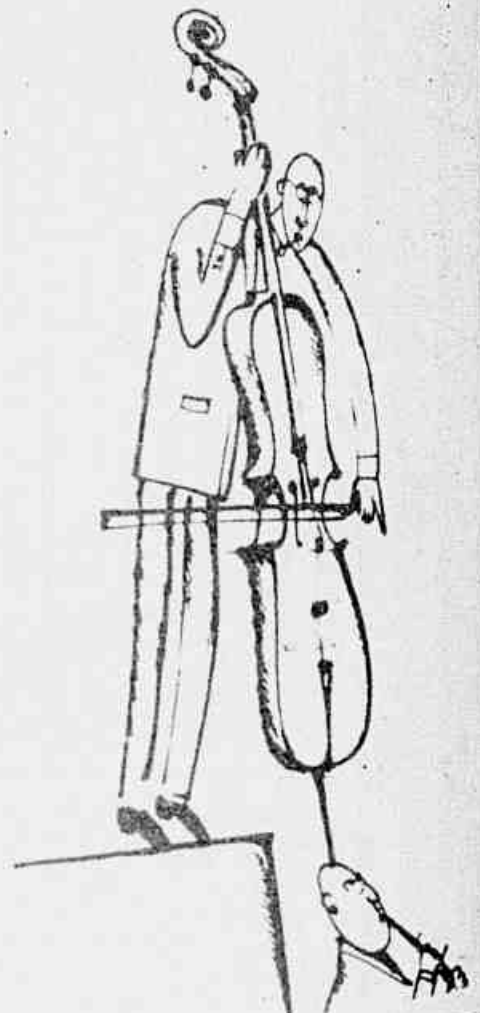
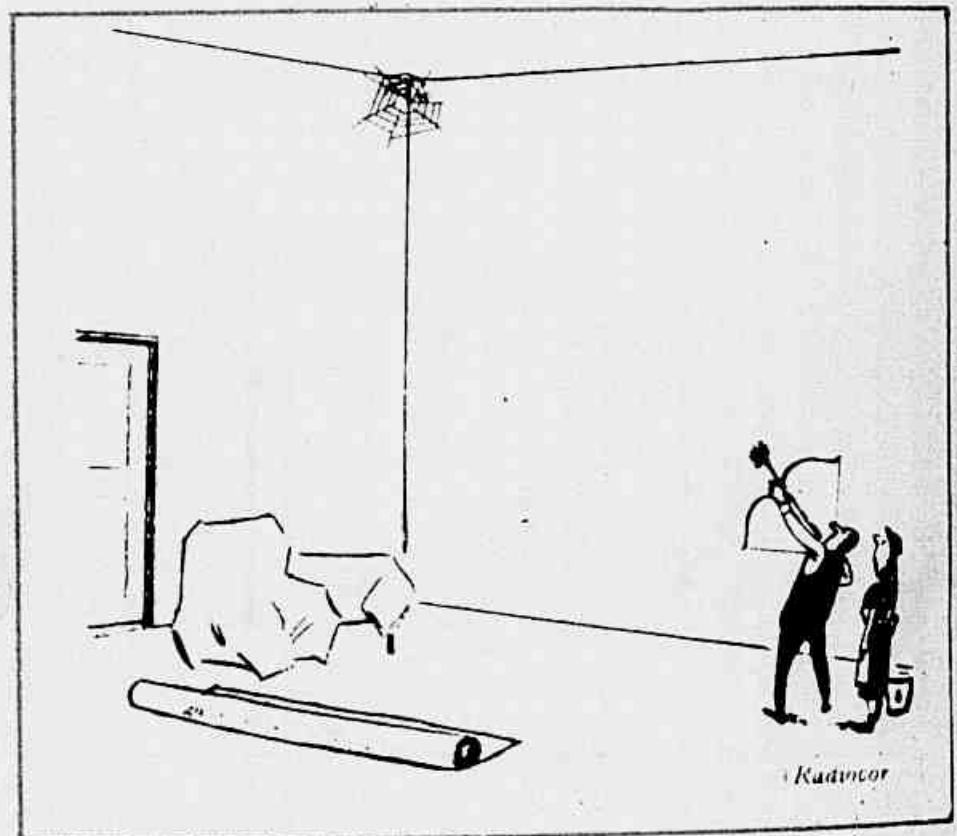
— Lembrem-se: vocês não deverão sair antes de terem aprontado a experiência mais uma vez. É preciso que todos compreendam a importância do acontecimento.

Foi Rutheford quem soube, antes de qualquer outro cientista, que, a fim de dividir o átomo, era preciso submetê-lo a um bombardeio de partículas eletrizadas. Desde então, as experiências se haviam multiplicado. Otto Hahn, que fôra aluno de Rutheford, resolvera o problema da maneira mais simples e mais genial. E o próprio Kapitza, que também estudara sob as ordens de Rutheford, resolvera seguir as experimentações de Hahn. Kourtchatov, porém, se havia orientado por outras diretrizes, seguindo o rumo das ondas curtas, de frequências bastante baixas. Este método, se exigia tensão e frequência mais elevada, em compensação prometia dar resultados mais poderosos, e uma liberação atômica mais segura e forte — em suma, uma explosão.

(Continua na página 58)



O RISO DOS OUTROS



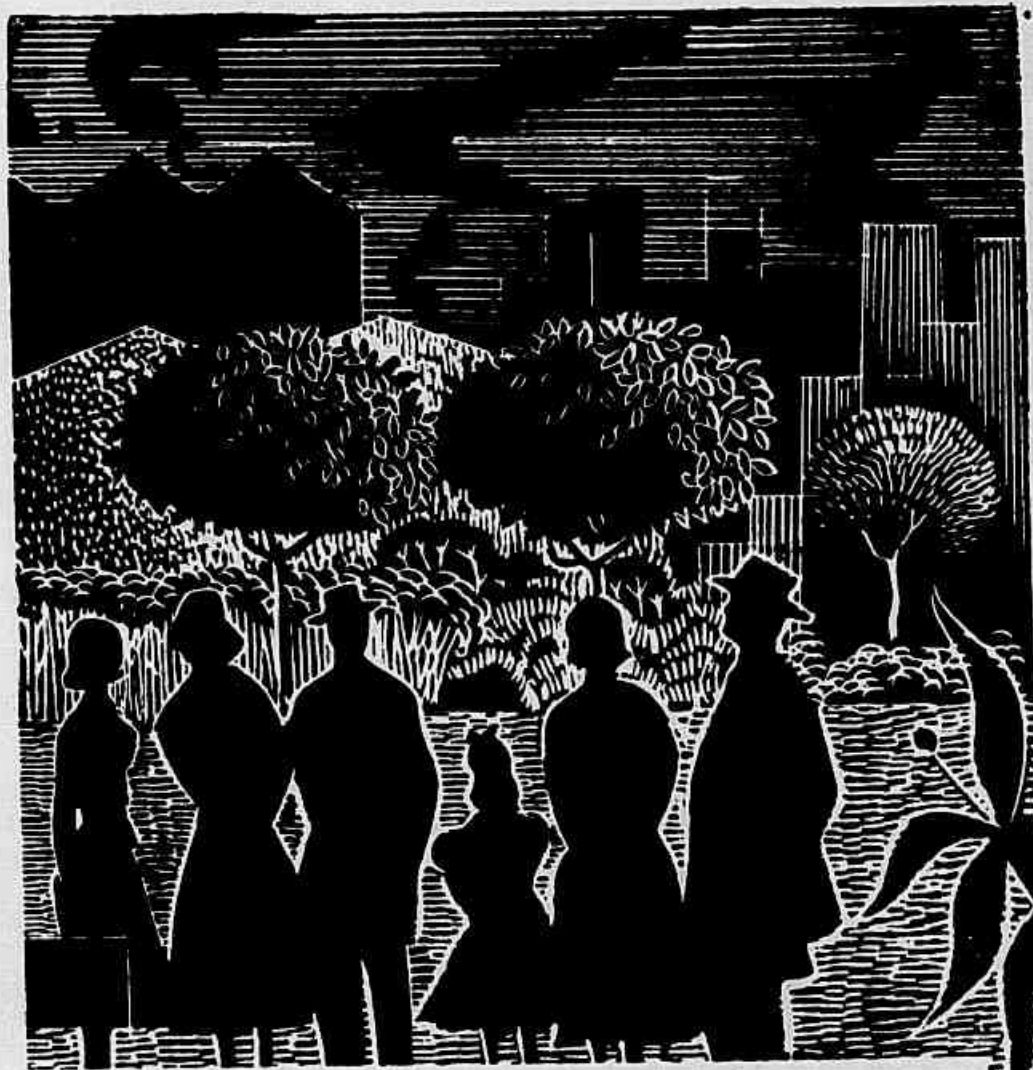
PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Abriu o Canal de Suez:
 - Ferdinand Denis?
 - Ferdinand Lesseps?
 - Ferdinand Lesseur?
- 2—Que laraó fez abrir um canal no mesmo lugar onde hoje se estende o canal de Suez?
 - Nekao?
 - Tutankamen?
 - Amenamat I?
- 3—Com que ópera foi comemorada a abertura do canal de Suez?
 - Salomé?
 - Aida?
 - Nabucodonosor?
- 4—O mesmo engenheiro que construiu o canal de Suez construiu também:
 - O estreito de Magalhães?
 - O estreito de Breves?
 - O canal do Panamá?
- 5—É identificado com Esculápio:
 - Horus?
 - Phta-Hotep?
 - Krisnamurti?
- 6—A maior pirâmide é a de:
 - Keiren?
 - Keops?
 - Mikerinos?
- 7—A descoberta dos hieróglifos teve lugar em:
 - Princípios do século XV?
 - XIX?
 - XVIII?
- 8—De quantos livros se compõe «As Histórias» de Heródoto?
 - Seis?
 - Três?
 - Nove?
- 9—Por que?
 - Em homenagem às Parcas?
 - As Musas?
 - As Danaides?
- 10—Qual a única peça grega da Antiguidade que versa assunto histórico?
 - Prometeu?
 - Os Persas?
 - Os Suplicantes?
- 11—Qual o trágico grego cujo túmulo faz referências somente às suas façanhas guerreiras?
 - Sófocles?
 - Eurípedes?
 - Esquilo?
- 12—Feidípades celebrizou-se por:
 - Ter incendiado o Templo de Diana?
 - Por ter corrido de Maratona a Atenas?
 - Por ter matado Arquimedes?
- 13—O historiador Flávio Josefo escreveu sobre:
 - As guerras médicas?
 - A história judaica?
 - A guerra do Peloponeso?
- 14—A ilha Bleluscú lembra um célebre livro:
 - Robinson Crusoe?
 - Gulliver's Travels?
 - The Origin of Species?
- 15—Muitas das observações efetuadas por Darwyn tiveram como cenário a ilha de:
 - Marajó?
 - Galapagos?
 - Sumatra?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Lesseps; 2 — Nekao; 3 — Aida; 4 — Canal de Panamá; 5 — Phta-Hotep; 6 — Keops; 7 — Princípios do século XIX; 8 — 9; 9 — Em homenagem às Musas; 10 — Os Persas; 11 — Esquilo; 12 — Por ter corrido os 42 quilômetros que separavam Maratona de Atenas; 13 — A história judaica; 14 — Gulliver's Travels; 15 — Galapagos.



SOROCABA e SÃO ROQUE

60 VIAGENS POR DIA!

das 6,00 às 22 hs.
cada meia hora

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

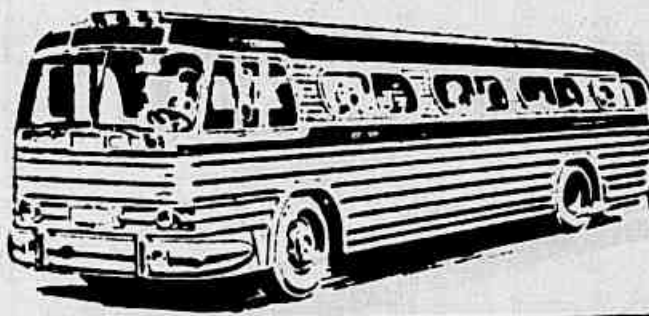
Rua Senador Queirós, 85 - Fones 34-2399 e 36-6402
Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

SOROCABA

Rua Mons. João Soares, 221-235 - Fone 654



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Lida

AZASO - EB-8



864 HOMENS, A TERRA



Lyakhov, da URSS, filmou quase todo o almoço no Iate Clube e pretende levar um farto material do Brasil. «Brasília Demokratia, Da?» À esquerda: «Oh! This is Mr. Parsons, indeed!» — Ele é especialista em «geografia humana», nada mais natural portanto que procure conhecer todos os «acidentes» num trabalho «in location»... — pilheria um colega seu. «Mas, o senhor não vai publicar... isso, vai?»

RELEMBRANDO PEDRO II EM ANTUÉRPIA ★ 44 NAÇÕES NO RIO ★ O USO DA TERRA ★ O MUNDO NO ANO DOIS MIL ★ ASPECTOS DIVERSOS ★ CURIOSIDADES

Reportagem de W. GUARNIERI

Fotos de A. FERREIRA

NO longínquo ano de 1871, quando, pela primeira vez no mundo, se reuniram homens de ciência para discutir os problemas da Terra, na cidade de Antuérpia, lá esteve presente também um delegado brasileiro — e um brasileiro dos mais ilustres — Sua Majestade, o Imperador D: Pedro II.

Seiscentos delegados compareceram a essa primeira reunião, designada oficialmente como «Congresso de Ciências Geográficas, Cosmográficas e Comerciais.»

Sòmente muitos anos depois, em 1919, foi feita uma tentativa mais séria para coordenar a ciência mundial, quando se organizou um Conselho Internacional de Pesquisas, hoje conhecido pela designação de Conselho Interna-

cional de Uniões Científicas. Sob o patrocínio dessa novel entidade, e com a participação de delegados da Bélgica, França, Grã-Bretanha, Itália, Japão, Portugal e Espanha, criou-se em Paris a União Geográfica Internacional, e, desde então, os congressos internacionais atingiram notável rendimento científico e cultural.

Os Congressos Internacionais que se promovem de 4 em 4 anos, têm por finalidades favorecer o progresso da ciência geográfica, facilitando as relações pessoais entre geógrafos de diferentes países e a discussão de problemas geográficos, e este XVIII conclave teve por sede a capital do Brasil, atendendo a um convite de nosso país, feito em 1949, e apresenta como particularidade o de ser o primeiro a realizar-se no Hemisfério Sul.

SEUS PROBLEMAS

A TERRA E SEUS PROBLEMAS

Várias organizações religiosas compareceram à cerimônia da instalação como «freelancer», apenas como simples observadores.

Das 44 nações que aqui se fazem representar figuram personalidades da maior estatura científica. Pela Grã-Bretanha, representando também a União Geográfica Internacional de que presidente, veio o dr. L. Dudley Stamp, considerado como a maior autoridade mundial em assuntos de «uso da terra». O inventário que lê dos recursos da Grã-Bretanha, nesse particular, tiveram papel saliente na defesa de seu país durante a 2ª guerra; o prof. Orlando Ribeiro da Universidade de Lisboa, especialista em geografia agrária; o prof. Carl Troll, diretor do Instituto Geográfico da Universidade de Bonn, reconhecido como a principal figura da geografia alemã contemporânea; o prof. Pierre Delfontaines, que atualmente exerce a cátedra na Universidade de S. Paulo e do Distrito Federal, que pode ser considerado como um dos iniciadores do movimento geográfico moderno aqui no Brasil. Ficamos, apenas, numa citação muito breve e que de nenhuma forma irá desmerecer o valor e a capacidade das centenas de outras tantas sumidades que vêm trazer o seu concurso valioso a esse magno conclave geográfico.

Na cerimônia de instalação dos trabalhos foram postas em votação as propostas de admissão como membro efetivo da União Geográfica Internacional, de cinco novos países: A Hungria, a Finlândia, a Etiópia, a Alemanha Ocidental e a União Soviética.

A aprovação foi unânime para os quatro primeiros, somente a Rússia obteve 3 votos contrários, (ao que se murmurava as delegações de Portugal e Espanha foram contra). Os Estados Unidos, pela palavra do chefe de sua delegação, fez questão de tornar público que o voto dos norte-americanos foi favorável à admissão dos soviéticos, que — acrescentou — «em matéria de geografia, já deveriam estar conosco há 30 anos».

O planejamento dos trabalhos dividiu o Congresso em 13 seções que compreendiam estudos sobre Cartografia e Fotogeografia, Geomorfologia, climatologia, hidrografia, biogeografia, geografia humana, médica, agrária, histórica, política, da população e do povoamento, regional e de metodologia e ensino.

Esforço digno de registro foi o da equipe brasileira, que sob a chefia do prof. Jurandir Pereira Ferreira se ocupou nos mínimos detalhes da complexa programação de todos os trabalhos, além de preencher os horários vagos com o empreendimento de excursões pelos Estados pro-



Membros da delegação alemã, recém-admitida ao Congresso, esforçam-se por acompanhar com atenção a tese do francês J. Trinard: «Dr. como a ação do homem prejudica o potencial hidroelétrico dos rios» que estava em debate.



Momento embaraçoso para os soviéticos. O austero chefe da delegação, professor Guerassimov interroga em russo a baiana do «show». Mas, o intérprete oficial, professor Gornoung não parece muito interessado em saber o «que é que a baiana veio fazer ali perto»...

porcionando aos visitantes uma acolhida bem a altura de seus merecimentos.

Alojados em sua maioria nas dependências da Escola Naval, onde também tinham lugar as reuniões das seções, os cientistas, apenas nos intervalos dos trabalhos, encontravam tempo vago para um «bate-papo» com os jornalistas.

A delegação da União Soviética — por motivos que não nos foi possível apurar — composta de 10 membros, ocupou as instalações do Aeroporto Hotel, nas proximidades.

Como não poderia deixar de acontecer, os russos foram motivo de intenso assédio por parte da imprensa. Sempre bem humorados, distri-

buíam sorrisos com fartura. Mas, emudeciam abruptamente quando algum jornalista mais curioso pretendia levar a palestra para o rumo político.

— De política não viemos tratar — diz-nos o prof. Gornoung, o intérprete oficial da delegação, em excelente francês.



Lois v. Anderson do State College de Indiana gostou imensamente do «show» das baianas, após o almoço do Iate Clube. Havia muito uísque, daí a procura de uma posição confortável para poder assistir ao espetáculo...



D. Lourdes Radesca, assistente da Faculdade de Filosofia de São Paulo atende a uma consulta da colega. Mais de 600 delegados brasileiros, na maioria estudantes, compareceram a todas as reuniões deste importante congresso.



O canadense Bogdan Zaborski da Universidade de McGill em Montreal sorri do bom-humor do presidente da União Internacional de Geografia na cerimônia de instalação do Congresso.



Richard P. Momsen Jr. (integra a delegação norte-americana, mas reside em Petrópolis) e o dinamarquês Axel Schou da Universidade de Copenhague. «Para conhecer bem o país é preciso viver como eu vivo o Brasil» — diz.

Formosov e Lyakhov, ambos da Academia de Ciências da URSS. Os russos foram as «vedettes» do Congresso. Muitos delegados chegaram a queixar-se de que a imprensa só «dava bola» para os eslavos. «Afim, eles são congressistas como nós também, não acham?»



Meditando profundamente, o prof. Renée Clozier, do Instituto de Urbanismo de Paris, acompanha o desenrolar dos trabalhos. Mas, nenhum cientista se julgou capaz de identificá-lo na foto, nem mesmo o dr. Fábio de Macedo Soares que permanece atento a seu lado.

Enquanto perambulávamos pelo setor «Recepção», destinado a fornecer esclarecimentos aos congressistas, surgiu o prof. Lyakhov, membro da delegação russa que, com auxílio do intérprete, pois nenhum membro ia a outra língua, com exceção do prof. Gornoung, solicitou instruções para a guarda de valores.

— Quanto pretende guardar? — inquiriu o jovem recepcionista.

— 1.500 dólares.

E, ato contínuo, Lyakhov vai desembolsando o dinheiro. Nada menos que 600 dólares, em notas de 1 dólar, apresentou o soviético.

Enquanto a moça esforçava-se por contar com segurança aquela enormidade de dinheiro trocado, aproximou-se um «polícia especial» que por ali permanecia utilizado como estafeta, segundo esclareceu-nos, mais tarde, o prof. Steiberg, delegado brasileiro.

Lyakhov olhou inquieto o policial e perguntou à moça, com polidez:

— É para guardar a «tesouraria»?

Foi-lhe, então, explicado que o homem apenas ali estava casualmente.

O «PE» enfrentou o «olho de Moscou» com certa fleuma e procurou sorrir desajeitadamente.

Lyakhov sorriu também e voltou a desembolsar seus dólares com mais tranquilidade.

Durante os primeiros dias, a temperatura baixou um pouco. Debruçado na amurada de um dos corredores da Escola Naval, estava um senhor vestindo grosso «pull-over» e ainda com um cachecol enrolado ao pescoço.

Aproximamo-nos. Era o canadense Joseph Garry, de Montreal.

— Como vamos de trabalho?

— Oh! Não se pode produzir muito com esse frio...

Estranhamos que a temperatura amena, para nós cariocas, perturbasse tanto um representante nórdico. Fizemos alusão às geleiras de seu país, e em resposta ouvimos o «pagamento na mesma moeda»:

— Ah! sim, as geleiras!... A mesma coisa eu pensava também aqui do Rio... Coqueiros, muita praia e muito sol... Trópico, sabe?

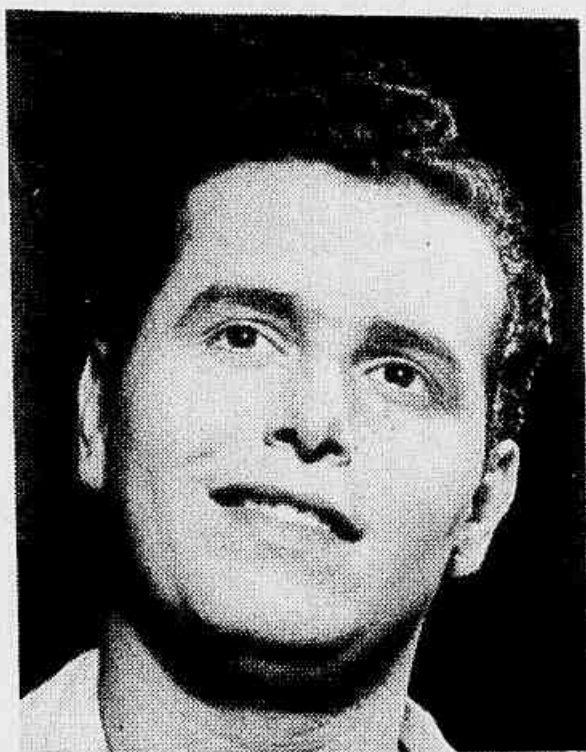
Um dos cientistas mais ocupados era, sem dúvida, Mr. Dudley, o presidente da União Geográfica Internacional. A não ser por breves momentos, jamais vimo-lo só. Sempre rodeado de numeroso grupo. Num desses «horários vagos» abordamo-lo para obter confirmação de um trecho de seu discurso inaugural.

— É fácil mostrar — diz-nos Mr. Dudley — o que, inevitavelmente, sucederá se o aumento da população do mundo continuar a se fazer sentir na mesma taxa de crescimento — superior a 1%. Dentro de 75 anos a população do mundo (que é presentemente de mais de 2 bilhões e 600 milhões de almas) duplicará. Ora, com 4 bilhões de habitantes, lá para o ano 2.000, na terra só haverá lugar mesmo para «gente em pé»...

(Cont. na pág. 44)



MARA ABRANTES... o pau comeu na casa de Noca...



DICK FARNEY... alguém como tu... assim como tu

MAIS UM INIMIGO DO HOMEM DA NOITE...

◆ A gente podia chegar em casa de madrugada com uma mentirinha regulamentar na bôca. O perigo era o «baton», mas «baton», um miolo de pão amigo, ou mesmo a borracha do caixa da «boite» resolveriam com sucesso o problema. Conheci um amigo noturno que abreviava a coisa do «baton», esfregando na mancha, cinza de cigarro. Ganhava distarce com a misturação. «Baton» sempre constituiu um perigo, realmente, mas não como esse atual, mesquinho, traidor por conta dos tempos modernos. Um bar sem telefone constitui um perigo ainda maior para o marido notívago. É que a qualquer momento pode entrar pela porta a dentro a «legal» e dar um «ilagra», em boas condições. Todos esses princípios são antigos e do velho código da boêmia de todos os pontos.

Há muito que o povo brasileiro quer imitar as inovações norte-americanas. Há bem pouco ninguém conhecia Nova Iorque, que parecia mais longe e de dólar muito alto. Veio a fase do «Compra-Cadillacs» e a onda que levou gente foi de tal grossura que os hábitos foram imitados. A mocidade aplaude assobiando, o que era feito há bem pouco — e as mocinhas dançam «boogie» na frente do avô mais austero. Mas nada disso teria importância se um inimigo enorme não tivesse surgido dentro as noites. Ele o causador de mil e um desquites, ele o culpado por uma infinidade de amuos e bate-bôcas, ele o causador de um domingo sem praia, entre suspiros e num silêncio de matar. E quem foi que o trouxe? Quem o importou de terras longínquas para vir encher a alma e a cabeça da gente de desprazeres e descontentamentos? O homem de negócio, o ganancioso e gordo especulador que muito embora já esteja com a burra cheia de dinheiro quer mais ouro para seguir sua vida de colecionador de notas de mil. Deve ter sido um industrial qualquer, daqueles que acordam muito cedo, dormem mais cedo ainda e sonham com cifrões a noite inteira, e que acabam morrendo de «infarte» sem grande acompanhamento, a não ser pelos interessados na firma e na viúva rica. Deve ter sido alguém que quis dar um toque de progresso nesse Brasil já tão progressista e trouxe o demônio para junto de todos nós. E o micróbio proliferou e se espalhou com a rapidez do Equanil e hoje em dia não há um bar, um restaurante, uma «boite», um «dancing» que não tenha as suas caixas de fósforos próprias. E é uma beleza quando chegamos em casa de madrugada e ouvimos o clássico «onde esteve você?» e respondemos vagamente: «batendo papo com a turma»; e já no dia seguinte ela vasculha o bôlso e encontra caixas de fósforos escritas: «Jirau», «Clube 36», «Cangaceiro»... e até uma que tinha apenas o nome «Lili» e o número do telefone... Usemos isqueiros porque esses fósforos são inimigos da união!

SURRAS

Fernando LÔBO

O mês de julho é o mês da «bruxa» — como dizem os aviadores. Este que passou assinalou dentro das noites um punhado de brigas. E' que, embora o tempo estivesse frio, muita gente se esquentou pelas madrugadas à fora e o pau andou comendo em pontos variados desta pacata cidade de São Sebastião. Sem querer enumerar as surras de marido em mulher e de mulher em marido, vamos ficar apenas com o pessoal da noite que é de meu conhecimento. Duas «vedetes» do teatro agrediram a socos uma cantora de «boite». Um conhecido cronista noturno foi agredido por quatro cavalheiros do «café-society» por motivos ainda não confirmados. Também um cidadão da noite foi agredido no «Sacha's», por outro conhecido cavalheiro. Um cidadão de São Paulo, também dentro do «Sacha's» fez o pau comer sôlto. Será que tudo isso não está acontecendo por influência das lutas da TV-Rio aos domingos? Ou quem sabe, depois das declarações da sra. Vanda Oiticica (Dona Franciscana) que prevê a chegada dos marcianos para setembro? Veja lá, dona Vanda, se eles vão estragar a nossa parada do dia sete!

Em tempo: Fafá quebrou a mão de tocar violino depois de tocar a mão no freguês cuspidor.

ROTEIRINHO

Helena de Lima, depois que voltou de São Paulo está cantando no Little BAR — Swing, a alegria das noites do «Key Bar» ◆ Fernando Barreto e sua figura britânica tôdas as noites no «Drink». ◆ Valdir Calmon e um solovox sonoro, e mais três cantoras que cantam dentro das noites do «Arpège». ◆ Manezinho Araújo vai abrir um enorme «Cabeça Chata» bem na beira da Lagoa Rodrigo de Freitas. ◆ Glória May voltou de Portugal para resolver aquela parada antiga dos

moços do Leblon. Mas vai voltar. ◆ E' preciso ver e ouvir Dick Farney e Inezita Barroso na «La Cre-mailère». ◆ Em São Paulo o pianista Freddy, que há muito dava acordes no «Captain's Bar», transferiu-se para o «Michel's». ◆ Colcha de retalhos de velhos «shows» o «Humoresque» do Copacabana. ◆ «La Maschera» é, por enquanto, um clube de bridge. Dentro em breve inaugurará a «boite» na parte térrea, que no momento é restaurante e bar.



GLORIA MAY... Portugal meu avôzinho...

A qualquer hora
do dia
ou da noite

a
RÁDIO RECORD

de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

Record



Desenho de ADIR BOTELO

O CÃO, O PÁSSARO E O RUMO

◆ Creme sujo, pêlo ondedo e macio e um jeito sacudido de andar na ponta das patinhas, o pequeno cão «buleversou» tôda a rua, «buleversou» mais que todos a mim. Não por ser creme e ter pêlo ondedo e macio, que a beleza, mesmo de cão, não «buleversa», senão que nos admira. «Buleversa-nos» o amor, o ódio, no caso a angústia de um cachorrinho que quer por fôrça passar, seguir seu rumo.

— Daqui a pouco morre debaixo de um carro!

Piedade ou indiferença na voz do senhor de chapéu marrom? Que andar, embora flinando, mas não posso. Prêso à beira da calçada, odeio a onda incessante de carros que impedem o cachorrinho de seguir seu rumo. Eu acabo pegando-o ao colo e atravessando.

◆ Um instante minha aflição aumenta, pensando na «carrocinha», mas logo o coração serena, à lembrança da desorganização dos nossos serviços municipais. Bom para a vida, nossa e dos cachorros, a rédea solta que temos nas ruas do Rio. No passeio, no asfalto, a vida continua seu rumo, dentro das pessoas e dos automóveis que passam. Só em mim ela está parada, expectante, agora como sempre.

◆ Afinal o cachorrinho passou. A tensão nervosa na rua desapareceu e tudo volta à serenidade comum de todos os momentos. Volto às terras da calçada, onde outrora operários pacientes desenharam arabescos com mosaico branco e preto. O sol bate nêles e êles oluscam meus olhos baixos, para êles voltados. Os meandros que seguem contrariam o rumo a que minhas pernas, sem eu o querer, me levam. Um instante comparo-os ao rumo das coisas e das gentes que distraem o rumo que julgo ter minha vida. Atordoam-me a vista os arabescos e o sol. E se não olhasse os bordeios dos mosaicos, o rumo dos ventos, das gentes, senão um rumo? Olho o verde-escuro sombrio do Passeio Público, e invejo o cachorrinho com rumo. Certamente ele lá está, regando os pés das hermas dos poetas. Vou fazer como ele: buscar um rumo. Por ora o mesmo que o dele, e buscar um café ou um bar, onde possa ir até o fundo. São úmidas essas manhãs de julho.

De volta à rua, há-de surgir outro rumo, como o daquele pássaro que corta o céu em vôo largo. De cão, de pássaro ou de fundo-de-barril, o que importa é ter rumo. Rumo.

ARNAUD PIERRE



CENTENAS DE mortos aguardam, no Instituto Médico Legal de Cali, o momento de serem sepultados. E os cadáveres continuam chegando a cada instante em maior quantidade.

TRAGÉDIA NA COLÔMBIA

Oito quarteirões na cidade de Cali destruídos por uma explosão

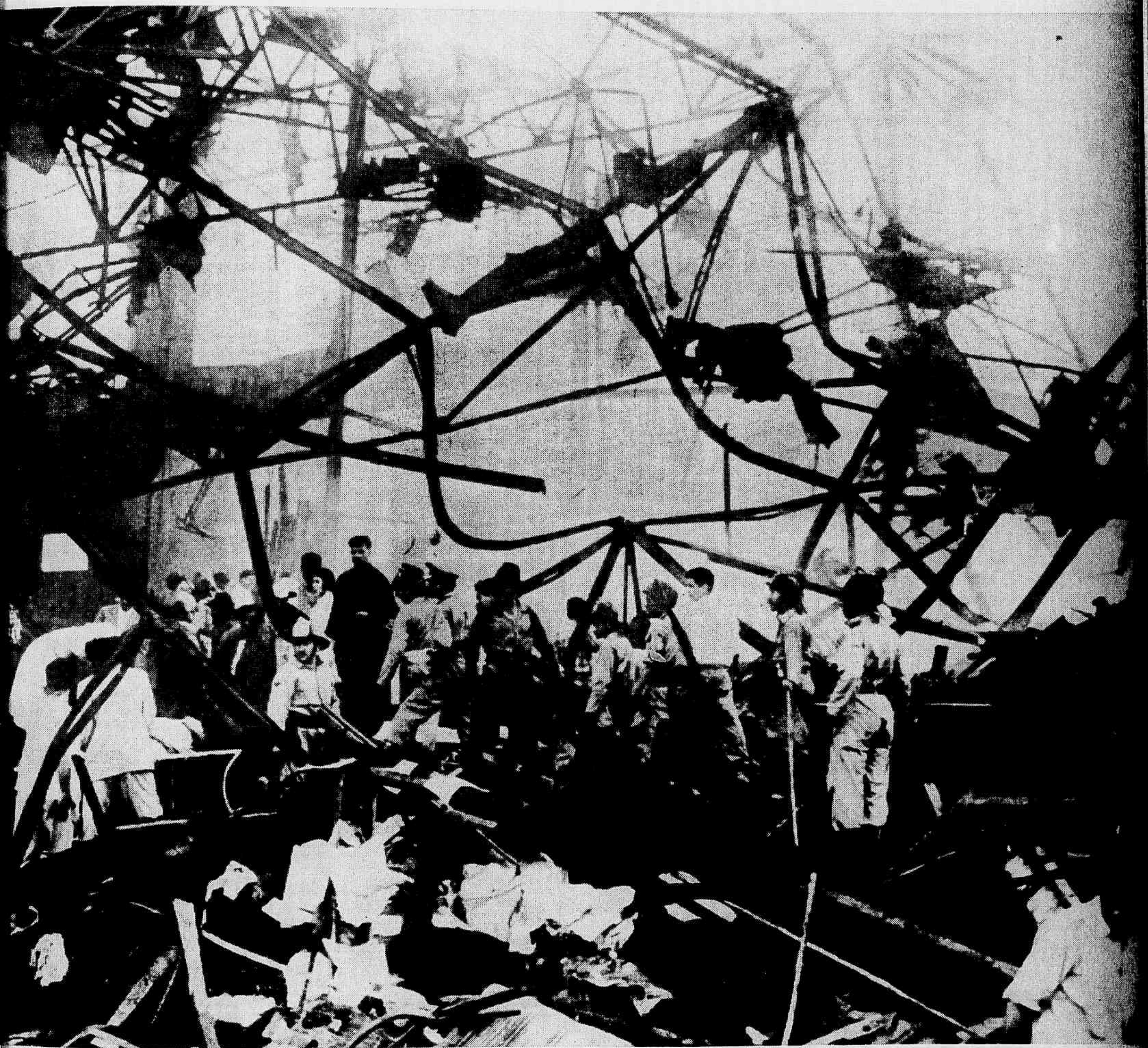
UMA DAS MAIS terríveis explosões de que se tem notícia no Hemisfério Ocidental ocorreu há alguns dias na cidade colombiana de Cali, ocasionando a morte de algumas centenas de pessoas, e a destruição de oito quarteirões compreendidos entre as ruas 21 e 26, justamente, onde se localiza o setor industrial e comercial da cidade. Até ao momento, o número de vítimas retiradas dos escombros ascende a mil e duzentos, porém é de se temer que venha a duplicar, de vez que os bombeiros e os soldados do Exército incumbidos de remover as ruínas em busca de cadáveres apenas chegaram à metade de seu tático mister. Quanto ao número de feridos, é calculado em mais de dois mil. Os hospitais de Cali estão totalmente cheios, e os doentes já começam a ser remetidos para outras cidades da Colômbia, à falta de leitos em sua própria cidade. O sinistro, que ocorreu pela manhã do dia dez do corrente, foi a maior tragédia já ocorrida na Colômbia, ultrapassando em horror mesmo as cenas dantescas da revolta de Bogotá, há alguns anos, revolta que buleversou a atenção da América inteira



DETALHES DA mais terrível tragédia que já se abateu sobre a Colômbia: acima, vagões destruídos pela violência da explosão, uma das maiores de todos os tempos; em baixo, vista aérea do quarteirão sinistrado, e reduzido a cinzas; na página ao lado, entre ferros torcidos e montes de cinza, bombeiros procuram vítimas numa fábrica que foi destruída.



COLOMBIANO ACREDITA QUE A EXPLOSÃO DE CALI FOI FRUTO DE UMA INFERNAL SABOTAGEM.



AS CAUSAS da calamidade, que veio enlutar tantos lares colombianos, são ainda desconhecidas. Há quem afirme que a explosão do imenso depósito de gasolina de Cali — explosão que levou pelos ares centenas de casas, hotéis e fábricas inteiras, deixando sem lar a algumas centenas de famílias, e roubando a vida de tantos cidadãos —, foi proposital: tratar-se-ia de um ato de monstruosa sabotagem, praticado por extremistas, ou por adversários do atual Presidente da Colômbia. Por isso, severas diligências estão sendo realizadas por parte das autoridades governamentais, que tentam apurar as responsabilidades do evento, para depois punir, exemplarmente, os possíveis causadores. De qualquer modo, o pavoroso acontecimento vem encher de tristeza não só o país em que ocorreu, como também todo o Continente Americano, que vem prestando seu auxílio às vítimas da explosão, quer enviando recursos médicos, quer proporcionando víveres e agasalhos aos desalojados, num belo exemplo de solidariedade. (Fotos INS)

Literatura e arte

JOSE' ROBERTO TEIXEIRA LEITE

POESIA



*De um baque se fêz silêncio
naquelas águas cantoras.
O poço era fundo e fresco
e a moça trouxe um presságio
nos cabelos desatados.
A água madura de estrêlas
contou-lhe de um céu mais fácil.
E seus cabelos molhados
arrastaram estrêlas frias
para mais além do amor.*

RUTH MARIA CHAVES

Desenho de MARIA TEREZA

LETRAS MUNDIAIS

★ ANDRÉ MAUROIS prepara um novo romance, que se chamará «Les Roses de Septembre».

★ PARA ESCREVER seu novo livro, Roger Peyrefitte efetuará a mesma viagem que, há alguns milhares de anos atrás, Alexandre o Grande realizou, da Macedônia ao país que é hoje o Paquistão.

★ NOS MEIOS artísticos, o assunto obrigatório é ainda o livro do persa George Isarlo sobre «Les Indépendants dans la Peinture Ancienne», livro que, entre outras coisas, busca provar que a «Gioconda», de Da Vinci, era... um homem! Veja-se um pedacinho desse livro ultra-interessante: «Assim,

quando me encontrei frente à frente com a Acrópole, para a qual me dirigira com tanto entusiasmo, deitado às descrições afamadas, fiquei consternado pela exigüidade de suas dimensões, de seus cálculos de seus «efeitos». Sua arquitetura dada através de todos os séculos como o ideal da proporção, me pareceu desproporcionada em relação aos meus sonhos e às reproduções que eu vira e amara desde a infância. Esperava reconhecer-me pequenino aos pés de colunas imensas... E senti-me desmedidamente grande em relação àquele «bibelot»...

O que logo nos sugere uma indagação: de que tamanho será senhor Isarlo?...

LIVROS EM DESFILE

★ RENATO DE MENDONÇA vê agora editado pela Biblioteca do Exército o livro «Fronteira em Marcha», com o qual conquistou o Prêmio General Tasso Fragoso. É um valioso estudo sobre a evolução geopolítica do Brasil, desde sua descoberta até à consolidação de todas as fronteiras (Biblioteca do Exército Editôra, Rio de Janeiro, 1956 — 273 p.).

★ O SEGUNDO LIVRO de poemas de Foed Castro Chamma, o qual vem colaborando nessas páginas e nas de vários suplementos do Rio, chama-se «Iniciação ao Sonho», e possui sem qualquer dúvida inúmeras qualidades, sem ser, todavia, o que de melhor pode dar o jovem poeta paranaense. Muito interessante, contudo, sua preocupação constante pela Alquimia, preocupação essa que traduz toda uma ânsia de depuração, todo um programa estético — e ético — a cumprir. Em futuro próximo voltaremos a tratar de Foed Castro Chamma (Editôra Brand Limitada, Rio de Janeiro, 1955 — 71 p.).

★ O CORONEL J. B. Magalhães acaba de editar «A Compreensão da Unidade do Brasil», volume onde se estuda, minuciosamente, o papel desempenhado pelos militares na unidade política nacional (Biblioteca do Exército Editôra, Rio de Janeiro, 1956 — 184 p.).

★ A VECCHI publica a tradução brasileira de «O Mistério de um Homem Pequeno», de Eduardo Zamacois, feita por João Henrique (Vecchi Editôra, Rio de Janeiro, 1956, 204 p.).

★ A MESMA casa edita «A Madona dos Trens Noturnos», de Mau-



rice Dekobra, em tradução de Gustavo Barroso (Vecchi Editôra, Rio de Janeiro, 1956, 196 p.).

JUAREZ TÁVORA, que não faz muito tempo publicou «Petróleo para o Brasil», agora edita, pela mesma Livraria, seu volume «Produção para o Brasil». O livro, que não apresenta soluções, mas sugestões, como faz questão de frisar o próprio General, divide-se em cinco capítulos: «Observações à Margem do Nosso Desenvolvimento Econômico», «O Problema da Produção no Brasil», «Um Plano para a Organização e Defesa da nossa Produção», «Política Brasileira de Transporte», e «O Problema Brasileiro da Energia». Juarez, postando-se a igual distância da denominada Escola Liberal e das várias Escolas Socialistas, afirma que está no Cristianismo Social a salvação do Brasil, e preceitua, como católico, o sistema de corporações, para solucionar os diversos problemas sociais que presentemente nos afligem. (Livraria José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1956 — 314 p., mapas e gráficos).

GEIR CAMPOS, autor de alguns bons livros de poesia, entre eles "Rosa dos Rumos", e tradutor de Rainer Maria Rilke, está agora escrevendo um romance, "Navio Cinza". Convém recordar que Geir foi piloto da Marinha Mercante durante vários anos.

PEDRO CALMON trabalha há anos em sua "História do Brasil", que a Livraria José Olympio já está anunciando, em dez volumes. Dizem que tal obra será o coroamento da carreira intelectual do conhecido ensaísta.

CIRO DOS ANJOS, depois do triunfo que foi "Montanha", já tem novo livro a ser publicado, esse pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura. Chamar-se-á "A Criação Literária", e deverá aparecer dentro de mais alguns meses. Ciro anda algo desencantado com a crítica recebida por seu romance. Segundo ele, das poucas recebidas, raras foram aquelas que examinaram seu trabalho fora do prisma político, para encará-lo do ponto de vista puramente estético.

O PRÊMIO Sul América de 1956, destinado a premiar uma monografia sobre "O Petróleo Brasileiro", não foi concedido a nenhum dos concorrentes, segundo o juízo dos componentes do Júri de Premiação, Plínio Cantanhede, Sílvio Fróes de Abreu e Glicon de Paiva.

A BIBLIOGRAFIA (escassa) brasileira sobre Marcel Proust brevemente será aumentada, com a publicação de "Compreensão de Proust", ensaio de Alcântara Silveira.

IONE DE SA MOTA, autora de diversos livros de poesia, entre os quais "Da Posse Prematura", comunicou ao colunista sua intenção de organizar um Clube de Poesia do Rio de Janeiro, semelhante àqueles que

já existem em cidades como São Paulo, Niterói e Campos. É empreendimento trabalhoso, mas que merece ser tentado.

A CIDADE conta com mais um jornal dedicado aos assuntos culturais, embora não se trate — seu diretor faz questão de frisar — de um jornal literário. Chama-se simplesmente BIL, e pretende ministrar, bimensalmente, aos leitores do Rio e do interior, as últimas novidades bibliográficas aparecidas no Brasil. Seu diretor é o livreiro e editor Júlio Barros, e seu redator-chefe, o escritor (Raimundo Correia Estudante) Valdir Ribeiro do Val.

POR FALAR em Valdir Ribeiro do Val e em Raimundo Correia, aquele ensaísta parece estar inclinado a comparecer a conhecido programa de televisão carioca, a fim de responder a perguntas sobre o poeta maranhense.

"OS ADVOGADOS do Diabo", crônicas de Petrarca Maranhão, será o próximo lançamento da Editora Vecchi. Muitos desses ensaios foram publicados no "Correio da Manhã", e alguns outros são inéditos.

RAIMUNDO Magalhães Júnior foi eleito para a vaga de Dom Aquino Correia, na Academia Brasileira de Letras, no primeiro escrutínio, por vinte votos exatos. Outro candidato de peso, Paulo Pinheiro Chagas, teve treze votos. Adolfo Morales de los Rios (2 votos) e Ernâni Lopes (1 único) fecharam a raia. Um imortal votou em branco.

FERREIRA GULLAR, que andou pelo Maranhão, já está de volta ao Rio, O conhecido poeta andou escandalizando os veneráveis membros da Academia Maranhense de Letras, em entrevista que, publicada na imprensa de São Luís, causou tremenda confusão. Quase ia havendo luta corporal...



SIMEÃO E A GRAVURA

♦ Ora, o fato é que Simeão Leal é um tipo extremamente brincalhão. Ao colunista, apresentou há cerca de um ano o grande escultor Bruno Giorgi, dizendo:

— Bruno Giorgi. Tem muita queda pela escultura.

E por acaso não o vi apresentar a um tímido poetastro o insuperável Drummond de Andrade, com as palavras:

— Esse aí é Carlos Drummond de Andrade, TAMBÉM poeta?!

Pois não faz muito tempo, voltando de uma de suas quotidianas incursões pela Imprensa Nacional, até aonde vai em busca de provas de seus "Caderinhos de Cultura", constituindo o terror de linotipistas e revisores, Simeão trazia na mão, triunfalmente, a prova de um clichê cujas cores sotopostas formavam uma composição estranha e cheia de beleza — tal como estamos acostumados a ver em algumas obras de Kandinsky e de outros abstratos. Resolvendo-se a pregar uma peça em seus conhecidos, rabiscou um nome germânico embaixo do borrão harmônico, e pespegou-lhe uma data, 1917, digamos. Deixou a «obra de arte» distraidamente sobre a sua mesa de trabalho.

Em breve um primeiro curioso tomava a GRAVURA na mão e de rosto sério pronunciava o veredicto:

— Formidável. E' do grupo «Die Brücke», não?

E logo outro ajuntou:

— Vejam que composição maravilhosa. Como veio parar no Brasil?

Simeão dava explicações, ministrava novos dados à trapalhada. A coisa complicou-se, porém, com a chegada de conhecido crítico de artes estrangeiro, então de passagem pelo Brasil. O homenzinho, apenas chegado, olhou com olhos de entendido o papel — algumas manchas de várias cores se entrecruzando, formando figuras fantásticas — e logo perguntou aos da roda:

— De quem é essa extraordinária gravura?

Um dos presentes distraidamente retrucou:

— E' do Simeão Leal.

Pensava que o europeu perguntara pelo possuidor feliz da raridade.

— Parabéns — retrucou o ensaísta, virando-se para Simeão —, o senhor é um grande artista.

E foi um custo para o paraibano explicar aos conhecidos, sem melindrá-los, como viera a possuir tão admirável obra de arte, obra de arte que, momentos depois, devidamente rasgada, iria repousar numa humilde cesta de papéis...



AVULSOS

A VENDA o número especial de «L'Oeil» relativo ao Verão. Traz mais páginas do que os anteriores, e custa também mais caro — noventa cruzeiros. Sem embargo, continua sendo a mais barata das revistas francesas de arte, e a nosso ver, a mais completa e informativa.

ALDEMIR MARTINS esteve algumas horas no Rio de Janeiro, à semana passada. Veio buscar os trabalhos que expôs no último Salão Nacional de Arte Moderna.

DJANIRA ESTÁ aborrecida com a opinião daqueles que sustentam que, uma vez que já conhece o exterior, onde até realizou cursos, não poderá concorrer mais a Prêmios de Viagem ao Estrangeiro.

O NÚMERO sete de «Brasil-Arquitetura Contemporânea» já está à venda, como sempre contendo matéria valiosa numa apresentação gráfica excelente.

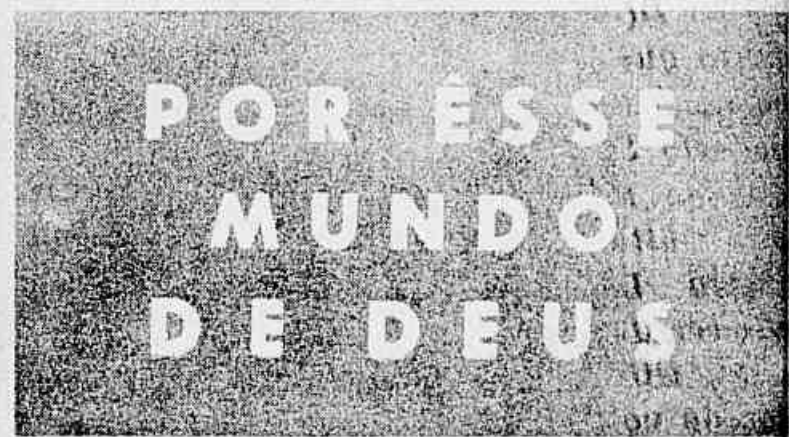
O SERVIÇO de Documentação do Ministério da Educação e Cultura tenciona lançar álbuns com desenhos humorísticos de inúmeros caricaturistas e humoristas brasileiros.

O PINTOR Santa Rosa foi eleito para o Júri que premiará um artista nacional com o estimado Prêmio Guggenheim.

DARCI PENTEADO, bom artista paulista, está apresentando na Galeria OCA, em Copacabana, alguns de seus últimos desenhos.



BRIGITTE BARDOT, no filme «Desfolhando as Margaridas», aparecerá, em uma cena, totalmente despida. Totalmente, aliás, é modo de dizer: levará ao rosto uma pequena máscara...



A MÁSCARA realmente impressionante da teatrista Greet Hofmans, que estaria causando distúrbios conjugais na família real holandesa aqui aparece, numa fotografia bem recente



ARCHIE MOORE, campeão mundial de box na categoria dos médios, a rigor, de cartola, bengala e... luvas, senta-se à porta de seu camarim, e observa com interesse o bíceps (que bíceps?) de um admirador-mirim.



CECILE AUBRY, casada com o filho mais velho do sultão de Marrakesch, teve um filho há pouco. O garoto chama-se Mehdi. Como já dissemos em reportagem, o casamento de Cecile pôs término à sua carreira.



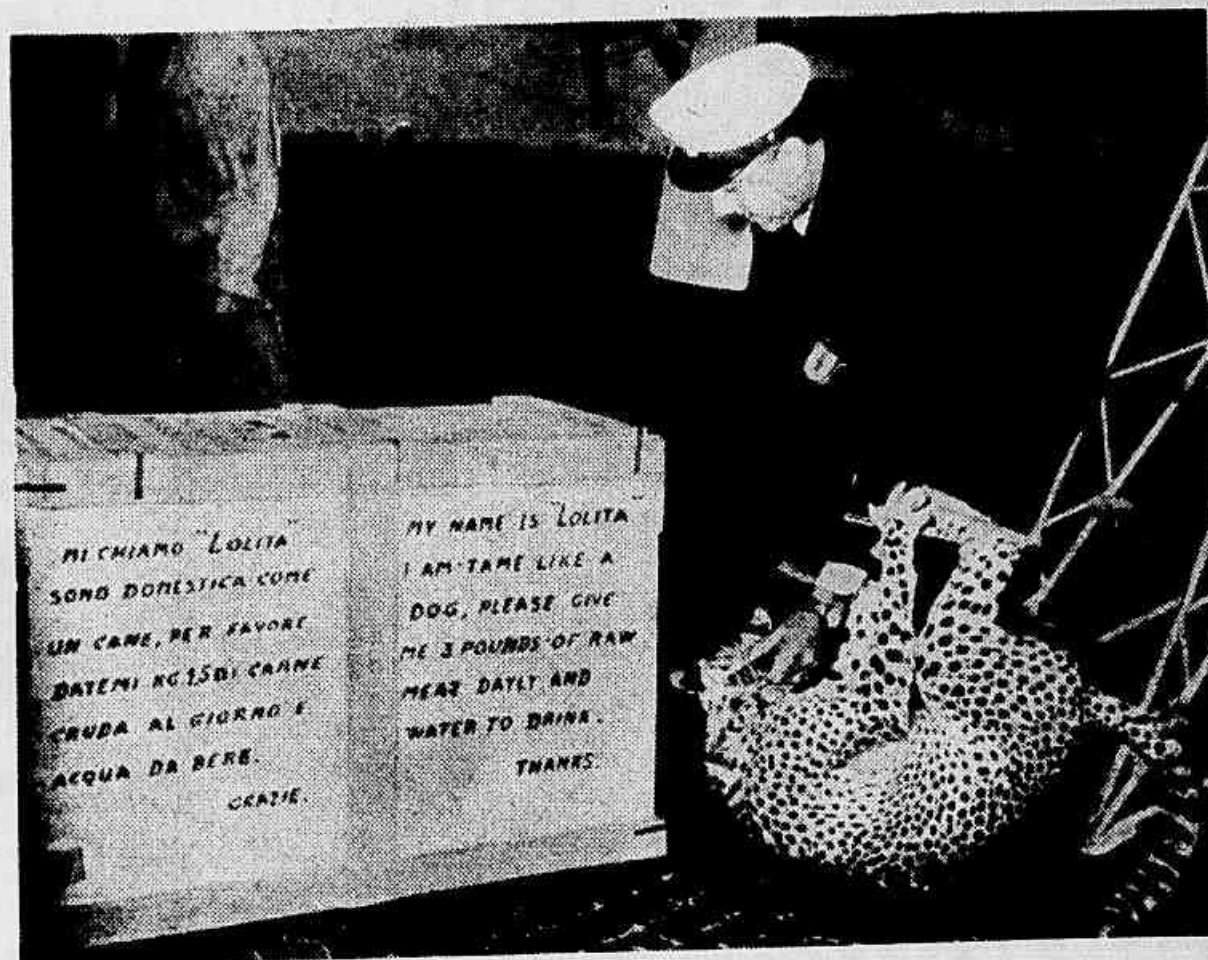
ESSA JOVEM é cantora, e até boa cantora. Chama-se Charlene Chappman, soprano lírico. Mas, nas horas vagas, gosta de animais. E que animais! Ei-la, por exemplo, num momento de repouso, com seu «gatinho»...



COMER UM bombom com a graça com que Kim Novak saboreia esse, é proeza difícil de realizar. A menina é elegante até aos mínimos detalhes, não?



ADENAUER CHEGOU aos Estados Unidos, e logo o apanharam, vestiram-no de índio e deram-lhe um terrível cachimbo da paz para umar. O velho agüentou bem humorado.



«CHAMO-ME LOLITA, sou mansa como um cachorrinho. Por favor, dêem-me um quilo e meio de carne por dia e água para beber. Obrigado». Eis o que está escrito por fora da jaula da oncinha Lolita, que partiu de avião para a América.

QUE É UM LUTERANO?

Por G. ELSON RUFF

Redator-Chefe da Editora da Igreja Luterana. — Especial para REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

Os Luteranos acreditam na Santíssima Trindade, tal como todos os cristãos ortodoxos o fizeram em todas as idades. Deus Pai é nosso Criador. O Filho, nosso Redentor. O Espírito Santo, nosso Purificador e Alimentador de nossas almas. Porém, os três constituem um único Deus.

É impossível formular qualquer ensinamento essencial do Cristianismo — como a Encarnação de Jesus, a vida eterna dos justos, a Trindade — segundo fórmulas matemáticas ou submetidas a provas científicas. Tais coisas estão além do entendimento humano, constituindo matéria de fé.

As comunidades luteranas não são obrigadas a possuírem, todas, um mesmo modo de cultivar a Deus. Existem inúmeras variações no ritual da catedral de uma igreja luterana na Suécia, por exemplo, se comparado ao da igreja perdida em Saskatchewan.

A confirmação, geralmente por volta dos quatorze anos, é um acontecimento que tem uma única forma de celebração em todas as igrejas luteranas. Precedendo também cada celebração da Comunhão, há um serviço de confissão pública caracteristicamente luterano. A confissão privada é por vezes praticada pelos luteranos, mas raramente. Na Comunhão, os que vão recebê-la ajoelham-se diante do altar, e recebem pão e vinho.

A finalidade da vida cristã é uma vida santa, que só poderá ser conseguida quando nos submetemos inteiramente aos desígnios de Deus. Os Luteranos não acreditam que o reino de Deus virá gradativamente, à medida em que a humanidade for purificada pelo sacrifício. Porém, aqueles que viverem e morrerem na fé, com Cristo, não de viver com Ele a vida eterna, livres de qualquer limitação de espaço e de tempo.

Qualquer espécie de previsão sobre essa vida eterna, não passará, é claro, de hipóteses destinadas a alimentar a imaginação dos fiéis. Ingênuas descrições atinentes a céu e a inferno, ótimas nos tempos antigos, são hoje em dia coisas ultrapassadas. Porém, a vitória eterna sobre a Morte é o destino do povo de Deus.

Os luteranos atuais são mais moderados do que Lutero, sempre que se referem ao Papa... Pois, não resta qualquer dúvida, o Papado de hoje em dia não é o que em tempos de Lutero existia. Todavia, os Luteranos rejeitam, com todas as forças de seu ser, a idéia de que Deus delegou a um homem, por melhor que seja, competência para governar em Seu nome as almas dos cristãos.

Só existe uma igreja, acreditamos, porém não é qualquer instituição visível, como sejam a Igreja Católica Romana, ou a Igreja Luterana: consiste na reunião de todos aqueles que acham que «os Evangelhos são em verdade exatos, e os Sacramentos, administrados como devem», segundo a Confissão de Augsburgo afirma, em seu artigo sétimo.

Com relação ainda às relações entre católicos e luteranos, devemos nós luteranos tratar aos católicos como nossos irmãos em Cristo, muito embora divergências existam entre nós, com respeito à interpretação dos Evangelhos. O Papa e os Bispos católicos muitas vezes tomam atitudes de acordo com a mais perfeita regra cristã. E bem sabemos que, entre os católicos, estão alguns dos melhores cristãos do universo, iguais aos que mais o sejam.

Deus estabeleceu o casamento como coisa duradoura. A família é a escola em que as crianças devem aprender a amar e a servir umas às outras. Porém, a imperfeição humana está presente também no casamento, como em todas as outras coisas. Alguns casamentos tornam-se, assim, ruins, graças à infidelidade de um cônjuge, por exemplo, a ponto de, em muitos casos, o antigo amor tornar-se com o passar dos anos em desprezo e até em ódio. Seguindo o Novo Testamento, acham os luteranos que o adultério e o abandono são motivos de divórcio. Pelo menos, podem sê-lo. Pois, os cristãos não devem estabelecer princípios gerais de legislação para serem aplicados em todos os casos: cada caso deve ser estudado particularmente.

Os luteranos também não se têm pronunciado amiudadas vezes a respeito de um assunto complexo como a limitação dos filhos, mas não é mentira nem exagero que incontáveis luteranos a adotam. Um recente trabalho da Comissão de Relações Sociais, publicado quando da última Conferência Luterana Americana realizada, contém o seguinte: «Os meios utilizados por um casal para limitar o número de filhos, e o espaço de tempo entre os nascimentos, são matéria a ser decidida de acordo com a consciência de cada um, ouvidos os conselhos médicos e levando-se em conta os ensinamentos bíblicos. Não há qualquer mérito ou demérito moral, no uso de qualquer método aprovado pelos médicos para o controle da natalidade».

Se os métodos são porém pertencentes àqueles denominados artificiais, ou anti-naturais, é importante conhecer-se o espírito com que foram uti-

lizados. A continência sexual dentro do casamento é tão má quanto o emprego de qualquer substância anticoncepcional, por exemplo. E' também um grande número de crianças, num lar que não está apto, por motivos econômicos ou morais, a recebê-las, não deixa igualmente de ser contraproducente.

Nesse assunto, e em alguns outros, como viram os leitores, a Igreja Luterana possui uma ligeira tendência para legislar. A Igreja não é, porém, uma fazedora de regras jurídicas, porém uma agência através da qual o Espírito Santo ilumina e conduz os fiéis no rumo da santidade.

Não existem regras relativas ao governo da Igreja Luterana válidas em todos os países. E' isso porque achamos que essas regras têm pouquíssimo valor, se relacionadas com a doutrina, que é o essencial. Na Europa, existem... nenhuma igreja luterana na América segue o exemplo europeu. O principal instrumento do governo eclesástico luterano na América é a convenção da Igreja Luterana Americana que indica um presidente e diversos diretores.

O fundamento dessa autoridade está na própria congregação, pois nela que o povo livre de Deus exerce o seu direito de ouvir o Evangelho e de receber os sacramentos. Não podem ser submetidos a uma hierarquia universal.

Cada congregação luterana possui sua igreja própria, ou alguma outra propriedade sobre a qual exerça seu domínio. E' através das congregações que os homens são chamados ao ofício divino. Se a congregação cessa de convocar os homens a esses ofícios, nenhum de seus membros é mais um ministro de Deus.

Lutero afirmou que era tolice o celibatarismo forçado dos sacerdotes. Oito anos antes da Reforma explodir, ele próprio se casara com uma freira que abandonara o convento, graças a seus ensinamentos. A data é particularmente importante, porque os inimigos de Lutero afirmam que este apenas realizou a Reforma para poder casar-se...

O luteranismo inclui quase que as populações inteiras da Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega e Suécia, a maioria dos alemães, letônios, estonianos, e um bom número de nacionais de outros pequenos estados europeus. Grandes resultados vêm sendo obtidos pelas missões na América do Sul, África, Ásia e Austrália. Os luteranos constituem cerca de metade dos protestantes do mundo inteiro. E' impossível dar-lhes o número exato. Quem pode, por exemplo, dar notícias sobre os cinco milhões existentes na Rússia, antes de 1917? E o mesmo pode ser dito com relação aos vários países da Cortina de Ferro. Talvez setenta milhões de luteranos existam no mundo, hoje em dia.

Em fins de 1952, existiam nos Estados Unidos exatamente 6.485.782 luteranos. Mais quatro ou cinco milhões são simpatizantes, e assim se declaram nos questionários do Censo.

Os luteranos da América acreditam, tácitamente, na separação entre a Igreja e o Estado. Lutero afirmou que a Igreja e o Estado, ambos criados por Deus, têm funções diversas, e assim, devem estar separados. Essa separação é pois um princípio lógico, decorrente da observância das palavras de Lutero.

Num país como a Finlândia, por exemplo, a Igreja Luterana é a religião oficial do Estado, sob controle do Parlamento — tal como a Igreja Anglicana, na Inglaterra. Sempre houve certa conexão entre a Igreja Luterana e alguns países europeus, devido ao desenvolvimento histórico. Todavia, na Noruega, durante o governo de Quisling, a Igreja Luterana rebelou-se contra o Estado. Os bispos e os pastores recusaram-se a receber ordens de um traidor de seu país.

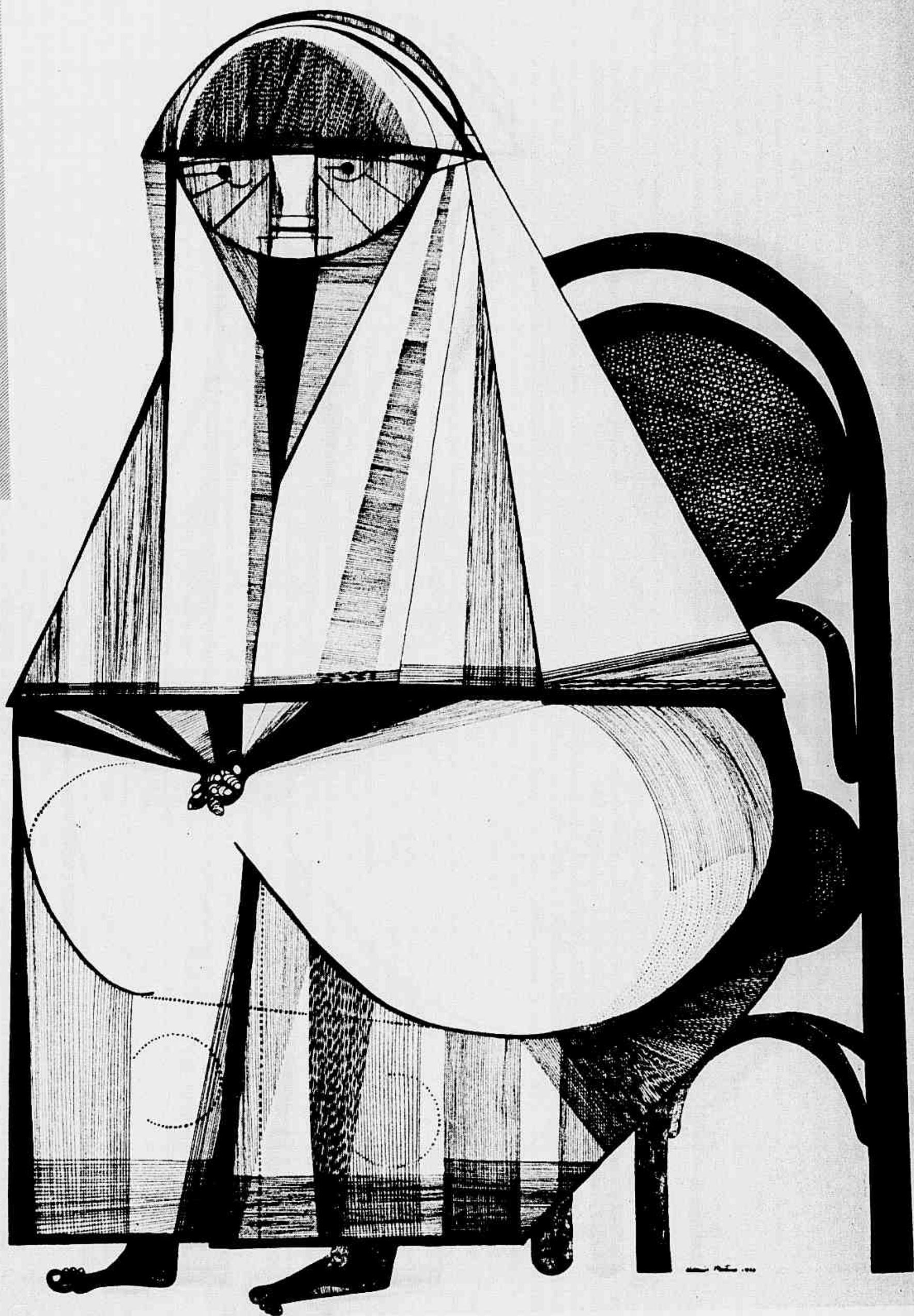
Também na Alemanha, alguns pastores formaram entre os mais fervorosos líderes da oposição a Hitler. Citavam Lutero, que afirmou: «Se seu chefe está errado, e se você o sabe, então é preciso que você tema a Deus mais do que ao homem a quem você está servindo». No momento atual, os luteranos residentes na Rússia e na Alemanha Oriental lideram as campanhas contra o comunismo.

Há tempos, quando os norte-americanos quiseram designar um embaixador para o Vaticano, os luteranos se opuseram violentamente. Achavam ser contrário ao espírito da diplomacia ianque o envio de um diplomata para o local onde funciona uma Igreja.

Os luteranos acreditam estar seguindo uma religião verdadeira, não a única verdadeira. Há bons e legítimos cristãos em todo o mundo, e espalhados por várias igrejas. Os luteranos estão entre os líderes nas assembleias realizadas entre os representantes de diversas Igrejas. Acreditam que é se conhecendo reciprocamente que os homens podem melhor compreender-se, e estimar-se.

A seguir: QUE É UM PRESBITERIANO?

O PRÊMIO DE DESENHO DA
ÚLTIMA BIENAL DE VENEZA
AFIRMA SEREM O ESTUDO
E A PRÁTICA QUOTIDIANOS
OS DOIS TRUNFOS QUE
O LEVARAM A RECEBER
AQUELA DISTINÇÃO



ALDEMIR QUER IR AO JAPÃO

Texto de JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

Fotos de NORBERTO ESTEVES

○ ALDEMIR MARTINS, o magnífico desenhista brasileiro que não faz muito conquistou o Prêmio Internacional de Desenho da Bienal de Veneza, esteve no Rio de Janeiro algumas horas, em dia da semana passada, para tratar de assuntos concernentes a uma possível viagem ao Japão — país que sempre o impressionou, desde quando, menino ainda, em seu Ceará natal, apenas se iniciava nos segredos do lápis. Encontramo-lo

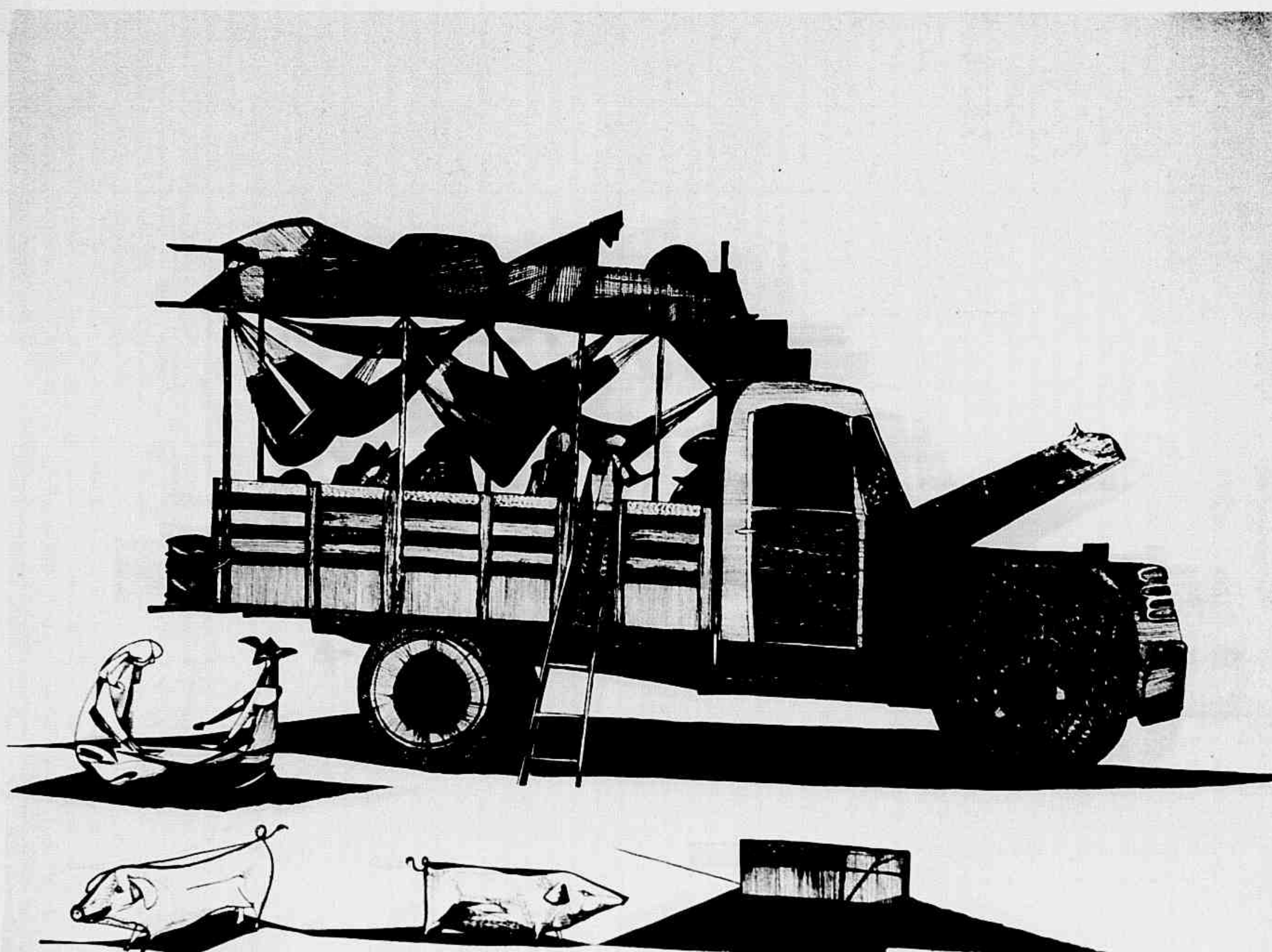
certa tarde, inesperadamente, naquele Serviço de Documentação que fica no nono andar do Ministério da Educação, e que alguém já denominou de "a ante-câmara das Letras e das Artes brasileiras". Trocamos rápidas palavras, e por elas ficamos sabendo de suas últimas realizações, e da esperança que nutre de poder muito em breve visitar o Japão e nêle estudar com algum de seus fabulosos desenhistas.



«GATO», à esquerda, e «Caminhão de Retirantes», embaixo. Aldemir é incrivelmente exigente com sua própria obra, e gasta dias inteiros curvado sobre elas, até se dar por satisfeito. Mas não de todo.

O CEARENSE Aldemir Martins. Grande Prêmio de Desenho da última Bienal de Veneza, em seu atelier de São Paulo, rodeado de esculturas, gravuras e curiosidades de todo o mundo, sonha com o Sol Nascente...

Os trabalhos de Aldemir já ultrapassaram nossas fronteiras; ele, não.





JOVIAL COMO sempre, entusiasmado ainda com o êxito alcançado em Veneza, vai contando Aldemir Martins ao colunista, que lhe pedira detalhes, o que foi aquela premiação para a sua carreira:

— Nada menos de três reuniões foram levadas a efeito pelo Júri de Premiação — júri êsse presidido por um crítico como Raymundo Cogniat. Para a seção de desenho, dois nomes reuniam as preferências da comissão: o de Steinlein, artista por demais conhecido e verdadeiramente extraordinário e — surpreendentemente, para mim e para muitos — o meu. E o que é mais surpreendente ainda: num primeiro escrutínio, saí vitorioso, embora por diminuta margem de votos — margem que numa segunda reunião diminuiu ainda mais. Porém, terceira e última vez se reuniu o Júri, e então obtive grande maioria de votos sobre Steinlein. É claro que não sou pretencioso a ponto de considerar-me superior a Steinlein — o que seria absurdo, de vez que o considero um verdadeiro mestre. Mas que êsse prêmio constituiu para mim um estímulo poderoso, é uma verdade.

ALDEMIR QUER IR AO JAPÃO

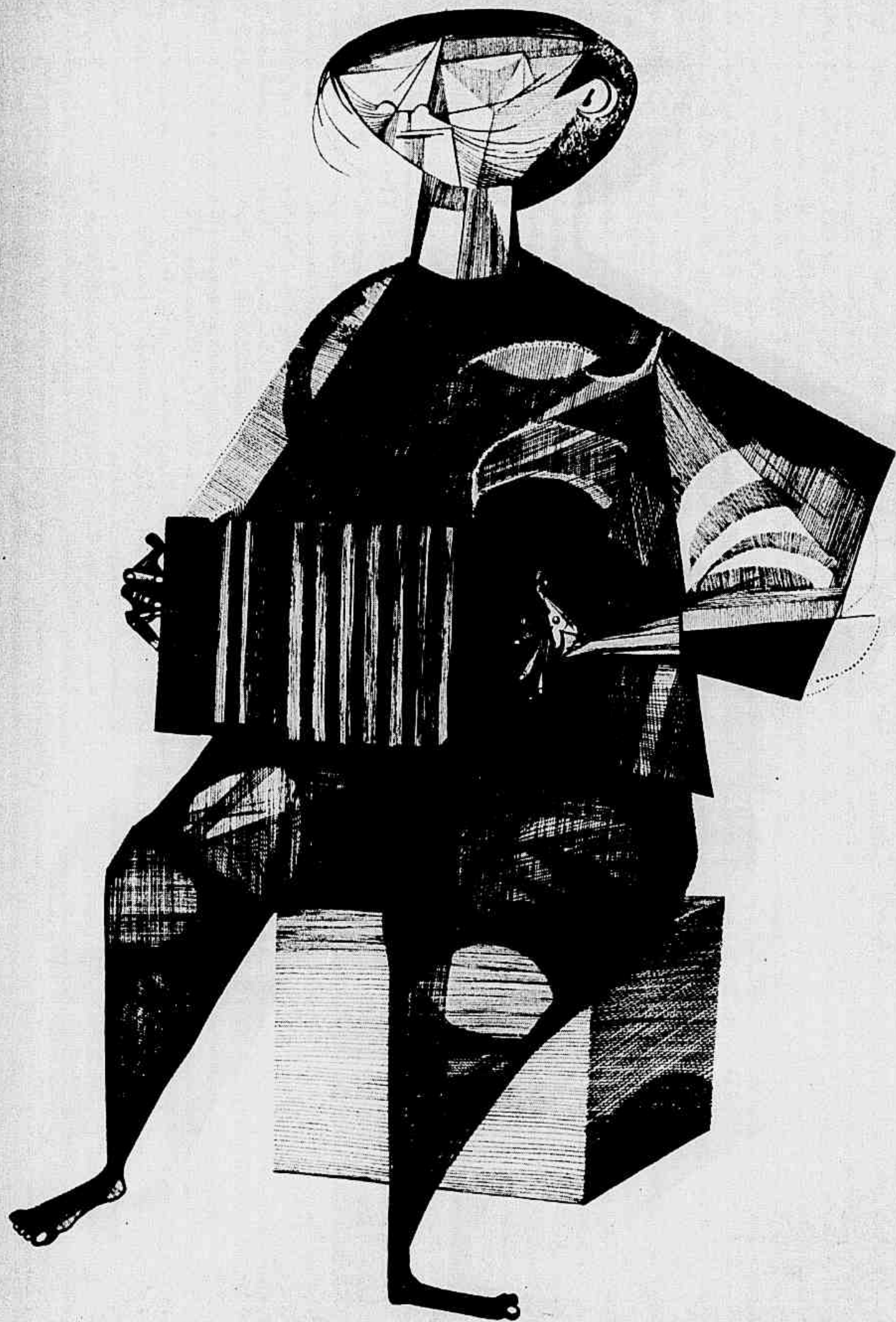
— E a que atribui você essa grande vitória?

— Ao meu trabalho constante. Sei que o estudo e a prática são necessários. Estudo e pratico todos os dias, ao contrário de muita gente boa... Posso quase dizer que nunca se passou um dia sem que eu procurasse aperfeiçoar-me em minha especialidade.

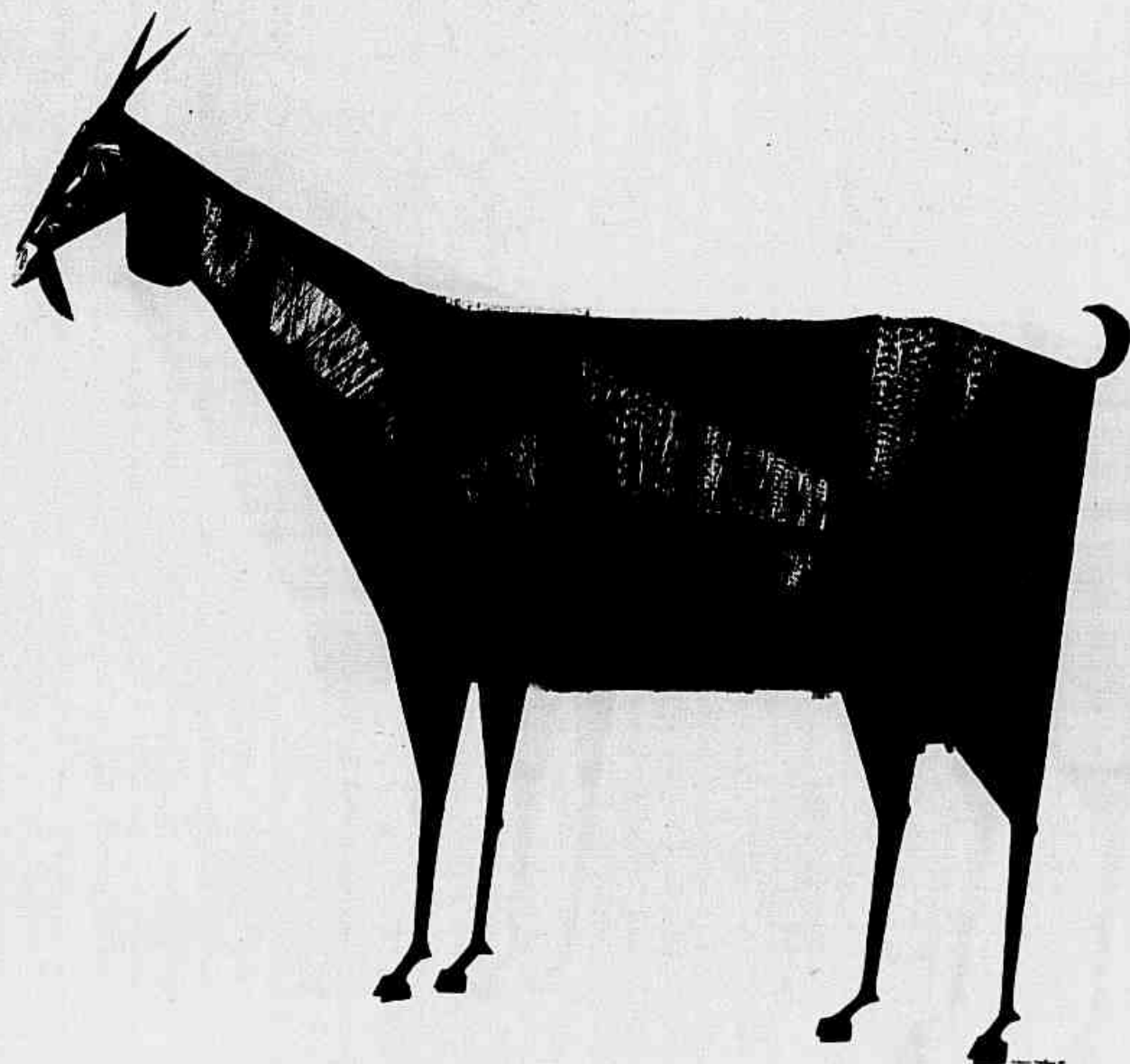
A prova do que Aldemir afirma está patenteada em nossas páginas: êsses desenhos, e mais inúmeros outros, foram todos executados em 1956, em seu atelier paulista. Nêles se nota o grande virtuosismo do artista, virtuosismo que, escusado é dizer, traduz uma intimidade entre Aldemir e o assunto que vai desenvolver posteriormente no papel, somente comparável ao que unia os grandes desenhistas do passado às suas criações.

Interessante é que, muito embora premiado em exposição de tanta importância como a Bienal de Veneza, Aldemir Martins nunca saiu do Brasil, se bem que suas obras já tenham sido expostas em inúmeros países estrangeiros. Nunca, na realidade, conquistou um Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, embora concorra regularmente na Divisão Moderna, todos os anos. Agora mesmo, quando seguiu para a Itália o diminuto contingente brasileiro que representaria as nossas Artes Plásticas em Veneza, Aldemir Martins nem foi convidado para dêle fazer parte. De maneira que foi outorgado a um ausente o Prêmio de Desenho de Veneza — o que equivale a dizer que ainda não foi entregue...

É preciso que Aldemir viaje; é preciso que percorra outros países, possuidores de ótimos "ateliers" de ensino, em que nosso grande desenhista possa desenvolver ainda mais as qualidades que já o tornaram notável, mas que poderão desabrochar ainda mais, sabe Deus até que limites.



SANFONEIRO. MAGNÍFICO desenho de Aldemir Martins. Os temas nordestinos são bastante encontrados na obra do cearense que bem denota a sua origem.



A CABRA. resolvida de forma original, com minúcias virtuosísticas que bem traduzem a preocupação de Aldemir pela arte nipônica. Preocupação benéfica, aliás.

Não permita que "ÊLE" fique careca

— Se você vem notando que os cabelos "dêle" estão caindo pouco a pouco e que nenhuma providência foi tomada para deter essa queda, esteja certa de que, mais cedo ou mais tarde, "êle" ficará calvo.



Está em suas mãos, entretanto, evitar que isso aconteça.



Sugira—"lhe" o uso diário da Tricomicina e diga—"lhe" que você acredita na ação da Tricomicina



* **porque** algumas substâncias contidas em sua fórmula fortalecem as raízes capilares e asseguram aos cabelos perfeita fixação ao couro cabeludo;

* **porque** outros elementos, também contidos na Tricomicina, atacam e eliminam a caspa e a seborreia, evitando assim o enfraquecimento dos cabelos;

* **porque** desde o seu aparecimento até hoje a Tricomicina tem beneficiado a milhares de pessoas, conforme provam os atestados que periodicamente são publicados na imprensa e também

* **porque** a Tricomicina é um produto de qualidade, preparado cientificamente sob a orientação e fiscalização diretas do seu descobridor.

Loção Tricomicina

* Combate a calvície — * Detém a queda dos cabelos — * Elimina a caspa

À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS DO BRASIL



Tudo é bom quando acaba bem: O poeta e sua filha, Marsinah, encontraram a felicidade no amor e o bem estar financeiro. Eles cantavam a alegria de viver...

UM ESTRANHO NO PARAÍSO

O bardo milionário contemplou a filha por um instante, como a sentir que ela acabava de se converter, de menina-moça, em mulher...

— Por favor, Marsinah do meu coração, perdoai-me! Não tinha ainda reparado... A minha garôta desapareceu e deixou em seu lugar uma perfeita mulherzinha...

— Mas agora temo que não volte a encon-

trar o dono do meu coração... Nem sequer seu nome eu sei, nem onde vive... papaizinho!

E assim dizendo, ela começou a soluçar enquanto seu pai tratava de consolá-la, abraçando-a com ternura paternal.

—o—

Desde que seus esforços por encontrar a noiva de seus amôres estavam malogrados, o ca-

lifa ordenou ao vizir que sem demora alguma levasse a cabo tôdas as pesquisas possíveis até descobrir onde poderia estar Marsinah.

Por sua vez o vizir, muito esperto e matreiro, já havia mandado preparar no palácio, devidamente banhadas e perfumadas, as três princezas de Ababu, com as quais, segundo suas intenções, o soberano deveria casar-se.

Impaciente ao ver que o vizir não alcançava êxito nas pesquisas que êle havia ordenado fossem feitas, apresentou-se em pessoa, no palácio, para exigir maior atividade e presteza na descoberta da moça. Procurando aproveitar tão bela oportunidade, o vizir o conduziu às suas habitações particulares, um mimó de decorações e de mulheres catitas...

— Terá Vossa Alteza a amabilidade de dar uma vista de olhos no interior do meu harém? disse ao califa. Minhas belíssimas espôsas, tantas e tão sedutoras, cada qual mais apetitosa, atendem neste momento a três jovens visitantes... Quer espiar?

— Não estou bem humorado para visitar haréns de qualquer natureza, vizir...

— Mas por Alah! Não se trata de uma visita qualquer, meu grão senhor... Será nada mais que um golpe de vista através das cortinas... Quer?

E assim falando, puxou de um cordão. Abriu-se uma cortina, deixando ver uma pequena janela, pela qual podia olhar-se, sem ser visto, a tudo o que se passava no harém. As três formosas princesas de Ababu haviam resolvido banhar-se de novo, porque o calor do aposento em que estavam reclusas, as havia feito transpirar bastante. Por êsse motivo, o que podia ver-se em «close-up», através da janela que o vizir acabava de escancarar, eram as três princesas saboreando a suave e cristalina água de uma piscina que para aquêlo tempo deveria ter as dimensões olímpicas... Oh, que espetáculo, que manjar dos deuses! Por azar dêle, o califa não estava de bom humor para deleitar-se na contemplação dos encantos íntimos de uma mulher. Muito menos de três. Mas, de súbito, seus olhos concentraram-se com inusitada ansiedade em uma jovem que acabava de dar entrada no harém das grandes mulheres, as fabulosas... Era Marsinah...

O primeiro ímpeto do califa foi de atirar-se ao ar, feliz e jubiloso! Logo após, sua alegria desvaneceu-se, cedendo a vez a um pesar imenso produzido pela idéia de que Marsinah, nessa altura, já teria pertencido ao vizir e que, portanto, já êle não poderia casar-se com ela. Contrariado e sem esconder a sua revolta, disse ao vizir para lhe apresentar as candidatas que tivesse. Estava disposto a escolher sua futura es-

(KISMET) CAPÍTULO V

ELENCO:

O Poeta	Howard Keel
Marsinah	Ann Blyth
Lalume	Dolores Gray
O Califa	Vic Damone
Omar	Monty Woolley
O Vizir	Sebastian Cabot
Jawan	Jay C. Flippen
Chefe de Polícia	Mike Mazurki
Hassan-Ben	Jack Elam
Subalterno de Polícia	Ted de Corsia
Princesas de Ababu	Reiko Sato
	Patricia Dunn
	Wonci Lui

Zubbediya Julie Robinson
Argumento de Charles Lederer e Luther Davis
Direção de Vincente Minnelli

(Cortesia da Metro-Goldwyn-Mayer)

pôsa entre elas. De qualquer modo, pretendia vingar-se. Essa apresentação teria que ser feita nessa mesma noite, no seu palácio.

—o—

Tôda a nobreza de Bagdad estava presente na enorme sala do trono, para ver as candidatas que aspiravam a mão polpuda do califa. Por sua vez o vizir havia feito arranjos para que fôsse o poeta encarregado das apresentações, «et pour cause»... Mas o califa não se sentia atraído por nenhuma das jovens.

Isso não desanimou ao vizir, que já havia depositado muita confiança nos poderes mágicos do poeta.

— Decididamente, fizeste uma das mais notáveis obras de magia no meu palácio... disse-lhe mais tarde. Levar ao meu harém, para integrar o «petit-comité» das minhas deusas, a mulher a quem o califa amava... é qualquer coisa de sobrenatural...

— Isso ainda não é nada, disse o poeta bandando o importante e a dar de ombros. Coisa à-toa, trabalhinho de rotina... De somenos...

— Disse ao califa que a jovem era já minha espôsa, e para proteger-me convenientemente, logo me casei com ela... está entendendo? E continuou o vizir.

— Pobre criatura! Ela jurou que se mataria esta mesma noite... Está desesperada! E' pura como as uvas frescas do parreiral mas nada sei a seu respeito... Descobri, apenas, que se chama Marsinah! Belo nome, hein, poeta?

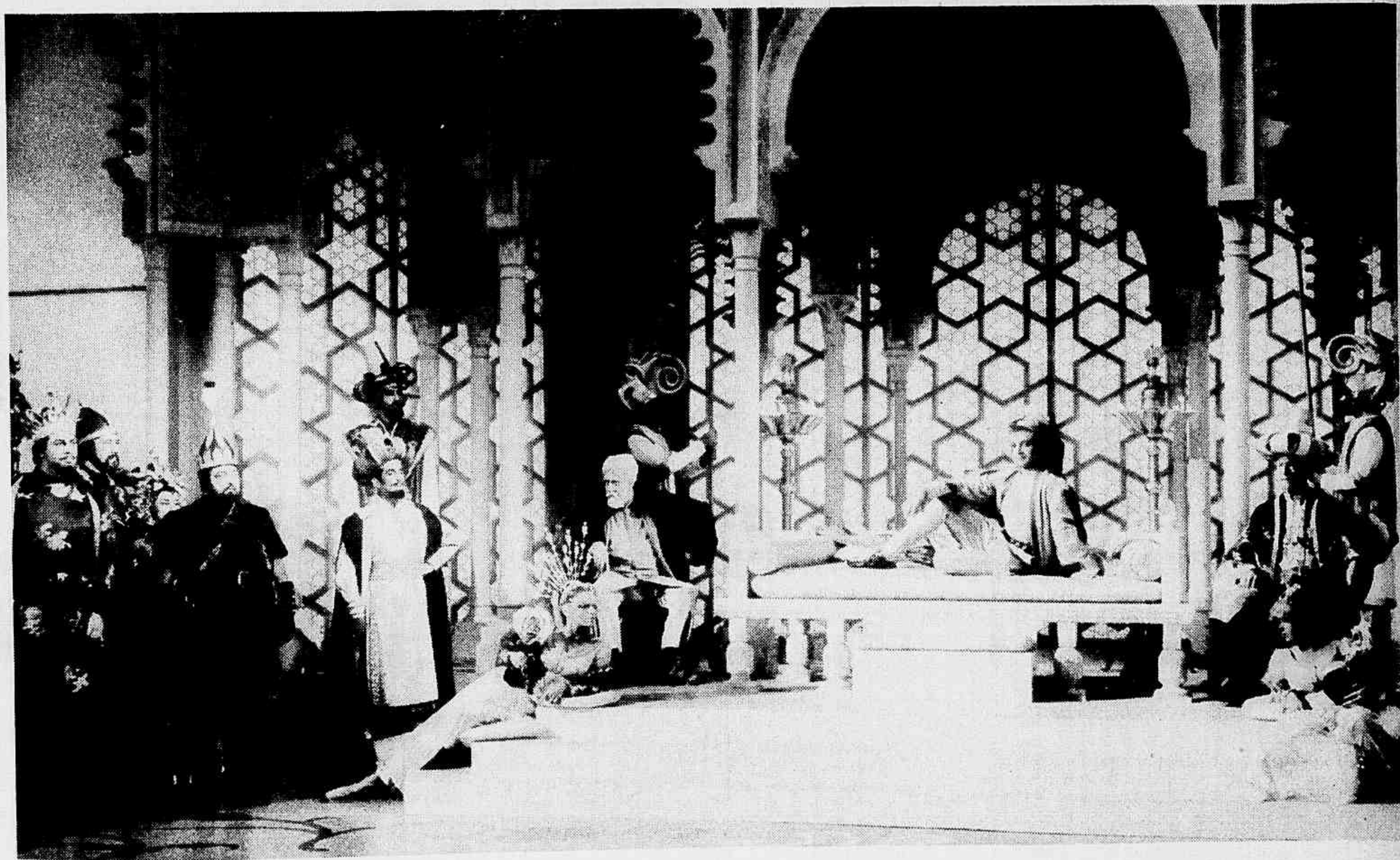
O poeta sentiu como se o coração deixasse de pulsar. Quer dizer que Marsinah, sua filha diletta, era a pequena a quem o califa havia elegido e êle, seu próprio pai, quem havia pôsto tudo a perder!

— Perdoai-me, Alah, perdoai-me se ainda é tempo! murmurou intimamente.

Entrementes, a situação parecia ainda ser remediável, se por acaso o destino não estivesse decididamente contra êle. Tinha o poeta um plano maquiavélico e começou a pô-lo em execução imediatamente. Simulando terminar um trabalho de magia com a ajuda do vizir, arranjou as coisas para que êste submergisse na piscina. E por pouco, alogava o homem que se interpunha agora entre sua filha e um feliz destino. Entre a confusão reinante, o poeta saiu em disparada, do harém, enquanto o califa ordenava que a polícia o perseguisse, razão porque o fugitivo não conseguiu ir muito longe. Capturado e metido em cana, conduzido à presença do califa, o bardo em desespero olhou para seu amo e senhor, com tôda a calma e presença de espírito. Em seu cérebro, acreditava estar guardando alguns truques mágicos os quais, pensava, lançados oportunamente, seriam definitivos. Pouco mais tarde, chegava Marsinah com êle, pela mão, e assim que o califa a viu, sua ira desapareceu e sua alegria não teve limites ao saber que o vizir havia forçado a moça a submeter-se a uma cerimônia matrimonial que não passava de uma completa farsa.

Enteirado de todos os acontecimentos que se desenrolaram na sua ausência, o califa perdoou ao poeta e ordenou que o vizir fôsse sentenciado à morte.

(Continua na página 58)



TÔDA A NOBREZA DE BAGDAD ESTAVA PRESENTE PARA CONTEMPLAR AS CANDIDATAS A MÃO DO CALIFA.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL

PARA SUA CÚTIS!

Stonyl

NAS FARMÁCIAS E PERFUMARIAS

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias. Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 25 E 31 DE AGOSTO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — A semana poderá ser considerada feliz, no caso do leitor, pois militará ao seu lado, um forte conjunto de circunstâncias e de oportunidades as mais pródigas. Os três últimos dias do novo período, então, serão excepcionais.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — Vai ser processado um verdadeiro reajustamento na sua economia e nas suas finanças, nos próximos sete dias, no caso em que saiba aproveitar a excelente oportunidade que os astros lhe vão oferecer. Aproveite.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Não poderá haver acontecimentos marcantes durante a semana. Os influxos reinantes serão fracos. Os três primeiros dias serão mesmo vazios. O leitor não deverá aventurar-se em coisas de maior responsabilidade.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — Não tome iniciativas na vigência da semana em pauta nem lance qualquer novo empreendimento. A lua desenvolverá uma gama de aspectos contrários ao seu interesse, prejudicando-lhe os negócios.
- ★ LEAO (21/1 — 20/2) — Sua posição será de equilíbrio durante a semana. Não haverá, nos seus negócios, nenhum perigo de prejuízo ou de delongas maiores na solução dos casos que se oferecem. Imponha-se em tudo, pois o vento soprará do seu lado.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Haverá desfavorabilidades apenas na vida sentimental e doméstica. Os dias 26 e 28 poderão propiciar rompimentos, desuniões, atritos, etc. Nos domínios dos negócios e da profissão, porém, tudo correrá bem.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Presentes, ofertas, favores, eis os indícios da semana, no seu caso. Influxos planetários os mais favoráveis, cairão nas casas três e nove do seu horóscopo. O leitor terá o prêmio devido aos seus esforços.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Os negócios durante a semana, serão favorecidos, embora não tenham grande porte e maior alcance. As soluções serão facilitadas pela cooperação. A vida doméstica e as relações sociais decorrerão de modo satisfatório.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — O leitor terá na semana entrante, um ótimo período para o tratamento dos males de que possa ser vítima. Os medicamentos caseiros recomendam-se melhor.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — No meio profissional a ação dos despeitados e dos inimigos ocultos se fará sentir em prejuízo de sua força moral. Não se perturbe nem lhes dê o gozo de vê-lo contrariado.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Os quatro últimos dias da semana serão muito aproveitáveis nas atividades que o leitor exercer. Os dias restantes não o ajudarão. Serão fracos e desfavoráveis, sob todos os aspectos.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Todos os seus pedidos, as solicitações que fizer e os requerimentos terão maior chance nos dias ímpares da semana, com exceção do dia 31, altamente desfavorável para o leitor.

◆ OS NOMES DA SEMANA

Agosto 25	—	Jaime	—	Janusia.
" 26	—	Erivelto	—	Elba.
" 27	—	Renato	—	Dejanira.
" 28	—	Ildefonso	—	Ismênia.
" 29	—	Rafael	—	Erundina.
" 30	—	Evandro	—	Moema.
" 31	—	Ismael	—	Dagmar.

◆ EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Agosto 25	2h 14' 22"	(Signo da Virgem)
" 26	3h 13' 16"	" " "
" 27	4h 10' 12"	" " "
" 28	5h 8' 10"	" " "
" 29	6h 6' 10"	" " "
" 30	7h 4' 11"	" " "
" 31	8h 2' 14"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.

Domingo, 26-8-1906

POR AQUI E POR ALLI

◆ Não podia ser outro o procedimento dos nossos amigos. O Brasil é grande demais, é por demais nobre para poder seguir tranquillamente, sereno, calmo, o caminho que a intelligencia e a educação dos seus filhos traçaram por entre a estrada futura do progresso. Os nossos homens teem talento, teem brio e teem dignidade, muito superiores ás exigidas pela maioria da humanidade e com estes dotes podem elles seguir, certos da victoria, o plano de harmonia e de paz indispensavel para o futuro brilhante do Brasil. A educação dos brasileiros, quer seja vista atravez das camadas mais rudimentares da sociedade, quer seja apreciada nas mais altas rodas, tem sempre o cunho que determina a superioridade de nossa raça: é altaneira, sem ser orgulhosa; é nobre, sem ser pedante; é fina, sem ser pretensiosa; é hospitaleira e cordial, sem ser bajuladora e rasteira. Isto não póde nem deve, aos olhos invejosos dos nossos inimigos, continuar a ser reconhecido pelo mundo civilizado, e d'ahi a propaganda baixa, pequenina e mesquinha que, sob a capa vergonhosa do anonymato e da falsidade dos dados estatísticos, se propõem fazer de todas as cousas brasileiras os habitantes da republica do Prata. A ultima lição de cortezia, dada pelo Brasil, feriu em demasia os habitos gauchos e determinou a revanche negativa que quizeram tirar da nossa lição de civismo e de educação. Um hospede illustre, representante official de um grandê povo americano, tivera a imprudencia de, visitando as republicas do sul do continente americano, fazer a sua primeira parada no territorio brasileiro. Na nossa capital foi êle recebido por entre o jubilo de uma população e o regozijo popular sob nuvens de flores, torrentes de applausos e provas das sympathias geraes de toda uma nação. Os varios elementos componentes de nossa sociedade

congregaram-se, ligados, pelo elo do mesmo sentimento da grandeza de nossa indole e da superioridade de nossa educação, para, reunidos, demonstrarem publicamente quanto o Brasil é grande, quanto o Brasil é forte, quanto o Brasil é pujante de vitalidade, quanta magnitude existe no caracter e na elevação moral do Povo Brasileiro. A victoria foi completa, e sob as mesmas flores, com o duplo das sympathias, retirava-se do nosso território o diplomata illustre, levando, além da impressão de assombro que lhe causou a grandiosidade de nossa natureza, a fertilidade incalculável do nosso solo e principalmente o grão de elevação moral e de brio do nosso povo. No Brasil entrou e sahio sempre com a mesma impressão agradavelmente lisongeira, de que se tratava entre um povo civilizado e que comprehendia de modo magnanimo o sentimento de correcção e da hospitalidade. Depois, seguiu viagem. A inveja não tinha limites; era necessario, mesmo fingidamente, fazer o duplo do que ex-corde fez o publico do Brasil. A Providencia encarregou-se de eliminar o effeito do primeiro plano e a insufficiencia da elevação moral do caracter do seu povo, tomou a seu cargo a demonstração de sua inferioridade. No Brasil não houve um só momento desagradavel; na Argentina Elihu Root acaba de ser vergonhosamente apedrejado por aquelles mesmos que alardeam a sua superioridade, por aquelles mesmos que em um momento do supremo despeito tiveram a ingenua pretensão de querer desprestigiar os nossos homens e as nossas cousas. O effeito foi contrario, completamente negativo e sirva-lhes ao menos d'esta feita, de lição, o vergonhoso espectáculo de uma hospitalidade comprehendida por entre os apupos da multidão e da sua violencia, de uma inqualificavel selvageria.

FERNANDO MENDES JUNIOR.

UM SONETO

Com a illustração de Raul Pederneiras, a REVISTA publicava um bello soneto de Fontoura Xavier: Anatomia.

*Entrei no amphitheatro da sciencia
Attrahido por mera phantasia.
E aprouve-me estudar anatomia
Por dar um novo pasto á intelligencia.*

*Discorria com toda a sapiencia
O lente, n'uma mesa, onde jazia
Uma immovel materia, umida e fria,
A que outrora animara humana essencia.*

*Fôra uma meretriz: o rosto bello
Pude, timido, olhal-o com respeito
Por entre as negras ondas de cabello;*

*A convite do lente, contrafeito,
Rasguei-a com a ponta do escarpello,
E... não vi coração dentro do peito.*

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL.
Ano VII - N. 317 DOMINGO, 26 DE AGOSTO Sumario: Soneto

A CHICOTE



A CHICOTE

O Carioca — Mas o que é isto! Estarei sonhando? Estou diante de um cossaco ou da policia da minha terra?

A CAPA — de autoria de Raul (Raul Pederneiras), era uma sátira tendo por personagem o Presidente Afonso Pena. Esse, apresentado como pintor, acabava de pintar uma tela, uma jovem em attitude pensativa. Uma frase explicativa elucidava a piada: «Isto é côr de rosa». E outra advertia de modo pessimista: «Por ora...»

THEATRO

A platea carioca apreciou, na noite de terça-feira, pela primeira vez, a encantadora Bohème, de Leoncavallo. A noticia de que esta peça, consagrada nos palcos estrangeiros, aqui seria cantada, attrahiu, como era natural, uma concurrencia pouco commum ao S. Pedro de Alcantara. Não fora mal recompensado o publico que enchia a vasta sala daquelle theatro, porque, de facto, a peça é uma primorosa pagina de musica, cheia de inspiração, accordando n'alma do espectador as mais suaves emoções e, portanto, merecedora dos applausos com que foi entusiasticamente victoriada. E' uma producção de real merito, uma obra que facilmente impõe o autor à admiração publica, assegurando-lhe por collocação na estante dos trabalhos de valor.

Não lhe bulas, revista portugueza interessante, que no Recreio tem alcançado grande successo, continua no cartaz da empresa A. de Miranda.

E o Moulin Rouge proporcionou aos seus assíduos frequentadores as melhores attrações.

Marcionillo.



PARA A LISTA DOS DEZ MAIS ELEGANTES DESTA ANO, O SENHOR ADOLFO GRAÇA COUTO DEVERÁ SER UM DOS ESCOLHIDOS — ADOLFO É A ELEGÂNCIA MAIS "SUSPENSE" DO COUNTRY CLUB

Grand Monde internacional



Peter Townsend estava de "date" com a condessa Maria Louise Bandini.

◆ Antes de partir para sua programada viagem, onde pretende dar uma volta ao mundo, num jeep. O capitão Peter Townsend estava de "date" com a condessa Maria Louise Bandini.

◆ O famoso e jovem cantor americano Elvis Presley, que atualmente é o maior ídolo do público feminino nos "States", vai filmar, brevemente, a película o "cow-boy solitário".

◆ O filme "Eu chorarei amanhã" estrelado pela atriz Susan Hayward, que recentemente nos visitou, já rendeu à Metro mais de seis milhões de dólares. Este filme, segundo estou sendo informado, será apresentado aqui no Rio numa "avant-première" de gala.

◆ Sir Laurence Oliver emprestou seu nome a uma nova marca de cigarros ingleses. Para isso, o famoso ator recebeu uma fabulosa quantia em dólares.

◆ O comediante Walter Chiari, é o novo romance de Ava Gardner.

◆ Judy Garland, que vocês viram no principal papel do filme "Nasce uma estrela", está agora fazendo uma temporada muito "suspense" no "Sands" em Las Vegas.

◆ O novo pretendente à mão da princesa Margaret é o milionário Christopher Lloyd. Não acredito que o romance entre Margaret e Christopher venha terminar em casamento, pois continuo achando que a "beaut" princesa vai terminar figurando na prateleira.

Gossips



Jorginho Doria tem na senhorita Marina Tonanni seu "date" preferido.

◆ O senhor Ricardo Fazanelo Junior continua no Rio com seu novo romance. Os dois podem ser vistos quase todas as noites no Sacha's ou no "Golden". O "snob" futuro herdeiro da fortuna Fazanelo parece estar se transformando num discípulo do famoso Dom Juan internacional que é o conhecido Porfírio Rubirosa.

◆ A senhorita Rosinha Serzedelo Machado parece continuar indecisa quanto aos dois paulistas que atualmente estão lhe fazendo a corte.

◆ A jovem alta e morena Zaida Saldanha continua sem namorado. Cuidado, menina, para não terminar figurando na prateleira.

◆ O jovem Jorginho Doria continua "date" com a "beaut" loura Marina Tonanni. Ela é uma das paulistas mais bonitas que já vi. O Jorginho tem mesmo bom gosto.

◆ Há poucos dias anunciei para vocês que o galante Celmar Fadilha não havia dado um "gélol" no seu romance com morena e "vistosa" gaúcha Léa Penna. Agora, é com satisfação que vejo meu furo confirmado. Pois Celmar e Léa já combinaram subir ao altar em janeiro do próximo ano.

◆ A ex-loura Glorinha Drumond tem sido vista em "boites", e sempre com a mesma companhia.

◆ A nova Boneca brevemente estará aqui.

Pequenos Flashes



O casal José Carlos Moreira Sales mudou residência para São Paulo...

★ Na outra semana tive o prazer de participar de um almoço, que a sociedade Teatro de Arte ofereceu na "Maison de France". ★ O organista Jorge Henrique acaba de lançar seu novo "Long-play". Vou procurar adquirir um, porque o Henry, toca prós diabos. ★ No Sacha's, Jarbas e Nilo formam a dupla que melhor sabe atender os frequentadores do famoso "night-club". ★ Na noite de sábado o "Golden-Room" do Copa, estava muito "MELTED POT". Esse é um novo termo lançado por este colunista, e que está fazendo um sucesso realmente "Suspense".

★ O conhecido restaurante francês "La Crémallière" está organizando para o próximo dia 4 de setembro uma noite de gala na Embaixada da França, com a presença da cantora Rosa April. Esta noite será patrocinada pela Embaixada da França, e pelo prefeito Negrão de Lima. ★ Na noite do dia 11, os marqueses de segur, homenagearam com um "Cocktail" realmente "Suspense" o embaixador e senhora Hugo Gouthier. Os Gouthier têm sido homenageados com uma frequência recorde. ★ O "cocktail" atualmente mais pe-

dido pelo "high-society" no Sacha's, é: Luau Aristides. ★ No próximo dia 6 de setembro a senhora Elza Haouche vai realizar um desfile de modas nos senhoriais salões do Copacabana Palace. ★ O filme "sangue de bárbaros" será exibido em "avant-première" na noite de 24 de agosto, em benefício da Santa casa da Misericórdia. ★ Domingo o Country viveu uma grande noite, com Dizzy Gillespie e sua famosa orquestra de Jazz. Leia ao lado no "social set." ★ até a próxima. ★ O "Gélol" continua em cima.



O ELEGANTE ADOLFO GRAÇA COUTO (DIRETOR SOCIAL) DO COUNTRY, COM JERUZA DE SOUSA CARVALHO. À DIREITA, FERNANDO SETEMBRINO COM SEU «DATE» NONO SEVE.

DIZZY GILESPIE NO COUNTRY

Foi o acontecimento realmente "suspense" para o "High-Society" carioca, na semana que passou. Quando cheguei ao Country e tomei pouso na mesa do meu amigo Roberto Lacerda, verifiquei que uma grande "Soirée Snob" seria ali vivida com uísque e champanhota. O elegante Adolfo Graça Couto, que é o "Diretor Social" do Country, estava feliz com a grande organização, e o grande sucesso da noite.

As coisas realmente "suspense" dessa "Soirée snob" foram: a beleza paulista de Baby Moraes Pinto; a elegância de Silvinha Vidal; a mesa de Roberto Lacerda, a elegância do deputado Augusto Viana; a maneira "suspense" do casal Alvaro Catão dançar jazz; o romântico "date" de Lea Penha e Celmar Padilha, que como já anunciei de "preview" na minha coluna em um vespertino, subirão ao altar em janeiro do próximo ano.



ROBERTO LACERDA E JEFF THOMAS LADEIAM LEA ALMEIDA.

O BARBEIRO DE SEVILHA

♦ A famosa ópera bufa de Rossini teve condigna apresentação na terceira récita de assinatura de gala da temporada em curso. Alto foi o nível técnico dos cantores e excelentes as qualidades teatrais demonstradas pelo conjunto, e tudo dentro de um clima de espontaneidade dificilmente atingível no setor operístico. A sincronização dos movimentos cênicos com os acidentes sonoros em Gioacchino Rossini são atributos de uma individualidade à parte no mundo da ópera, onde esses elementos se cruzam, se alternam e se mesclam, colimando uma expressão total, cujos resultados devem ser a consecução da unidade artística. Restringindo mais ainda a conceituação, pode-se dizer que essa integração dos chamados movimentos musicais nas situações cômicas só poderia mesmo ter sido levada a efeito, tomando como base o elemento rítmico, dadas as facilidades que este apresenta para a plasticidade. Assim entendia Rossini quando fazia ver a Wagner que «no ritmo estava a potência da música».

É no «Barbeiro de Sevilha», mais que em qualquer outra obra de Rossini, que se patenteia essa peculiaridade, e que foi tão bem salientada pelo elenco que a levou à cena. O Municipal vibrou em péso. O Figaro de Giuseppe Tadei mereceu realmente os aplausos que granjeou. Percorrendo a partitura com segurança e firmeza, nos deu uma produção vocal de nível límpido e maleável. Desempenho bem enquadrado dentro das limitações cênicas. Tadei consolida mais e mais o seu prestígio em nossos meios. Tagliavini, infelizmente, ainda não demonstrou a plenitude de suas possibilidades vocais. Fêz um Conde de Almaviva sem atrativos, mas seguro. Teve maior cuidado na emissão e mais espontaneidade de movimentos. Porém, não chegou a convencer. Esperemos, pois, o «Werther» do qual, dizem, ser um dos melhores intérpretes contemporâneos.

♦ Mas a grande figura do elenco foi ainda Boris Christoff no papel de Dom Basilio. Perfeito sob todos os aspectos, o domínio da técnica e a segurança da voz não constituíram uma revelação. Porém, a desenvoltura com que se conduziu veio mostrar o reverso (na comichidade) de suas possibilidades dramáticas patenteadas no «Boris Gudonov». Também Damiano despendeu grandes esforços cênicos refazendo a interessante figura de Dom Bartolo, no que convenceu integralmente. Muito bom estêve o seu teatro, e regular a parte vocal.

Merece especial referência Giulietta Simionato, que fêz a platéia vibrar a cada passo. Uma voz firme, constante, de timbre suave e agradável, foi o que se ouviu no decorrer dos três atos, sem a menor vacilação, sem um só deslize, tudo isto aliado a uma conduta teatral de invejável valor emotivo. Além do quinteto de que já falamos, apresentaram-se satisfatoriamente, Maria Henriques, Hélio Paiva e Glauco Scarlini.

A orquestra, sob a regência do Maestro Nino Stinco correspondeu. Não esqueceu, como é seu costume, as minuciosidades da partitura. E cenários de Santa Rosa, bem cuidados.

NOTICIÁRIO

Realizara-se à 11 do corrente o 12º Concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira para o seu quadro social. A regência estêve a cargo do Maestro Lamberto Baldi e contou com a colaboração da pianista Oli Nicolau, que interpretou o «Concerto Nº 9 Para Piano e Orquestra», de Mozart.

* * *

O próximo concerto da ABC e PRO-ARTE estará a cargo do famoso pianista húngaro Louis Kentner, artista ainda desconhecido do nosso público. Sendo essa a primeira vez que vem ao Brasil, Louis Kentner dará apenas um recital.

* * *

Iniciou suas atividades, e com grande sucesso, a Orquestra Sinfônica Juvenil, que visa exclusivamente preparar instrumentistas para a orquestra do Teatro Municipal.

UM ENGENHEIRO russo, de nome Wraderewsky, em 1954 efetuou vários croquis de gigantescos aviões, os quais, segundo ele, serão as «plataformas voadoras» do futuro. Dessa idéia original, tiraram os cientistas norte-americanos e os soviéticos novas concepções de aviões de proporções descomunais, e já hoje podemos anunciar para muito breve a era dos **porta-aviões voadores**. Por um lado, a ficção científica abre, a cada dia, caminhos que pareceriam fantásticos ao próprio Júlio Verne; e por outro, a técnica avança cada vez de modo mais vertiginoso, a ponto de serem consideradas brincadeiras de crianças as dificuldades insuperáveis da véspera. A luta pela supremacia dos ares, disputada entre os Estados Unidos e a União Soviética, é qualquer coisa de fantástico; nela, ambos os países empenham-se com todos os recursos de que dispõem. Porém, parece que os técnicos norte-americanos foram os mais velozes em conseguir um modelo que, passando dos limites de um plano mirabolante, adquirisse foros de realidade incontestável.

ATERRISSAGEM... NO AR!

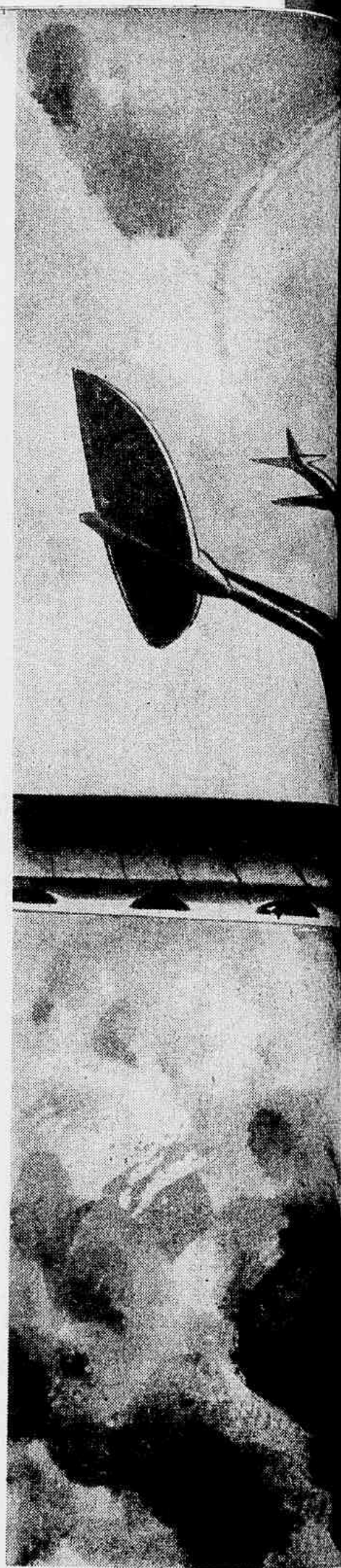
Um dos problemas que o engenheiro americano Grover teve de resolver em primeiro lugar, quando encetou a batalha pela construção de seu imenso avião, foi a da decolagem e da aterrissagem. «Aterrissar», aliás, já não é termo exato, em se tratando de fazer um pouso sobre o dorso cinzento de um desses pássaros fabulosamente grandes que em breve estarão prestando seus serviços pelo mundo: e por isso, inventou-se o termo «avionizar», pousar, num avião. Com cremalheiras mais densas e exatas do que as mais perfeitas atualmente em uso nos porta-aviões, Grover pensa que resolveu a difícil questão.

Nada menos de vinte e dois motores possuirá o novo gigante dos ares, motores que lhe permitirão uma velocidade de quase mil quilômetros por hora. O peso de um desses aviões ficará em quase mil e duzentas toneladas, e ele poderá voar por dez horas seguidas, sem abastecer-se de novo. Poderoso conjunto de flutuadores permitirão que, em caso de necessidade, o porta-aviões aéreo possa também descer no mar. Aí então transformar-se-á como por encanto em um porta-aviões em miniatura, dotado de grande poder ofensivo e muitas vezes mais rápido que seus irmãos da Marinha...

A «aterrissagem» em pleno voo, no dorso de um desses aparelhos, poderá ser realizada por aviões tão velozes quanto os jatos. Mas

será necessário que o piloto antes verifique a velocidade que leva o grande aeroplano, para por ela se guiar. Qualquer engano, nesse caso, poderia ser de gravíssimas consequências, quer para o avião pequeno, quer para o de maiores dimensões. Assim que pousa, as cremalheiras se apoderam das rodas do caça — tal e qual acontece com os porta-aviões. E um complicado sistema de elevadores rapidamente conduzirão o aparelho, com as asas dobradas, para o interior do bojo do aeródromo volante.

Para alçarem voo, a operação inversa será efetuada em poucos instantes: os caças, com as asas dobradas, para evitar que ocupem muito espaço, serão colocados, ao longo de um comprido corredor, de



O PORTA-AVIOES DO ESPAÇO



ÉIS O MODELO de Porta-aviões Voador idealizado pelo engenheiro norte-americano Lehening Grover. Será o maior avião jamais construído em qualquer país. Pesará nada menos de mil e duzentas toneladas. Sua tripulação será de mais de cem homens. E, a despeito das dimensões do grande porta-aviões, poderá voar por dez horas a 900 quilômetros por hora!

um lado e de outro. Um sistema engenhoso de alavancas fará com que um a um eles subam, por meio de rampas automáticas, até a pista, e dali decolem. Por meio da eletrônica as partidas e as chegadas são rigorosamente anotadas em um quadro luminoso.

O INTERIOR DO GIGANTE

No andar interior do grande avião estão dispostos os depósitos de combustíveis, não só para seu próprio consumo, como também para o dos aparelhos que nele terão seu centro de operações. Na barriga do avião, junto à cauda, estará localizado o depósito de munições. Logo acima do paiol, é uma completa oficina mecânica que fica situada. Qualquer espécie de serviço mecânico, tais como os ajus-

tes de peças defeituosas, o conserto de hélices estragadas por alguma bala inimiga, etc., poderá ser ali efetuada. E, como o porta-aviões voador foi concebido para atingir a grandes altitudes, um perfeito sistema de ar condicionado mantém no interior de toda a cabine uma temperatura e uma pressão invariavelmente amena e salutar. A tripulação utilizará vestimentas especiais, indispensáveis nas grandes alturas.

POSSIBILIDADES DO AERÓDROMO-VOADOR

Muitos problemas até então sem solução ficam agora de uma vez por todas resolvidos, com a invenção desse novo tipo de aparelho.

Os aeródromos apresentavam sérios inconvenientes, como sejam:

- 1 — a limitação do combustível.
- 2 — a duração dos vôos.
- 3 — o raio de ação dos caças.
- 4 — a vulnerabilidade dos próprios aparelhos.

Agora, foram em parte superadas essas dificuldades com o porta-aviões voador. Sua mobilidade é um constante perigo para o inimigo, que não poderá atacar um aeródromo que se desloca incessantemente daqui para acolá, ao menos com a facilidade com que se bombardeava, outrora, uma pista terrestre. Não obstante seu tamanho, o modelo do engenheiro americano será de fácil e rápido manejo. E, para descobrir os objetivos inimigos a destruir, disporá

de um painel revolucionário de instrumentos eletrônicos, que fotografarão os campos adversários com os mínimos detalhes. Um só perigo ameaça ainda os poderosos transportes: é o fogo anti-aéreo, que, se atingir a um desses aparelhos, ocasionará uma perda descomunal em material e em homens. Para evitar esse fogo anti-aéreo, pensou-se em criar um sistema «captador de radar», capaz de descontrolar inteiramente as defesas do inimigo, e de neutralizá-lo.

O grande avião terá cento e dez metros de fuselagem, e cento e trinta de envergadura de asas. Um grupamento de baterias anti-aéreas permitirá que sustente combate renhido contra uma esquadrilha inteira de caças supersônicos.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



REVISTA DA SEMANA

CR\$ 7,00 EM TODO O BRASIL

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n° 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n° 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembôlo Postal um vidro de «BÉL-HORMON» N°

NOME
RUA N°
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

LEIAM

ESPORTE ILUSTRADO



TÓDAS AS
QUARTAS-FEIRAS

PREÇO CR\$ 5,00



♦ Na Capela da Reitoria da Universidade do Brasil casaram-se, no dia 22 de Junho ultimo, a srta. Quiteria Mendes Netta, filha do nosso companheiro Adalberto Mendes e da sra. Ermelinda Pestana Mendes, com o sr. Sergio Rubens Calasans Monteiro, filho do gen. Rubens Monteiro de Castro e da sra. Kadija Calasans Monteiro. Na foto, a noiva assinando o termo nupcial após a cerimonia religiosa, assistida pelo seu jovem esposo e pelo seu pai.

A TERRA E SEUS PROBLEMAS

(Cont. da pág. 20)

Explica-nos o prof. Dudley, ainda que a perspectiva é também sombria com relação à produção de alimentos.

— Quanto mais alto for o padrão de vida de um povo, mais terra também é necessário para produzir os seus alimentos essenciais. Tome-mos os Estados Unidos como exemplo.

«Sabe o senhor — acrescenta o professor — que, para alimentar um norte-americano, no seu alto padrão de vida atual, necessita-se de 20 vezes mais terra do que para sustentar um japonês, no padrão de vida dele?»

«Já imaginou o que acontecerá — indaga-nos, enquanto se despede — quando o Japão, a Índia, a China e outros elevarem também o seu padrão de vida?»

O prof. Robert Capot-Rey, que nasceu em Toulouse e desempenha as funções de diretor da Faculdade de Letras da Universidade de Algéria, no norte da África, caminha com dificuldade, pois sofreu amputação de uma das pernas durante a guerra.

Confessando-se encantado com tudo o que via pela primeira vez, palestrou por longos minutos com a reportagem.

— Seu país, diz ele, é dotado de recursos inestimáveis. Gostaria de aqui viver eternamente, pois o Brasil é todo um vasto compêndio de geografia que a gente nunca mais acaba de estudar!

Fizemos alusão interpelando-o de que muitos por aqui fazem injustiça ao francês e seus eternos descuidos pelo estudo da geografia.

— De fato, a geografia é matéria que sempre o francês, homem do povo, fez muito pouca questão de aprender. Mas, isso não quer dizer que o interesse pelo estudo seja relegado ao abandono. Há muita gente por lá que não confunde mais a capital do Brasil com a cidade de Buenos Aires...

E acrescentou, pilheriando:

— Eu, por exemplo!...

CARTOGRAFIA TRIDIMENSIONAL

A exposição cartográfica anexa ao Congresso apresentada por 18 países, vem constituindo motivo de vivo interesse por parte do grande público que diariamente visita a sobreloja do Ministério da Educação. Cerca de 800 metros quadrados de mapas, e centenas de volumes sobre geografia, dão uma idéia do adiantamento da técnica da cartografia mundial.

A Rússia — que ocupa a maior área (110 m2) — a França e a Suíça (com mapas tridimensionais, que permitem uma curiosa apreciação do relevo de seu solo) vem empolgando os visitantes. Portugal, Estados Unidos, Alemanha, Noruega, Canadá e Inglaterra, fizeram incluir, como complementação, aspectos fotográficos de suas regiões mais características. A contribuição do Brasil, vem sendo comentada pelas delegações estrangeiras como obra de grande cuidado e preciosos detalhes, e foi, em parte, organizada pela Diretoria do Serviço Geográfico do Exército e a nossa Marinha de Guerra.

— É um espetáculo «cinemascópico» de grande beleza e interesse para nós cientistas — comentou o prof. Angelus Albano, delegado brasileiro, maravilhado com a exposição cartográfica do XVIII Congresso.



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

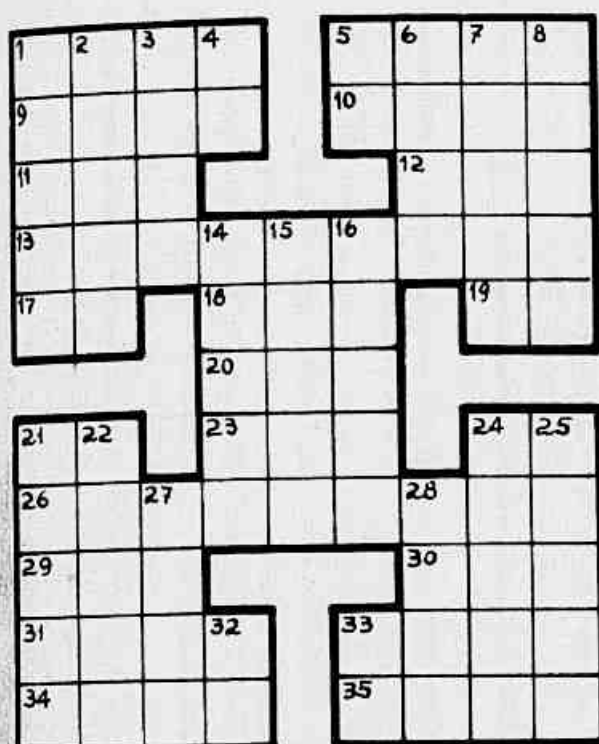
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade n° 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 133

PARA VETERANOS

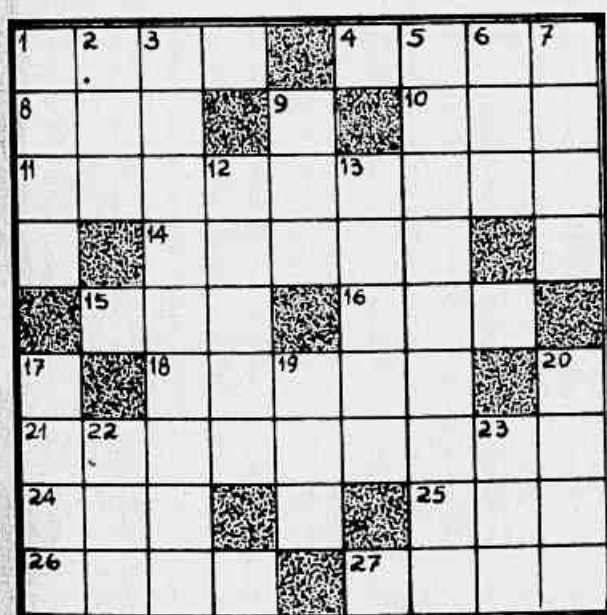


HORIZONTAIS: — 1. Medida de peso do Iran, equivalente a um gramo — 5. Pedra-ume — 9. Ribanceira — 10. Estertor — 11. Buraco — 12. Afluente do Danúbio, na Alemanha — 13. Amigo de uvas (pl.) — 17. Divindade escandinava — 18. Planta liliácea — 19. Pequeno coleóptero (Dermestes lardarius) — 20. Título honorífico na Índia — 21. Espécie de carbúnculo — 23. Nome de mulher — 24. Nome da divindade, entre os primitivos semitas — 26. Feiticeiro — 29. A ordem cósmica, segundo o Vedas — 30. Água muito grande — 31. Peca — 33. Vaticina — 34. Leigo em qualquer assunto — 35. Chefe de pescadores, no Malabar.

VERTICAIS: — 1. Coisa de pouca utilidade — 2. Abundantes — 3. Ave da família dos Anatídeos —

4. Preceptora de Baco — 5. Minerva — 6. Deixar-se apanhar. — 7. Amieiros — 8. Orixá, mulher de Xangô — 14. Consistir unicamente — 15 — Aquilo que é negro como ébano — 16. Par — 21. Padreador — 22. Mulher formosa — 24. Escudo — 25. Da terra — 27. Licor alcoólico extraído do suco fermentado de certas palmeiras — 28. Falar em público — 32. Contração — 33. Nota musical.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. República sul-americana — 4. Capital de país sul-americano — 8. Unidade das medidas agrárias — 10. Despidos — 11. Dividem em ramos — 14. Resina da elemieira — 15. Liguei — 16. Pedra — 18. Muito instruída, sábia — 21. Tornadas mansas — 24. Possuir — 25. Reza — 26. Içar, levantar — 27. Cultivar, arar.

VERTICAIS: — 1. Estado do Brasil — 2. Época — 3. Pusera remendos — 5. Que incita — 6. O mesmo que mula — 7. Dispneia que surge por acessos — 9. O mesmo que il — 12. O mesmo que ilio — 13. Co — pia — 17. Folha de ferro estanhado — 19. Costume, hábito — 20. Guardar — necer de asas — 22. Substância produzida pelas abelhas — 23. Pedra do altar.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 132

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: loco — após — irar — poti — malévolos — até — tró — remestres — Br — lo — nauseante — Air — aru — magistral — uros — aite — raso — Naor.

VERTICAIS: limar — orate — calemburgos — ore — apo — poltro — naria — atore — sisos — vis — ers — tiã — Namur — aiara — eis — trato — Euler — iso — tan.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: mapa — cara — irar — orar — ri — ais — Ra — Aar — cõr — adora — mas — ler — ab — dor — má — cama — ôcas — amar — lisa.

VERTICAIS: mira — ária — pá — ara — cós — ar — raro — arar — idoso — ras — cal — maca — abam — emas — rasa — dar — rol — má — CI.

A VENDA

EU SEI TUDO

DE SETEMBRO

O CÉU JÁ É VERMELHO?

COMO SE ENTENDEM OS ANIMAIS?

NÃO SINTA TANTO FRIO

SE OS NOSSOS SENTIDOS FÔSSEM MESMO ACURADOS

O HOMEM SERÁ UM GIGANTE

E MUITOS OUTROS ASSUNTOS

PREÇO Cr\$ 10,00

EM TODO O BRASIL

REDAÇÃO: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa



GILLESPIE — O BOCHE



DIZZY GILLESPIE, cujo nome real é John Birks Gillespie, entusiasmou os cariocas com a sua maneira tãda especial de tocar. Tem um fôlego extraordinário, improvisa com graciosidade e leveza e faz as maiores medidas do mundo quando tem de agradecer os aplausos da platéia.

Reportagem de HEINZ PRELLWITZ e CARLOS ASLAN

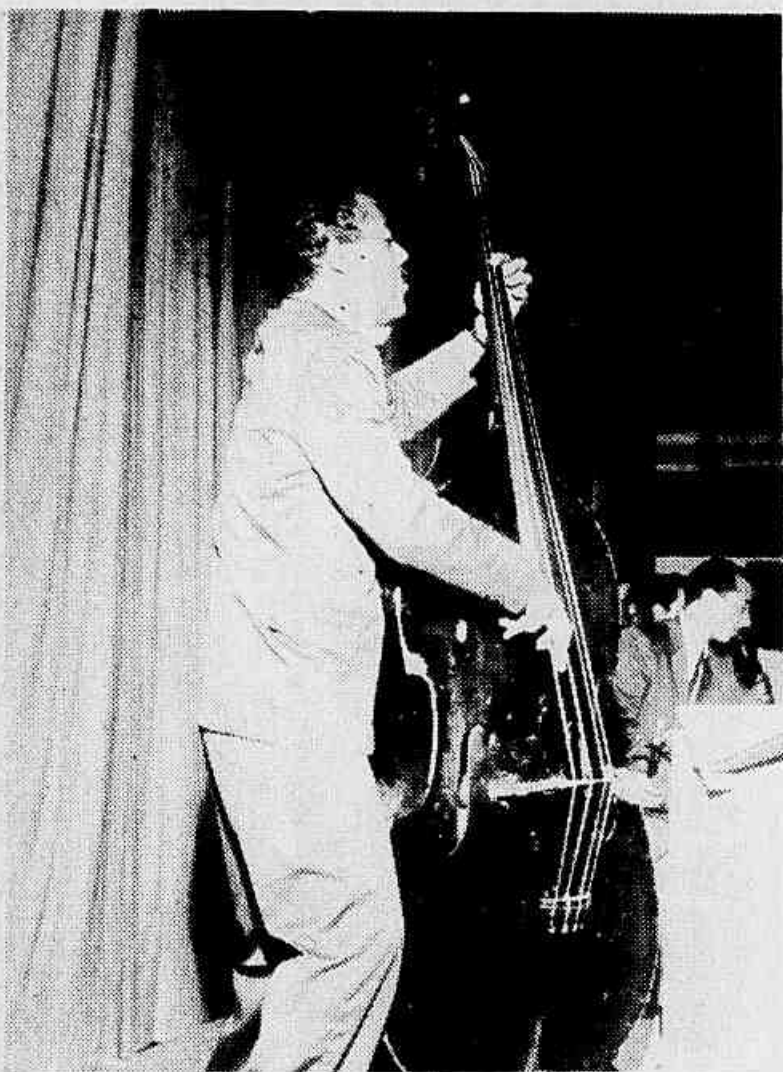
DIZZY GILLESPIE, o extraordinário músico norte-americano que em 1945 inventou o «Be-bop», e que está atualmente (por mais alguns dias apenas) no Rio de Janeiro, convidado especialmente, compareceu à Escola de Samba de Portela, em Osvaldo Cruz, a fim de tomar parte em um duelo de ritmos: êle e seus músicos executariam música de jazz, e os acadêmicos de Portela, o samba brasileiro com todos os seus ff e rr. Como acontece comumente em casos iguais, a Escola atraiu grande número de curiosos, gente da alta sociedade, que se abalou de suas residências para o longínquo subúrbio carioca. Talvez por isso, fôsse pequeno o espaço disponível para os próprios músicos e dançarinos executarem suas notas e passos. Enfim, tudo transcorreu dentro de um ambiente de cordialidade e até de bom humor — a começar pela alegoria à figura de Tio Sam, colocada à porta da Escola, encimada por uma inscrição que deu muito o que falar: «Well Cowe in Portela»...

A falta de espaço a que já nos referimos talvez tenha sido a responsável pelo único acontecimento lamentável da noite: o ferimento causado no lábio de Gillespie por um empurrão ocasional. Gillespie não pôde, depois disso, prosseguir tocando, como era do gosto de todos os presentes em Portela. Aliás, do ponto de vista musical, a reunião não foi o que se esperava. E nem poderia ser de outra maneira, de vez que não é em minutos, nem em uma hora, que um músico, mesmo da categoria e com a experiência de Dizzy Gillespie, consegue captar o espírito rítmico de nossa música, para tocar variações juntamente com uma Escola de Samba. E o que se viu, no tão propalado duelo de ritmos Jazz x Samba, foi duas tendências musicais se desentenderem durante alguns minutos, até que a prudência aconselhou, a ambos os conjuntos, uma pausa capaz de restituir a harmonia no ambiente... Mais tarde, na «boite» Bequini, Dizzy explicava que não conseguira captar o ritmo do samba carioca em tão poucos momentos, mas que, dadas as semelhanças entre a música americana do norte e o samba — semelhança explicável pela origem africana de ambas — talvez viesse a fazê-lo em pouco. Pouco depois, com eleito, gravava, com o conjunto de Cipó, dois sambas dos «rasgados». E tão ansioso ficou para ouvir o resultado, que não sossegou enquanto não lhe deram uma cópia da gravação. Depois, fez questão de levar para os Estados Unidos uma cópia da parte de piston na partitura.

Dizzy, que se declarou comovidíssimo com a recepção em Portela (nunca esperara coisa tão espontânea e tão sincera), entre um número e outro do que participava, retirava-se discretamente para detrás do palco, e ali passava longos minutos. A coisa já estava intrigando a



CHUDO DO "BE-BOP"



O XADREZ e o cachimbo, eis as duas paixões de Gillespie, além do próprio «be-bop». Nos intervalos de sua atuação, ele voltava ao tabuleiro.

O CONTRABAIXO desempenha papel preponderante na marcação do ritmo do «be-bop». Esse executante fez a turma presente em Portela delirar.

muitos, e até ao momento, com toda a certeza, poucos são os que conhecem as razões das repetidas retiradas estratégicas do músico negro. É que Gillespie é louco por xadrez, jogando-o em todos os momentos livres de que dispõe em seu dia. Ora, lá atrás do palco, ele arrumara o tabuleiro e rapidamente encontrara um parceiro para a batalha. Cada vez que tinha de aparecer em público, interrompia as jogadas; mas logo voltava, para concluí-las...

Ao contrário de muita gente que ultimamente nos tem visitado, Gillespie bebe muito pouco, quase nada, em realidade. Em compensação, não tira jamais da boca seu cachimbo. Ele, o xadrez e a fotografia (Gillespie não se desfaz de sua máquina, exibindo-a em todos os lugares) são suas grandes paixões, após o «be-bop». Mas agora, no Rio, ele teve a oportunidade de conhecer de perto os bondes, e apaixonou-se de tal modo por eles que, sempre que podia, tomava um desses paquidérmicos transportes, e lá se ia, feliz como uma criança, agarrado à balaustrada... Pudesse tê-lo feito, e compraria um bonde, tal como o homem da anedota.

Muitos curiosos que estiveram em Portela hão de ter visto, ao lado de Dizzy Gillespie, um padre ainda moço, que o acompanha aonde quer que vá. É um velho amigo do músico, quase tão fanático quanto ele por assuntos de «jazz». No Rio, esse anjo da guarda de Gillespie foi o parceiro de todos os instantes, para as partidas de xadrez e para os passeios pela cidade. Escusado dizer que essa surpreendeu favoravelmente os dezenove músicos que compõem a orquestra de Gillespie. E não só a cidade, como também suas encantadoras garôtas, que, na frase do próprio Dizzy Gillespie, causaram-lhe «um choque dos diabos pelas suas formas extraordinárias»...



O BATERISTA impressionou a todos os presentes com seu miraculoso solo, que durou nada menos de sete minutos. Sete minutos de verdadeiro delírio.

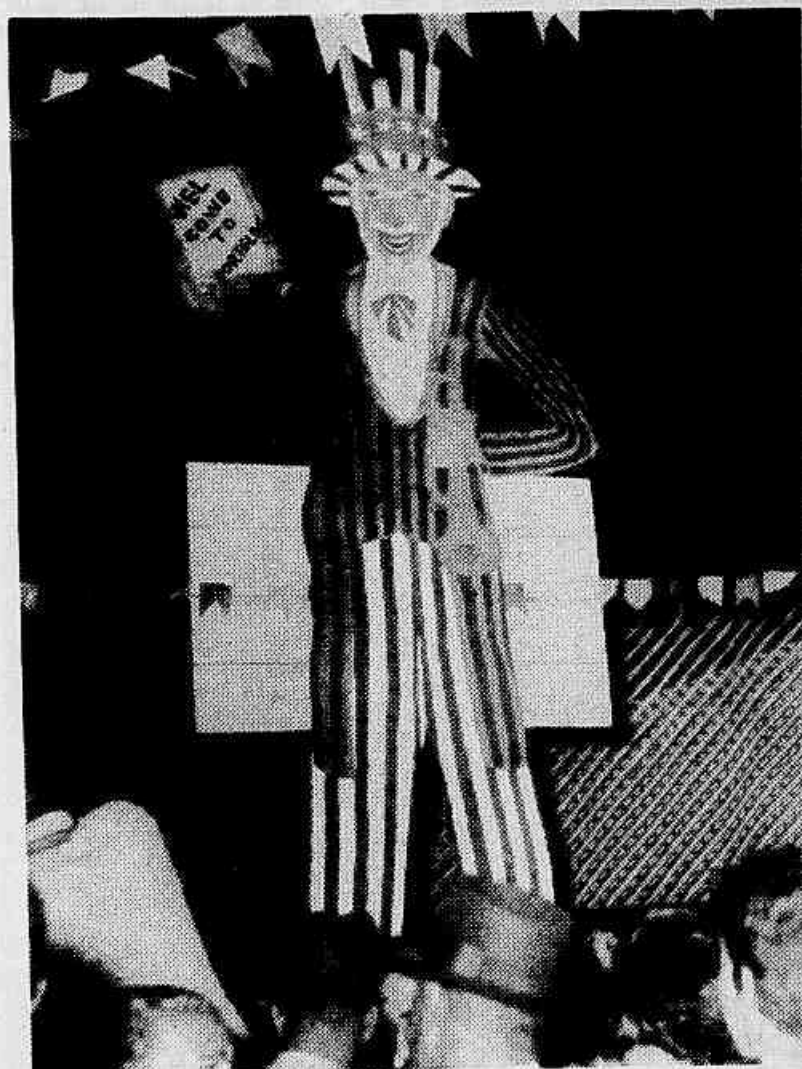
DIZZY GILLESPIE, seus óculos, suas bochechas inchadas, seu trompete alucinante, sua simpatia. Gravou com Cipó alguns sambas. E gostou dos bondes.





E **TAMBÉM** gosta de fotografar. Por isso, não tira a Rolleiflex do pescoço. Só que não maneja o «flash» com a mesma precisão com que usa o «trumpet».

«**WELL COWE** in Portela», estava escrito na entrada da Escola de Samba de Portela. Como o que vale é a boa intenção, o erro de inglês não interessa.



QUEM É GILLESPIE

Dizzy Gillespie tem apenas 40 anos incompletos. Nasceu na Carolina do Sul, e seu nome verdadeiro é John Birks Gillespie. Seu pai era músico e desde cedo John começou a dedilhar um piano. Com onze anos matricularam-no em uma orquestra estudantil. Tocava «trumpet», já então, e todos achavam graça quando se exibia em público com um instrumento que tinha o dôbro, quase, de seu tamanho. Em seguida, já adolescente, e depois homem feito, tocou em várias orquestras de jazz, até que em 1943 encontrou Duke Ellington. O seu sucesso, porém, começou em 1945, com «Hot House», que foi o primeiro «be-bop» de todos os tempos. Começou a trabalhar com Charlie Parker, e por essa época resolveram organizar uma orquestra. Isto é, Dizzy desejava uma orquestra, e Charlie, um pequeno conjunto apenas. Assim nasceu a «Be-bop-Bigband», hoje com dezenove membros.

Uma das frases favoritas de Gillespie é: «Eu só toco para músicos. Os que não são músicos não me interessam». Talvez por isso tenha se sentido tão à vontade entre os componentes da Escola de Samba de Portela, gente que, ao nascer, traz o samba nas veias e o ritmo traduzido pelas batidas do coração.



CATEDRÁTICO DO «Be-bop», Dizzy Gillespie aqui aparece em atitude de quem efetivamente ministra uma lição de «jazz». Lição que os cariocas não esquecerão.



AS MULHERES brasileiras? Simplesmente maravilhosas. E Gillespie tira o cachimbo da boca, e sorri de maneira toda especial. O samba lhe pareceu um portento.

Barreira

Conto de VILMA SANT'ANNA AREAS

Desenho de JERONYMO RIBEIRO

A CINZA transbordou do cinzeiro de vidro, começou a espalhar-se pela mesa. Alberto parou de escrever. Ficou olhando com olhos esquecidos as pontas incontáveis dos cigarros, a cinza triste. Pensou: «preciso ir até a janela jogar isso fora.» Mas não se moveu. Baixou a cabeça e começou a reler o que escrevera. Um conto idiota. As torturas de um jovem padre para cometer suicídio. Idiotíssimo! O conto não tinha consistência, não convencia, não comovia. O personagem principal parecia um pobre fantoche movido por mãos inábeis. Não respirava, não tinha independência, estava morto.

Alberto sentiu um apêto na garganta, uma vontade absurda de chorar, chorar muito, até cair inerte, vencido pela exaustão.

Sua mão crispou-se sobre o papel, transformou-o num bôlo, e tirou-o a um canto da sala. Acendeu outro cigarro. Desde quando aquilo? Era absurdo! Antigamente escrever era o seu grande consolo. Agora era a sua grande tortura! De início as criaturas pingavam de sua pena fazendo estrepolias, vivas, infrenes. Alberto divertia-se com elas. Não podia nem mesmo dirigi-las.

A mãe lia um conto e indagava mal-humorada.

— Por que terminaste assim. É de mau gosto.

Alberto dava de ombros.

— Não fui eu. Realmente eu queria que o homenzinho se casasse como estava programado, mas a criatura bateu o pé. Que posso fazer?

A mãe olhava-o com um certo espanto, distarçado pelo desejo de parecer indiferente.

— Alberto, você parece louco...

Era assim. De repente aquilo. Como acontecerá? Alberto lembrava-se tanto! Fôra numa manhã bonita, cheirosa, lavada. O mar roçava nas pedras, o vento empurrava os ramos, as criaturas andavam de um lado para outro. Tudo igual aos outros dias, absolutamente igual. E Alberto ia, como sempre, meio aéreo, ora chutando as pedrinhas do chão, ora levantando o nariz para o alto farejando o cheiro novo da manhã de sol.

Foi quando, ao atravessar a rua, alguma coisa aconteceu dentro dele! Uma mão invisível puxou-o pelos cabelos, impedindo-o de caminhar. E Alberto ficou com um pé na calçada e outro no ar, numa atitude ridícula. Repentinamente desconheceu tudo, todos, a ele próprio. Não sabia para onde ir. O cérebro esvaziou-se-lhe e a vacuidade súbita deu-lhe tontura.

Apoiou-se a uma árvore. E uma angústia desconhecida, machucada e dilacerante estendeu-se por todo o seu corpo, ficou a pulsar doridamente em cada nervo, em cada músculo.

Vinha passando um bonde verde, rangendo nos trilhos. Nos bancos enfileiravam-se criaturas. E outras criaturas, dezenas, centenas, milhares de criaturas, com suas histórias, suas dúvidas, seus amores e ódios, continuavam a passar por eles.

Então Alberto percebeu com uma grande dor, que em seus escritos não havia aquela exuberância de vida e de paixões. «Estou morto» — pensou ele — «e mortas estão minhas criaturas. Como colher olhos expressivos e corações pulsáteis?»

Continuou encostado à árvore, as mãos geladas apertando os livros de filosofia. Repentinamente, dentro à sua desesperança, teve um desejo maluco: ir com um grande cesto, de criatura a criatura, colhendo olhos e corações. Pediria humildemente, o mais humildemente que pudesse. Diria: não é por mal! É para escrever uma história linda, linda...

Teve vontade de dar uma gargalhada, cheio de uma esperança doida. A ansiedade debatia-se em sua garganta, como um pássaro. E todo o seu corpo pulsava cheio duma alegria concentrada, dolorosa.

Mas aos poucos foi se aquietando. O suor enapapava-lhe a camisa. «Estarei ficando louco?» — Indagou de si para si assustado. Que doidice desejar colher seres humanos como quem colhia flores! Que idéia espantosa! Impossível, completamente impossível! As criaturas que cruzavam com ele, ignoravam-no. Como poderiam despir-se aos seus olhos sem nenhuma reserva? Como poderiam entregar-se?

Alberto sentia-se lasso, como depois de uma saciação de amor. Com aquele cansaço triste quando, após a sensação dum mergulho num abismo vertiginoso, a certeza de que estava à superfície, sempre à superfície.

Desencostou-se da árvore, enfiou por uma vereda do jardim municipal. Aproximando-se do chafariz, apoiou os livros na grama e mergulhou as mãos na água fresca. Pensou vagamente que poderia vir um guarda, que talvez fôsse proibido... Mas continuou agitando as palmas, tentando segurar a água que lhe fugia pelos dedos. Começou a sentir saudades do Alberto de antes «daquilo», de antes do despertar. Agora não teria mais sossego.

Retirou as mãos, enxugou-as nas calças e pegou nos livros. Por um

momento não soube para onde dirigir seus passos. Teve uma pontinha de pena de si, mas logo rejeitou tal sentimento, envergonhado da pieguice. «Acho que sou anormal» — pensou com vontade de se ferir. Mas estranhamente percebeu que aquela revelação lhe dava um pouquinho de orgulho. Pois bem — murmurou dando de ombros irritadíssimo — «sou um homem normal e medíocre, medíocre, medíocre...»

Começou a caminhar para casa ao compasso da palavra odiosa.

Depois disso, tudo se quebrou, como explicar? Aquela noite, Alberto releu alguns contos antigos. Após a leitura empilhou-os sobre a mesa e ficou a olhá-los com desgosto. Achou-os pálidos, desmaiados, caricaturais. «Como pude algum dia gostar destas idiotices?»

Acendeu um fósforo, pegou ao acaso um conto e aproximou-o da língua trêmula da chama. O papel retorceu-se, crispou-se, encolheu-se e foi sendo devorado.

Alberto jogou-o ao chão e quis olhar para o outro lado, porque estava sofrendo. Mas não podia. Seus olhos pregavam-se nas folhas onde as



palavras escritas com tanto amor eram engolidas pelas chamas. Pouquíssimos minutos e ficou sobre o soalho um punhado de cinzas escuras. O coração de Alberto latejava. Não podia desviar os olhos daquelas cinzas. E sofria. Cometera uma traição, um assassinato, nenhum castigo seria bastante para ele.

Começou a chorar. As lágrimas desciam pela face, morriam na gola do pijama.

Abaixou-se, tomou de uma folha de papel e catou as cinzas ainda mornas. Os soluços aumentaram. As lágrimas deixavam-lhe um sabor amargo nos lábios. «Sou o sujeito mais desgraçado do mundo» — pensou com dificuldade — «tento queimar meus sonhos e não consigo livrar-me deles».

Juntou os outros contos e meteu-os na gaveta da secretária. Em seguida, voltou à mesma cadeira, sentou-se, uniu as mãos e ficou imóvel, completamente imóvel.

Depois o tempo custou a passar. Alberto sentia uma sensação de sufocamento. Um dia tentou conversar com a mãe. Mas ela não entendera.

— Deixa de tolice. Prá que é esse negócio de escrever? Todo mundo diz que não dá dinheiro.

Alberto perdeu o equilíbrio como se tivesse levado uma bofetada.

— Dinheiro? Mas quem falou em dinheiro? Mamãe, por favor, não amesquinhe as coisas. Estou falando de um ideal que tenho e que é a coisa mais importante de minha vida. Não confunda valores!

Enfiou as mãos nos bolsos, arrependido da tentativa de desabafo.

— Até parece coisa de burguês.

A mãe tricotava sentada na cadeira de balanço. Os pequeninos pés, vestidos de meias de lã azuis, davam impulso à cadeira, que ia e vinha.

— E o que é você além de um burguês?

Alberto corou.

— Você não me conhece, mamãe, é incrível!

Ela riu irônica.

— É bem capaz. Quando você era pequeno, quem te lavava era eu. Conheço cada sinal de teu corpo.

— E isso é muito importante? Você conhece minha maneira de andar, sabe que como quiabos e que detesto matemática. E daí? Isso é conhecer?

A mãe irritou-se.

— Sabe o que mais? Você herdou do seu pai a mania de dramatizar as coisas. Vive fazendo teatro. Não há o mínimo gesto seu que não seja estudado, consciente. Você SENTE cada passo que dá e procura dá-lo da maneira mais complicada possível para se colocar em pose.

— Diante de quem?

Ela encarou-o.

— Por que você não perguntou diante de QUE? — sorriu maldosa. Isso é porque você sabe que é diante de você mesmo. Você é seu único espectador, meu caro. O melhor é deixar de bobagem, tentar um concurso para o Banco e casar com Neide.

a conheço. As coisas empalidecem e viram sombras. Eu sou uma sombra para você e você para mim. Mas você não sabe. Seus sentidos são arredondados. Você não possui instintos agudos.

Alberto partira amargurado e essa amargura não diminuía com o passar dos dias. Seria vaidade? Seria humildade? Ou pura insatisfação? Como explicar aquele desejo de fechar todas as coisas na palma de sua mão? Por que ansiava por identificar-se? E por que sofria ao ver que não havia uma interpenetração, que tudo lhe ficava à superfície da alma? Pontas eriçadas. Blocos. Pedras. Abismos. Não podia vencer todos os obstáculos. Não podia vencer inclusive a própria estupidez.

E depois, era desanimador. O caminho já se tornara liso e brilhante por seus passos indo e vindo e ainda não conseguira libertar-se do círculo. Os limites estavam bem traçados. Corria a mão longamente pelos dorsos das árvores, acariciava os penachos pálidos do coqueirinho agachado a um canto da área suja. Em vão. Voltava à Neide. Como roubar o fugidio daquelas pupilas, a essência daquele corpo. E Laura, sua irmã? Como afastar as sêdas para alorar a carne? Como abrir aqueles dedos teimosamente voltados à própria palma? Como soprar o pó, desvendar clareiras? E a mãe? ... Oh, a mãe como estava longe! ... Demasiadamente longe. Muito pesada para acompanhá-lo nas corridas loucas, nos risos estridentes, nas lágrimas inúteis.

As vezes Alberto pensava que estava ficando louco. Um louco calmo e inofensivo aos outros embora vivesse devorando-se a si próprio.

Um dia quase pedira à mãe: «Leve-me ao sanatório, mãe! Ao sanatório onde a tia Ana apodrece desde pequena. Lembro-me dos olhos perdidos dos loucos. Talvez aqueles não se incomodem de me dar seus olhos para as minhas histórias.»

Mas era lógico que não dissesse nada à mãe. Alberto tinha medo de que ela acreditasse, ou que se risse. Ambas as hipóteses eram insuportáveis.

Em última análise, talvez fôsse um covarde. Imprensado entre coisas inexistentes ou imaginárias, mas de qualquer maneira incapaz de



Alberto refugiou-se no quarto irritadíssimo. Concurso para o Banco! Casar com Neide! Tamanha incoerência! Era debater-se num outro círculo ainda mais estreito. Um dia pensara que a conhecia. Eram-lhe tão familiares aqueles olhos claros, aquela boca de contorno suave! Mas um dia em que a abraçara mais ardentemente, a blusa da menina escorregou pelo ombro e ele vislumbrou uma nesga de carne pálida. Como explicar o que sentira? Um choque, uma sensação de perder o pé e, inexplicavelmente, um ressentimento contra Neide. Aquela pele branca, tão tenra, punha-lhe diante dos olhos uma parte da namorada desconhecida, alguma coisa escondida, intencional ou inconscientemente.

Segurara-a pelos ombros e fitara-a nos olhos com rancor. Por que a sentira assim fugidia de repente? Alguma coisa devia haver por trás daquelas pupilas claras. Alguma coisa de essencial.

Teve vontade de dizer-lhe: «eu não caibo nos seus olhos, Neide. Não

erguer um dedo, entregando-se com volúpia doentia, remexendo em feridas incômodas que sarariam com um tratamento adequado.

Mas seria assim? Era tão penoso admitir aquilo! Não fôra ele quem colocara as barreiras. Não era por sua culpa que era desprovido de asas para ultrapassar aquelas mesmas barreiras.

No outro dia ficara uma hora inteira olhando uma vidraça onde se refletia a tarde verde e luminosa. Como colher aquilo, integrar-se naquilo, despejar aquilo numa folha insensível e branca? Bobagem. Não havia solução. Talvez fôsse vaidade o querer esgueirar-se em tudo. Ou humildade por desejar a anulação de si nos outros e nas coisas. Ou quem sabe insatisfação? Esse manto de sêda irritante, dificultando movimentos, sufocando a respiração, tolhendo vãos.

Não havia solução. Era encostar as palmas na vidraça e fingir que não havia vidraça. Que não havia limites. Nem superfícies frias. Depois fingir que não compreendia nada. E sorrir de falsa ventura.

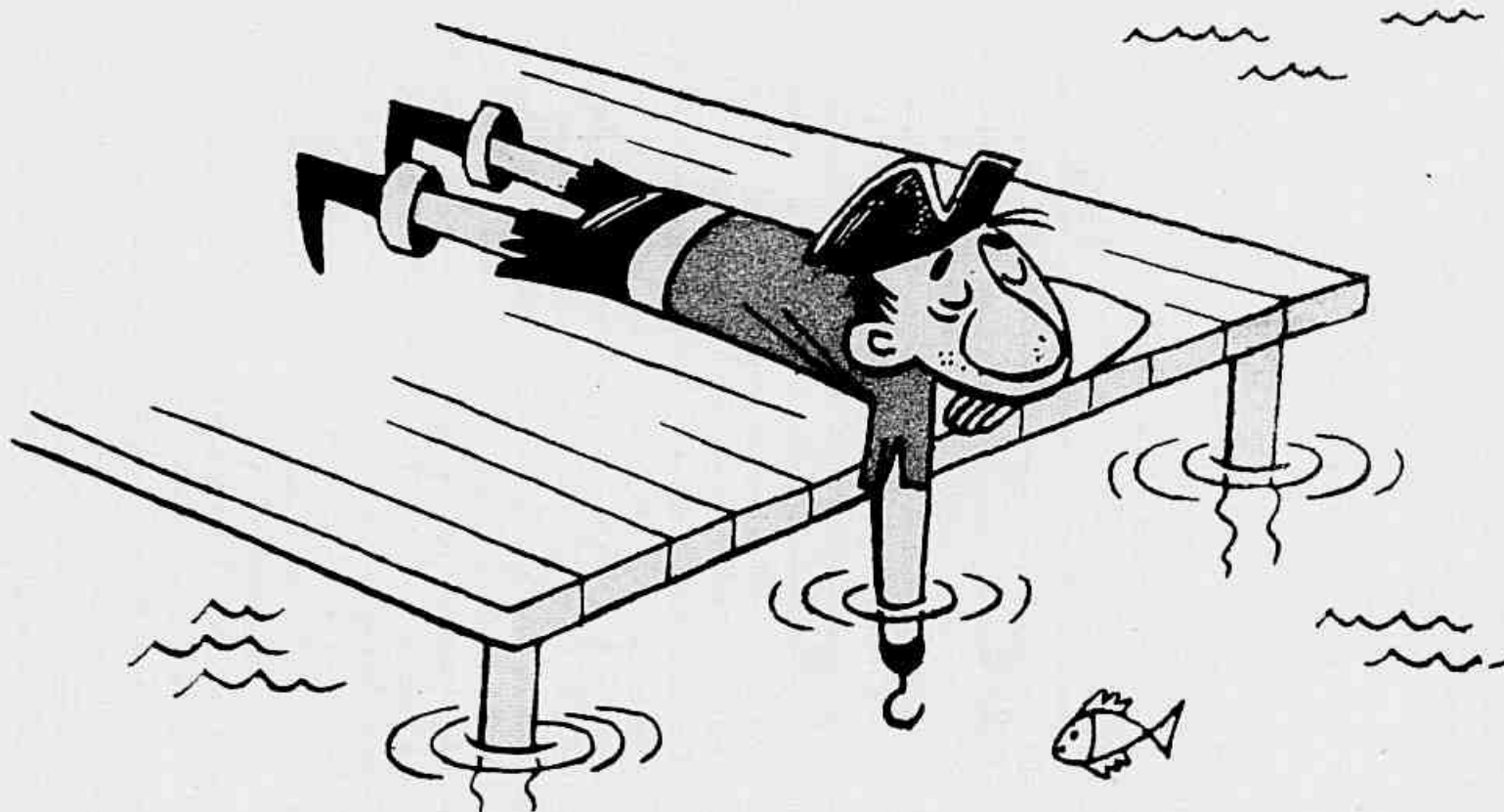
FORTUNA (em variações inéditas) **APRESENTA**

TEMAS CLÁSSICOS D



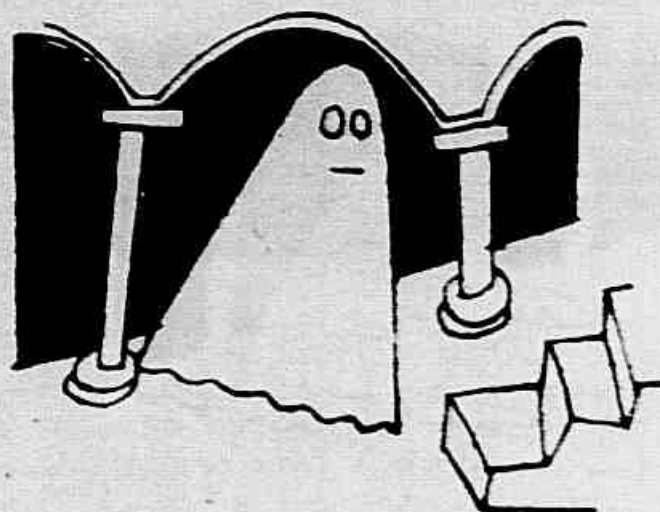
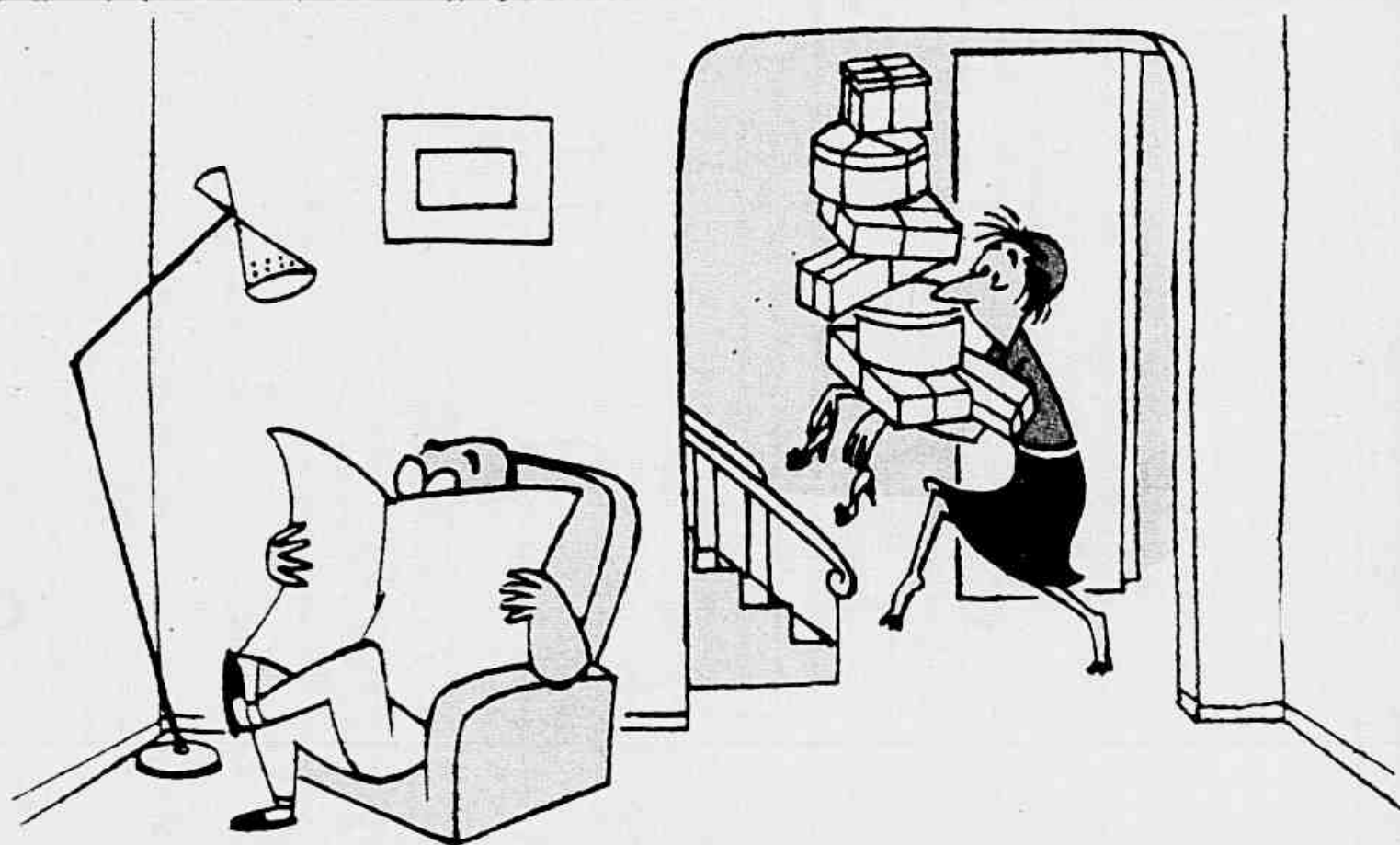
**MÃO DE
GANCHO**

Des. de Sprod — «Punch» — Inglaterra



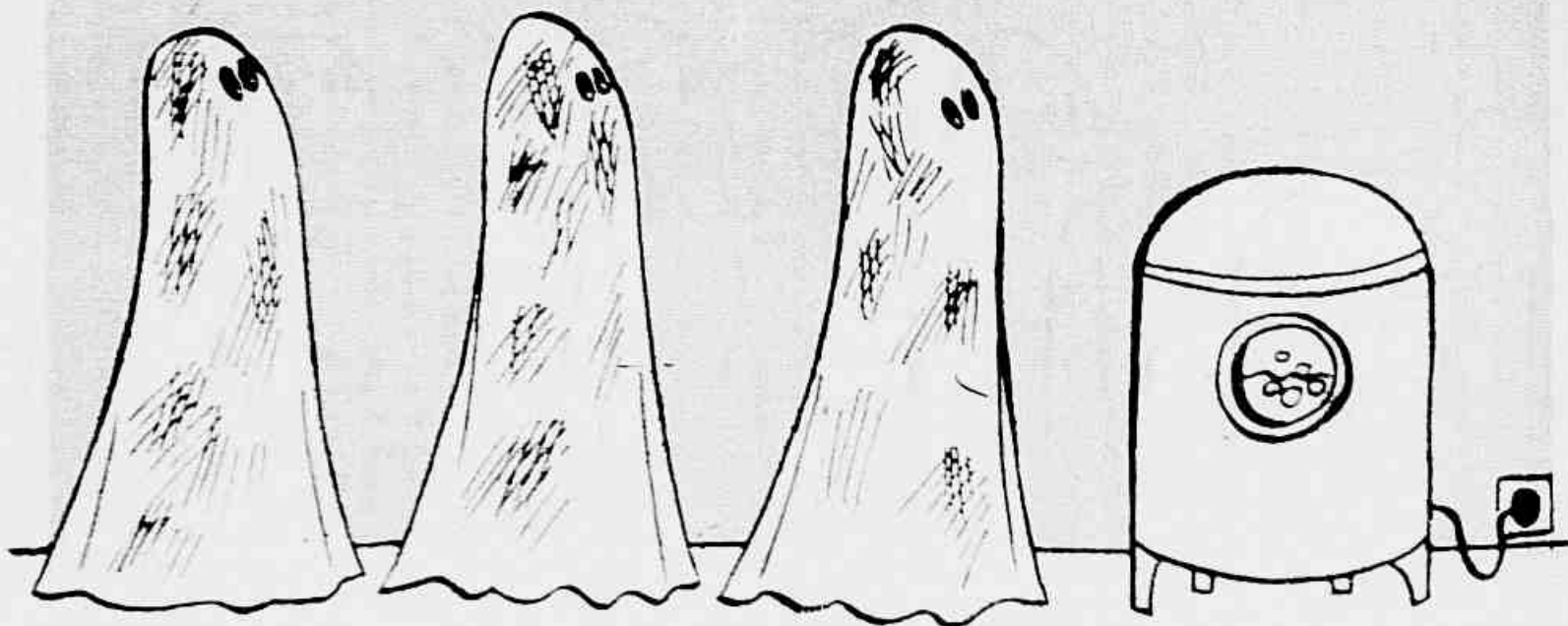
**MULHER VOLTANDO
DAS COMPRAS**

Des. de J. B. Modell — «New Yorkers» — Est. Unidos



**FANTASMA
EM LENÇOL**

Des. de Piqui — Rev. da Semana



DESENHO HUMORÍSTICO (III)



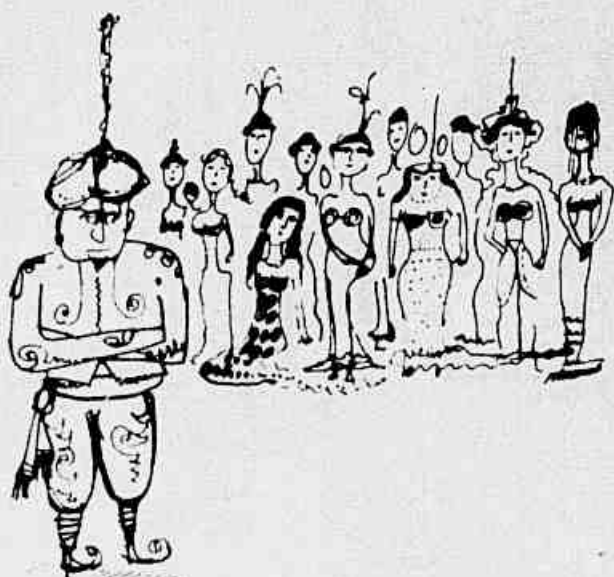
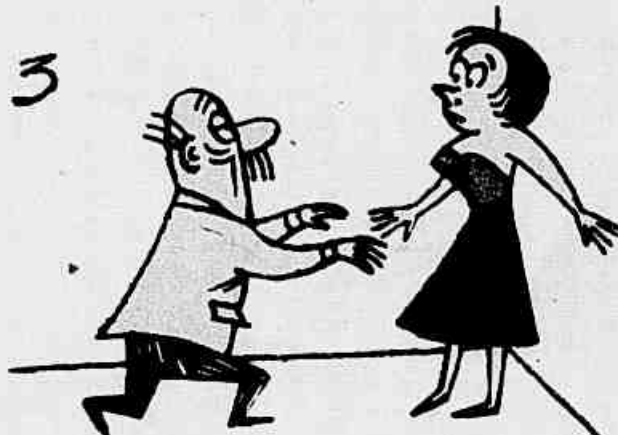
**COPISTA
MEDIEVAL**

Des. de Manzi — «Tempo» — Itália



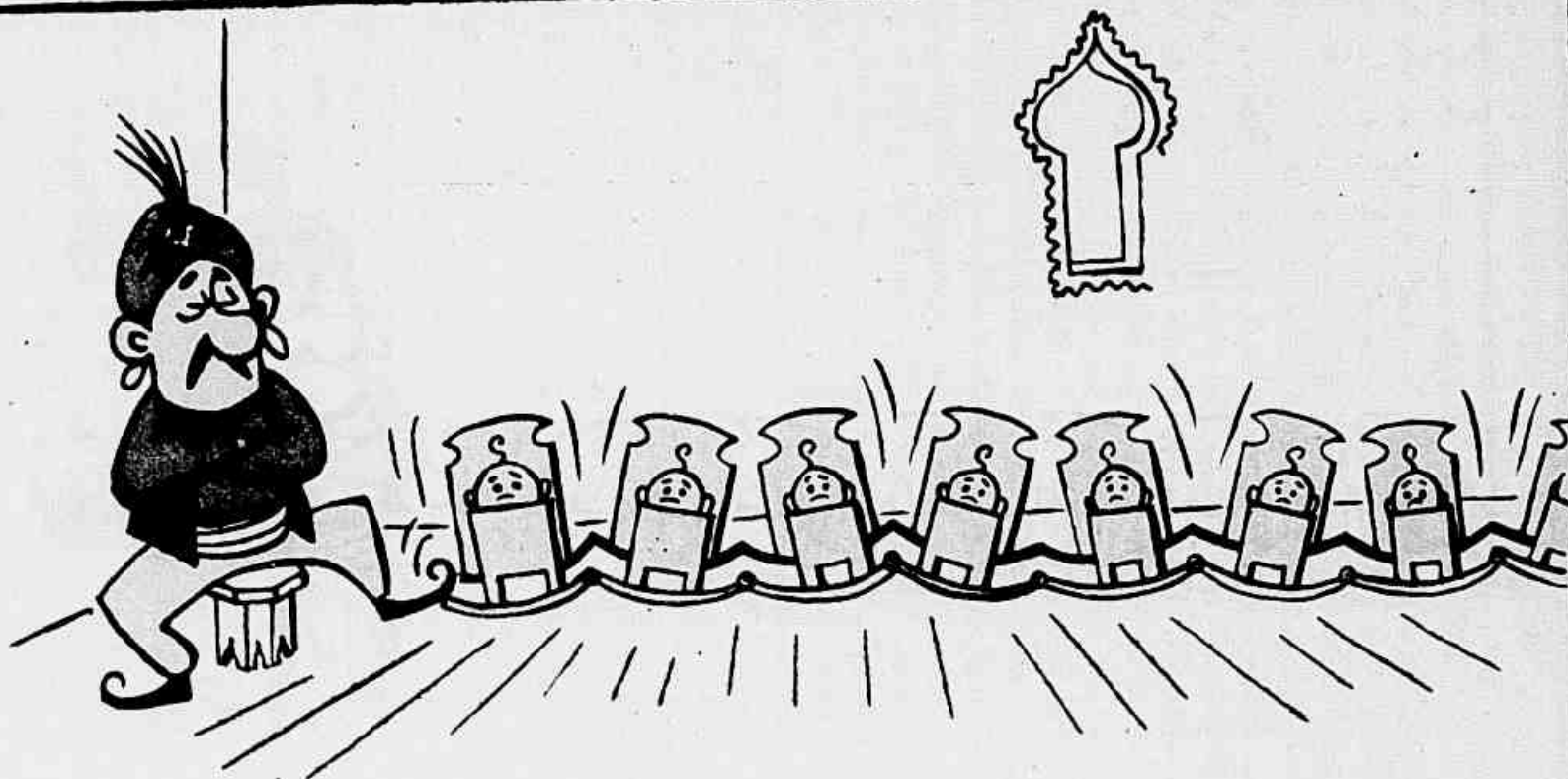
**OFENSIVA
DE OUTONO**

Des. de P. de Lara — «Almanhaque» — São Paulo



SULTÃO

Des. de Jean Bellus — «Fourire» — França





WEEK-END NA COZINHA

Esta receita de hoje, de fácil preparação, é realmente excelente. Há de despertar elogios.

1 — Limpe um frango de cerca de 1 quilo. Depois de lavá-lo bem, em água abundante, escale-o. A seguir, ponha-o em água fervente com um pouco de sal, salsa e algumas fatias de cebola. Cozinhe até a carne ficar bem tenra.

2 — Separe os diversos pedaços do frango e retire todos os ossos com cuidado para que a carne não se desmanche demais. Corte-a em pedaços regulares.

3 — Na mesa da cozinha, estenda fatias de presunto finas. Sobre essas arrume alguns pedaços de carne

de galinha. Por cima da carne ponha pedacinhos de parmesão. Enrole tudo no presunto, formando rolinhos.

4 — Num prato fundo quebre dois ovos, ponha sal e pimenta (a gosto) e bata um pouco.

5 — Passe cada rolinho em farinha de rósca, depois nos ovos batidos, e mais uma vez na farinha de rósca, apertando um pouco para que adira bem ao presunto.

6 — Frite os rolinhos em óleo bem quente, deixando que douram de um lado e do outro.

Sirva acompanhados de «petit-pois» ou purê de batatas.

Conversa de Mulher

LYGIA JUNQUEIRA

O fim do ano não está longe... e já é tempo de ir pensando nos vestidinhos mais ligeiros, em tecido de algodão. Este é um modelo de Tina Lesser, de Nova York e pode ser completado por um casaquinho ou bolero no mesmo tecido.



BELEZA

★ Não é difícil você reconhecer o tipo em que se classifica a sua pele, o que é muito importante para quando comprar cremes e loções embelezadores.

A pele normal é lisa e suave ao tato, devido à sua consistência saudável, unida e perfeita.

A pele oleosa revela-se pelo brilho untuoso, que se acentua no nariz e no queixo.

A pele seca — geralmente rugosa e sujeita à descamação — é áspera.



★ Se você ainda é jovem, evite usar perfumes complicados de fórmulas misteriosas e odor acentuado. Prefira as essências leves, frescas e esportivas, à base de flores, as únicas que combinam com a sua mocidade.



★ Eis a lista do que é essencial para você fazer as suas próprias unhas em casa:

- 2 limas para as unhas (de papel);
- 2 bastõezinhos de laranjeira;
- um polidor de camurça;
- algodão;
- alicate e tesourinha;
- removedor de cutícula e de verniz;
- base para esmalte, e esmalte nas suas cores preferidas.

Tenha tudo em ordem dentro de uma bonita caixinha, e acrescente à lista uma dosezinha de paciência para as unhas saírem bem feitas.



★ Se você se acha mais feia quando está maquiada é porque não usa os produtos que devia, ou não sabe escolher as tonalidades que condizem com seu tipo. A maquiagem bem feita sempre melhora a aparência.

... DE NOIVOS E NAMORADOS

★ Alguns lembretes a noivos e namorados sobre coisas que nunca é tarde saber e é útil recordar de vez em quando.

★ A «festa de noivado» não é obrigatória. Porém, muitas vezes, a família da noiva oferece um jantar ou uma pequena recepção íntima aos parentes e amigos mais chegados. Os pais do noivo devem ser os primeiros convidados.

★ A noiva pode frequentar a casa do noivo — estando presente a futura sogra — desde que já conheça os futuros sogros e tenha sido por eles convidada.

★ Dois jovens não devem declarar-se «noivos» se não houve ainda um compromisso «oficial» de casamento entre eles. Por que apressar as coisas? Digam que são namorados e basta.

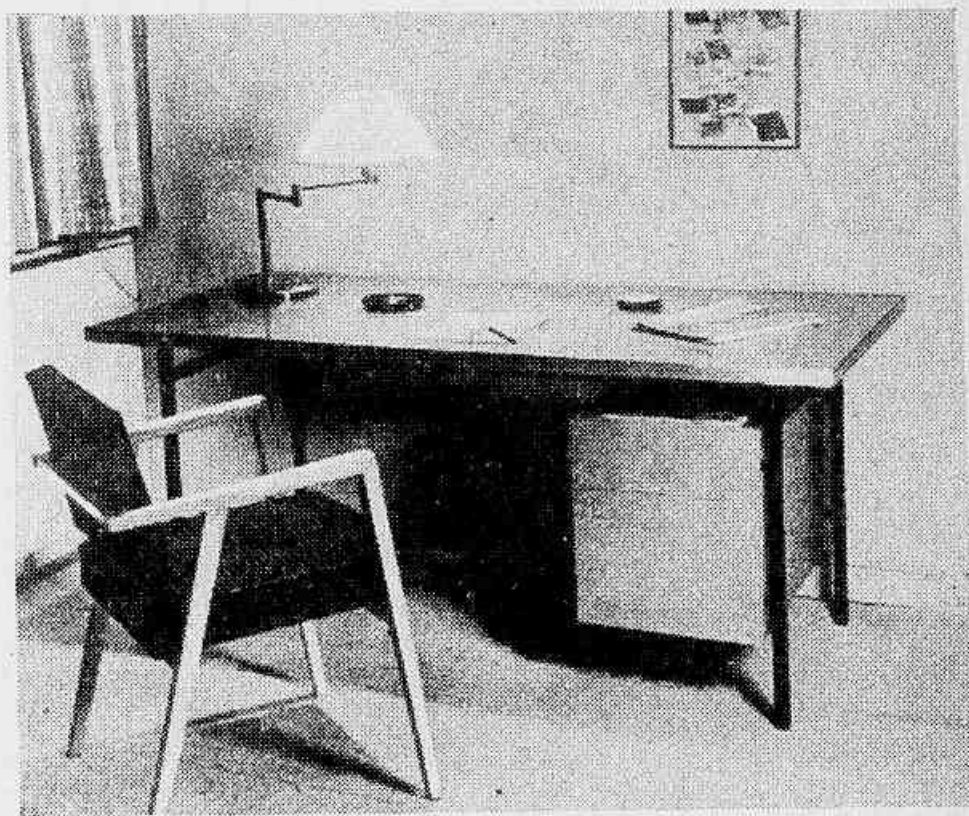
★ O noivado oficial não deve ser declarado muito antes da data marcada para o casamento. Dois ou três meses antes é o suficiente. Ao contrário do que você poderia pensar não diverte nada aos seus vizinhos de poltrona no cinema vê-la aos beijos e abraços com seu namorado. Estão lá para assistir o filme, e o espetáculo que você a lhes desvia a atenção. Além disso, essas expansões de afeto não ficam bem em público.

★ Se você vai realizar o seu casamento com todos os «FF» e «RR», é bom saber que o cortejo nupcial deve sair já de sua casa na ordem com que se apresentará na igreja: no primeiro carro a noiva com o próprio pai e os pagenzinhos; a seguir o noivo, a mãe da noiva, e os dois padrinhos principais; depois os parentes mais próximos e mais padrinhos e madrinhas, se houver. Os outros participantes do cortejo seguem na ordem que desejarem, e só depois desses os convidados; que não irão no cortejo ao chegar à igreja. Num casamento mais simples, não há cortejo na igreja e os convidados vão chegando à vontade, e se dispõem nos bancos à espera dos noivos. O noivo espera junto ao altar e a noiva entra pelo braço do próprio pai. Chegando ao altar ajoelha-se ao lado do noivo no genufletório especialmente preparado para a cerimônia.

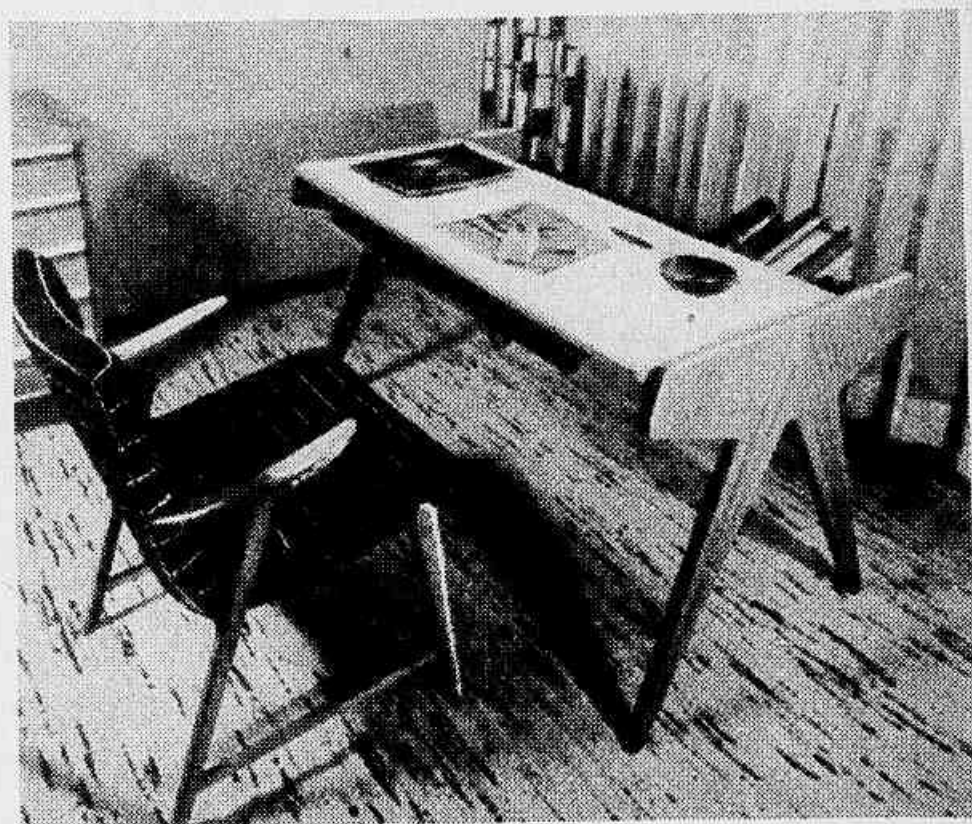


SUGESTÕES PARA O LAR

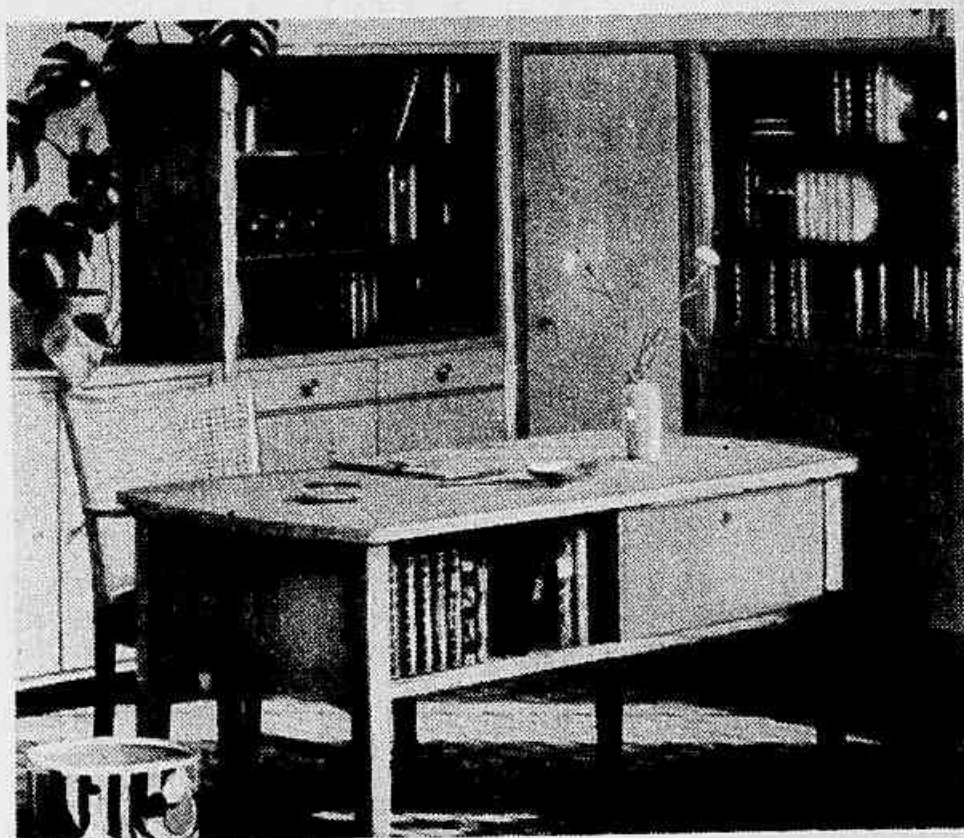
TRÊS IDÉIAS PARA A MESA DE ESTUDOS



SIMPLES e funcional, com dois comodíssimos gavetões para pastas, cadernos e papelada. Abajur de braço móvel.



MODERNA e original, com prateleira para os livros de estudo. Gaveta rasa para lápis, caneta, compasso, etc.



MODELO clássico atualizado, com pequena estante para livros. Acompanha cadeira em palhinha e, sendo possível, uma biblioteca montada sobre armários que podem perfeitamente ocultar uma eletrola e um bar.

PING-PONG



HORA DE descansar, descansar — como diria o nosso Ascenso Ferreira. Joel sabe disso, e possui uma boa poutona ao lado de sua mesa de trabalho.

JOEL SILVEIRA EM TEMPO DE VALSA

UMA ENTREVISTA (LEVE, LEVE) COM O JORNALISTA, POETA, NOVELISTA E FUNCIONARIO PUBLICO
 ★ LEITURA FAVORITA, OS POEMAS DE BANDEIRA ★ PARIS VALE MESMO UMA MISSA ★ PASSA SEUS DIAS... LENDO OS CLASSICOS... ★ CONSELHOS PARA SE FAZER UM BOM JORNAL ★ SAUDADES DA CIDADE DE LAGARTO E UM VERDADEIRO T E R R O R DAS VIAGENS AÉREAS

Texto de JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

Fotos de ALBERTO FERREIRA

Ping — Você ganhou a guerra sozinho ou teve algum auxílio de fora?
 Pong — Os aliados me deram uma mãozinha.
 Ping — Se o Rubem Braga fôsse mulher, você casava com ele?
 Pong — Sim, com separação de bens.
 Ping — A quantas anda o consumo nacional de uísque?
 Pong — A inflação embebedada mais.
 Ping — Que idéia foi essa de escrever um livro de poesia?
 Pong — Há coisas inconfessáveis, que só podem ser ditas em verso. Mesmo maus.
 Ping — Para que existe a água?

Pong — ?
 Ping — Por que a Torre de Pisa é inclinada?
 Pong — Para a gente ir lá ver de perto.
 Ping — Paris?
 Pong — Vale uma missa.
 Ping — Quem é pesado, o Botafogo ou o Antônio Maria?
 Pong — O Antônio Maria é um zéfiro.
 Ping — Em quem votaria para Prêmio Nobel da Caceteação?
 Pong — Em mim, de «ressaca».
 Ping — Gosta de café, filho?
 Pong — Gosto.
 Ping — O que é ser jornalista, no Brasil?

Pong — É formar no rol dos «rapazes da imprensa», e ter que entrevistar o senhor Benedito Valadares de manhã cedo.
 Ping — Qual a maior figura dos últimos dez anos?
 Pong — Nunca houve dez anos tão estúpidos. O que há de grande nêles veio de antes.
 Ping — E nacional?
 Pong — No Brasil, a estupidez é mais velha: começou em 1930. Ou foi mesmo em 1500?
 Ping — Que coisa acabaria com a confusão política no Brasil?

◇ JOEL SILVEIRA não é apenas o grande jornalista a que nos habituamos a ler, todos os dias, nas páginas de jornais e de revistas: é também o homem inteligente de todos os momentos, o poeta de «O Marinheiro e a Noiva», o novelista de «O Desaparecimento da Aurora» (que dentro em pouco estará nas livrarias), o cronista das «Histórias de Pracinha», o dinâmico diretor do Serviço de Documentação do Ministério do Trabalho. A presente entrevista é uma entrevista leve, e focaliza somente um ângulo — brilhante embora — da personalidade de Joel Silveira: sua presença de espírito, seu senso de humor apurado e preciso, sua habilidade em contornar por vezes situações que deixariam outrem, menos hábil, em verdadeiros labirintos. Mesmo por esse prisma do jornalista sergipano, porém (ou, quem sabe, principalmente através dele) chega-se a reconhecer o talento de que é dotado, o bom gosto de suas opiniões e até mesmo uma certa melancolia, que de quando em quando transparece mais forte — como no caso da penúltima de suas respostas. Porque, afinal de contas, convém não esquecer que Joel é também poeta.

Pong — Político não adular general; e general não fazer política.
 Ping — Como passou o último carnaval?
 Pong — Qual deles? O de novembro ou o de fevereiro?
 Ping — Qual a sua leitura favorita?
 Pong — Os poemas de Manuel Bandeira.
 Ping — Por que se ufana de seu país?
 Pong — Que jeito?
 Ping — É doce morrer no mar?
 Pong — Com Caími ao violão e uísque legítimo.
 Ping — O que acha das mulheres?
 Pong — Às vezes procuro e não acho.
 Ping — E dos homens?
 Pong — Acho sempre.
 Ping — É católico?
 Pong — Não. Mas seria um grande amigo de Jesus.
 Ping — Você NÃO é advogado?
 Pong — Rábula, às vezes.
 Ping — Mas faz suas defesas?
 Pong — Jogo na meia esquerda.
 Ping — Se pudesse definir a situação nacional numa só palavra, qual seria ela?
 Pong — Brasil.
 Ping — Se Deus é brasileiro, você não o julga muito mau patriota?
 Pong — Você acha que Ele devia ser do PSD?
 Ping — Que acha da Academia de Letras?
 Pong — Um lugar onde Manuel Bandeira senta-se ao lado de Menotti del Picchia.
 Ping — Gosta de música de que espécie?
 Pong — Ando meio afastado da eletrola. Mas ainda ouço Beethoven.
 Ping — Conte algo de interessante relacionado com sua estada na Itália.

Pong — Deixemos que a História se encarregue disso. Nunca faltará no Brasil um Viriato Correia.
 Ping — Como poeta, sente-se influenciado por alguém?
 Pong — Quem me dera!
 Ping — Para onde vão suas preferências em Pintura?
 Pong — Impressionistas e Expressionistas. No Brasil, Pancetti e Di Cavalcanti. E Portinari, hélas! — como diria Gide.
 Ping — Qual o prato favorito?
 Pong — O do dia.
 Ping — Gosta de animais? De TODOS?
 Pong — Não gosto de Mc Carthy. Nem de Franco.
 Ping — O que pensa do humorismo como praticado entre nós?
 Pong — Você se refere ao Ibrahim? Ou à Pomona Politis?
 Ping — Como passa as vinte e quatro horas do seu dia?
 Pong — Lendo os clássicos?
 Ping — Quais as cinco coisas necessárias para se fazer um bom jornal?
 Pong — Papel, tinta, linotipista, rotativa e imaginação.
 Ping — Muito viajado?
 Pong — Nunca estive em Manaus. Nem em Pati do Alferes.
 Ping — Qual a personalidade mais interessante que conheceu?
 Pong — Um tio meu chamado João.
 Ping — Acredita na Faculdade de Jornalismo?
 Pong — Acredito em tudo.
 Ping — Em fantasma?

CONSULTANDO VELHOS livros, organizando mais um lançamento da hoje famosa «Coleção Mauá», de seu Serviço de Documentação. Joel revelou-se excelente funcionário público.

Pong — Principalmente.
 Ping — Em que cidade desejaria viver?
 Pong — Em Lagarto, de onde deveria ter saído.
 Ping — Médo de avião?
 Pong — Nunca. Apenas terror.
 Ping — Qual sua marca de uísque favorita?
 Pong — Vou mais na marca do garção.
 Ping — Que dez ilhas gostaria de levar para um livro deserto?
 Pong — Você não estaria abusando de seu uísque favorito?
 Ping — A quem escolheria para naufragar com, e ir para uma ilha deserta: Sophia? Lollo? Monroe?
 Pong — Uma ilha deserta acaba com uma mulher bonita em duas semanas.
 Ping — Seria capaz de responder ao verso de Cruz e Souza: «Ah! por que todo ser nasce chorando?»
 Pong — Minha mãe garante que nasci com um sutil sorriso nos lábios, e que só comecei a chorar uma semana depois. Para sempre.
 Ping — Até?
 Pong — Adeus.

A REPARTIÇÃO ficou para trás, mas ainda é preciso escrever o artigo para o dia seguinte, entrevistar fulano, ouvir as declarações de beltrano... E o diabo do ônibus não chega?

Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser **belas e atraentes**
submetendo-se ao método de
beleza do crême **ANTISARDINA**.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



O HOMEM E O TRAPEZIO (Continuação da página 11)

A alegria de Valter trazia mais dor que a mesa de curativos. Era um caso simples, simples demais. Voltara do trabalho com cólicas fortes — «volvo» — nó nas tripas, como disseram os vizinhos. Operara-se, mas algo não saíra direito, um tubo de borracha servia-lhe de ânus. Sorria tôdas as manhãs, ouvia o rádio do quarto dos internos, fazia planos para o Carnaval do ano seguinte e mostrava o retrato da prima, de tranças, olhos grandes, contando histórias ingênuas de rapaz bem criado. Construíra novo mundo em sua cama, e sua mãe tinha a certeza de que o teria de volta em seu aniversário.

O mítico octógono irregular tentava manter os lados e as diag-

nais inexatas. Os homens ligavam-se numa fabricada esperança, apoiavam-se para afirmar-se, mas sentiam melhor a decomposição. A forma teria de ser sacrificada; impossível manter a integralidade de coisas irrealizáveis. Era o limite de um espaço infinito, apenas o limite, seria inútil permanecer.

Otávio estudava os companheiros com a isenção amarga com que recebera a notícia do acidente. Já não se permitia suportar-se; sentia piedade, sentimento disforme congruo à tristeza, inveja e desespero; repetia ser piedade.

A vida abastardara-o. Fôra castigo, precisava ser castigo. A lógica obrigava-o a buscar alguma razão para o diminutivo depreciativo a que estava reduzido. Cabeça, tronco e dois membros, redu-

ção vergonhosa do homem que ultrapassara outro homem até sua esposa.

Confortante a visão da rosa vermelha, idéias confusas de sangue e beijos, lembrança ridícula de um desmembramento desnecessário. Madalena também apreciava as rosas vermelhas.

O quarto tomava aspecto de velório; os olhos perdiam-se nos lençóis brancos, as mãos delineavam gestos de vô, enquanto as palavras eram deglutidas na saliva ardente.

(Cont. no próximo número)

O ENIGMÁTICO KAPTIZA

(Cont. da página 13)

Ele e seus assistentes tinham feito inúmeras experiências antes de obter sobre a tela as trajetórias em forma de basto-

netes. Nascera, enfim, o EFEITO CURTO. Três anos apenas bastariam agora para presenciar, o mundo, a explosão da primeira bomba atômica soviética, três anos de grandes sacrifícios e esforços. Porém, a ideia geral da terrível bomba, pode-se dizer, nasceu no dia 25 de junho de 1939, às quatro da madrugada. Custará, a bomba, menos caro que sua prima norte-americana, pois milhões foram poupados com a ideia de Kourtchatov.

O prodigioso EFEITO CURTO logo é conhecido de todo o mundo científico soviético, e em poucos dias o Pravda de Leningrado escreve, em grandes manchetes: «O Prêmio Stalin Devo Ser Dado a Fierov e Peiznack». E, poucos dias também após o editorial de Leningrado, é o Pravda de Moscou que examina, igualmente, o nome dos dois assistentes de Kourtchatov para a disputa ao recém-instituído Prêmio Stalin. Porém, ao contrário de achar a descoberta dos rapazes um fato grandioso na história da ciência russa, depreciam-no, dizendo tratar-se unicamente de um «feito trivial de amadores». E, para completar o panorama, os dois redatores do Pravda de Leningrado que haviam lançado o nome dos dois cientistas para o Prêmio Stalin, desaparecem como que por encanto de circulação...

Atribuir aos dois assistentes de Kourtchatov o Prêmio Stalin atrairia, forçosamente, a atenção de todos para a descoberta. Porém, os dois mereciam o prêmio, realmente, e é com suma discreção que, certo dia, recebem, em dinheiro, os cem mil rublos do galardão. Sem discursos na Academia de Ciências, sem recepções, e — o que é importante — sem nenhum despacho telegráfico para o exterior... Béria é quem os procura, a fim de explicar a situação. É preciso que se faça o máximo de silêncio, em torno do caso. São as ordens de Stalin.

Os dois homens somente serão considerados grandes cientistas, e como tal conhecidos e honrados, em 1943, após a primeira «explosão em laboratório». Devem é render graças aos céus de não terem tido a mesma sorte que os aloitos e ingênuos jornalistas de Leningrado.

A RUSSIA ENTRA NA GUERRA

André Jdanov, chefe da Região de Leningrado, e também chefe do Serviço Atômico dos Soviéticos, Membro do Conselho do Soviete Supremo, recebe, é claro, uma correspondência considerável, todos os dias. Apenas um por cento das cartas que lhe mandam é lido, e uma em cada mil missivas chega a ser por ele respondida. Um dia, contudo, chega-lhe uma carta, assinada «Victor Jdanov». Seus secretários pensam tratar-se de um parente do chefe, quem sabe. E encaminham-na às mãos de Jdanov.

(Cont. no próximo número)

UM ESTRANHO NO PARAÍSO

(Continuação da página 37)

A petição do poeta, foi atendida, e o califa impôs-lhe como sentença, que tomasse por esposa à sedutora Lalume — bom rapaz! — assistindo-lhe o direito de se afastar para as mais ignotas regiões do amor...

O califa casou-se com Marsinah e os dois foram muito felizes até o fim de seus dias. E tiveram muitos filhinhos...

Pelo menos, isso é o que dizem as páginas da história, em que se faz o comentário de que, através de caminhos tortuosos, Marsinah cumpriu o que seu destino tinha preparado para ela.

Os clarins reboaram no espaço, pombas espargiram suas asas ao vento, pétalas de flores derramaram-se sobre a cabeça dos nossos heróis, e pelas gerações adiante, as velhas nos intervalos dos acessos de bronquite, enroladas no chale, em noites invernosas, aticavam o fogo na lareira, bebericavam a tigela de caldo, limpavam os beiços rachados de frio — e começavam a matraquear, para os netinhos sonolentos mas curiosos...

— Era uma vez, na fabulosa Bagdad, um certo poeta miserável que resolveu pedir esmola, e o que lhe aconteceu por castigo... depois eu conto...

Mas contava agorinha mesmo.
FIM



Mostrando o «olho que viu Moscou». «Fui o primeiro humorista brasileiro a «dormir sozinho» na capital russa.»
— E que é que tem isso, Cavaca? — «Nada. Mas, não te dá medo? V. sozinho num quarto, rodeado de moscovitas?»

CAVACA PERCORREU

OROPA, FRANÇA E MOSCOU...

(COM LICENÇA DE JAIME ADOUR) ★ NÃO QUER SABER DE BRINCADEIRA COM A CORTINA DE FERRO ★ MATERIAL REDUZIDO

Reportagem de LUIZ MORENO

O TELEFONE tilintou na redação da «Tribuna da Imprensa», às 9,45 de uma friorenta manhã de junho.

— Alô?

— É da «Tribuna»? De Moscou desejam falar com o redator-secretário desse jornal. Ele pode atender? — indaga a telefonista aflita.

— DE MOSCOU? De Moscou? A senhora tem a certeza que é mesmo de Moscou?

E toda a redação parou com o berro do secretário.

— Bem... pode ligar. É o secretário quem fala.

Após um breve momento, ressoou a voz fanhosa através do fio.

— Alô? É da «Tribuna»? É o Nilton?...

— Sim. Quem é que quer falar com ele?!

— Nilton? Aqui é o Cavaca...

Nesse meio-tempo, a mesa do secretário do jornal de Carlos Lacerda estava rodeada de gente.

— Sim. Que é que há? Você está doente, Cavaca?

— Não. Estou bem de saúde.

— Que é que v. quer, então?

— Quero **passar** o jogo da Portuguesa...

— V. está louco??? Desliga isso, homem! Que «dinheirão» vai custar essa brincadeira???

— Não vai custar nada, seu «bobo»! É tudo de graça, aqui: «pro papai»... Tome nota:

Era a primeira «piada» internacional do humorista Cavaca.

CAVACA PERCORREU



Uma família que vive à custa das «piadas» do chefe. D. Nelly (a esposa), D. Juju (a sogra querida), Flávia, Cláudia e o brotinho Márcia Andréa (os descendentes) e também as empregadas que «emprestam» o seu concurso e, às vezes, o «seu» dinheiro, ao chefe.

José Martins de Araújo Júnior — o popular Don Rossé Cavaca, que assina uma coluna diária de humorismo no jornal do primo de sua esposa — acaba de voltar de sua segunda viagem internacional. Percorreu 13 países da Europa, inclusive a Rússia, como convidado da Portuguesa de Esportes, para fazer a «cobertura» de suas competições de futebol pelos gramados do Velho Mundo.

— Fui o primeiro humorista brasileiro a penetrar a «cortina de ferro» e a dormir *sòzinho* em Moscou! — gaba-se ele, agora, frente ao repórter.

— E que tem isso? — «Dormir *sòzinho*»?

— Não tem nada de mais! Mas, não te dá medo, só em falar nisso? Eu, *sòzinho*, num quarto, com tanto moscovita em volta de mim?

Cavaca é assim mesmo. Para assunto sério, um tratamento humorístico. Era assim desde os tempos do América F. C. quando começou a fazer «piadas» nos «shows» daquele clube e a deglutir 8 «cavacas de milho» por refeição no café do Bernardo, na esquina de Afonso Pena, fazendo jus ao apelido.

Desfilando suas impressões de viagem, demora-se em relatar o que foram seus 15 dias no país dos soviéticos:

— Achei Moscou a cidade menos «moscovita» do mundo... Por lá, só encontrei mesmo caravanas e caravanas de gente de outras cidades da Rússia em visita de turismo à capital! Moscou é uma cidade muito barulhenta, muito mais do que o Rio. E como a nossa capital se parece até no trânsito de pedestres: como são indisciplinados os transeuntes!

«Numa das travessias de rua principal, tive oportunidade de observar as reações de um inspetor de veículos, quando alguém atravessava fora das faixas de segurança. Cruzando os braços, desanimado, o «guardoff» se parecia muito com os nossos, quando se lastimam: «Estás aí para estragar o meu serviço?»

MOSCOU, CIDADE SOMBRIA

Cavaca que, até hoje, se queixa da severidade e da falta de liberdade que lhe foi imposta na sua visita à capital russa, reclama:

— Tudo por culpa do técnico da Portuguesa, que inventou uma concentração absurda para toda a delegação! Era engraçado: nós, com a liberdade tolhida na Rússia... por um brasileiro, técnico de futebol!

Mas, passei por todos os lados, fotografei o que bem quis e até hoje, pelo menos, ninguém veio tomar satisfação comigo. A cidade pareceu-me um tanto triste. A arquitetura pesadona, em que predominam as cores escuras, tornam Moscou uma cidade sombria. É intenso o tráfego de superfície, constituído em sua maioria de caminhões pesados e de dois únicos tipos de carros — o ZIZ e o ZIM (o primeiro, parecido com o Packard e o último com o Oldsmobile, modelo: 1940). Ônibus elétricos e só nos arredores, alguns bondes iguais aos nossos.

«Quanto ao «metrô», tenho a impressão que é uma obra «quase-definitiva»; mesmo daqui a 100 anos poderá despertar o entusiasmo do visitante.»

AS MULHERES RUSSAS

Tendo ao lado a esposa, D. Nelly, Cavaca não se entusiasma muito ao falar das mulheres que viu.

— A mulher russa impressionou-me pela sua extraordinária «funcionalidade». Explico melhor: Quando uma russa vai à loja comprar uma blusa, ela compra a blusa porque gostou da blusa. Já o mesmo não acontece com a carioca, que compra a blusa, porque... vai combinar com *aquela* sapato e com *aquela* bolsa que ela vai comprar depois pelo crediário...

«A maioria delas em Moscou trabalha em construção civil e vestem-se sem os requintes das outras mulheres européias. Pareceram-me extremamente feias.»

D. Nelly aprova satisfeita, e Cavaca aproveita para retificar:

— Só as vi de longe. Não posso julgá-las em definitivo...

COMPRAS E CAFÉ, COM GOSTO DE QUEROZENE

Conta-nos que tendo adquirido na Alemanha um casaco, temendo o frio da capital russa, quando lá chegou teve a surpresa de constatar que o termômetro marcava mais de 38° à sombra.

— Fazia um calor de rachar! E todo mundo bebia um refrigerante muito popular: suco de uva, com gema de ovo. Bebi também café. Diziam os russos que aquilo era café. Tinha um gosto de coca-cola de mistura com querozene Jacaré. Muito gostoso mesmo.

Cada membro da delegação esportiva recebeu uma «ajuda de custo».

do comitê esportivo, 100 rublos. Eis a lista de objetos que Cavaca comprou com os 100 rublos:

6 bolas de tênis — 24 rublos; 1 lupa (lente) — 9 rublos; 5 filmes (120) — 15 rublos; 6 maços de cigarros búlgaros — 12 rublos; 2 maços de cigarros russos — 12 rublos; 1 telegrama para o Rio — 27 rublos; total: 99 rublos (?).

— Mas, a soma só dá 99 rublos, Cavaca!

— Bem... o rublo que falta foi gasto com uma russa...

E ante o olhar espantado de D. Nelly.

— ...uma boneca russa que comprei para minha filha! — acrescentou aliviando o ambiente.

Informa-nos que sendo o salário-mínimo (segundo ouviu dizer) de 800 rublos mensais, e a diária do Hotel Moscou (distinção sem luxo) de 14 rublos, pode-se fazer uma idéia das condições de vida naquela capital.

O HUMORISMO SOVIÉTICO

Deixando Moscou, a equipe da Portuguesa, transferiu-se para a Georgia, em cuja capital, Tibilis, realizou mais dois jogos.

— Tibilis é uma cidade pequena que me fez lembrar uma mistura de Petrópolis com Juiz de Fora. Há, pelos seus arredores, um «mirante», que me deixou saudades do «Excelsior» da Tijuca. Só que não se podia avistar o Pão de Açúcar.

«Foi lá em Tibilis que assisti a um formidável «show» de variedades e conheci também um fabuloso humorista soviético. Como sabia fazer rir o público aquele homem! Só consegui entender uma única piada (pois, ele falava em russo, naturalmente). Era uma «bola» que terminava com uma referência chistosa à COFAP...

— COFAP? — estranhámos.

— Bem... era uma palavra parecida com COFAP que provocou a gargalhada. Aliás, para a gente morrer de rir quando se fala em COFAP, não é preciso se estar na Rússia...

PARADA DE AVIAÇÃO

— Ah! é verdade — acrescenta — esqueci-me de dizer que em Moscou tive oportunidade de assistir a uma formidável «parada de aviação». Fiquei zozzo com tantos «jatos» a voar por cima de mim.

E como a «torcida» cá em baixo se empolgava, dando «vivas» e batendo palma!

«Depois de muito observar os novos tipos de aviões soviéticos, cheguei a uma importante conclusão, que acredito em muito poderá ajudar aos «serviços secretos» dos países do mundo ocidental.»

«A diferença que existe entre um avião soviético e um americano é uma só: a direção! Voam ambos em sentidos opostos...»

VIU A GRACE KELLY

De volta da «cortina de ferro», esteve Cavaca na Polónia, onde pôde constatar a enorme curiosidade que desperta o elemento negro:

— Pensei que fôsse «piada». Mas, não é não! Todo mundo fica interessado em passar o dedo no braço dos nossos «escurinhos», para ver se a «tinta» desbota...

«Estivemos também em Mônaco, justamente a tempo de assistir às bodas do casal Rainier. Só não tirei retrato no iate do príncipe porque

Cavaca nos arredores de Lisboa. «Sesimbra parece-se com Resende; Caparica com Mossoró e Setúbal... com Nova Iorque. (Bem eu não conheço Nova Iorque, mas em compensação também não fui a Setúbal) — explica)



A «torcida» russa parece um pouco com a carioca. Xinga e berra com estrépito. (Eu sabia que estavam «xingando» porque conheço bem a expressão do carioca quando faz a mesma coisa — explica Cavaca).

a fila era muito grande. Vi a Grace de perto e não achei muita graça na princesa. Concordo com aquele meu colega que afirmou que a Grace Kelly parece «água mineral, sem borbulha...»

RECEIO...

Antes de despedirmo-nos, Cavaca nos chama a um canto e fala apreensivo:

— Veja lá como vai me tratar... Não é que eu tenha medo das declarações, que acabo de fazer... Mas, essa é a segunda vez que sou entrevistado.

E muito sério e compenetrado:

— ...Da primeira vez, logo no dia seguinte, estourou a guerra da Coreia... Compreende?

Neca, Cavaca e Joe, durante a breve estada em Paris. «Pigale não é nada do que me diziam. É muito melhor. Só não encontrei por lá as «mulheres exóticas» com quatro braços. Mas ainda creio que existam.»



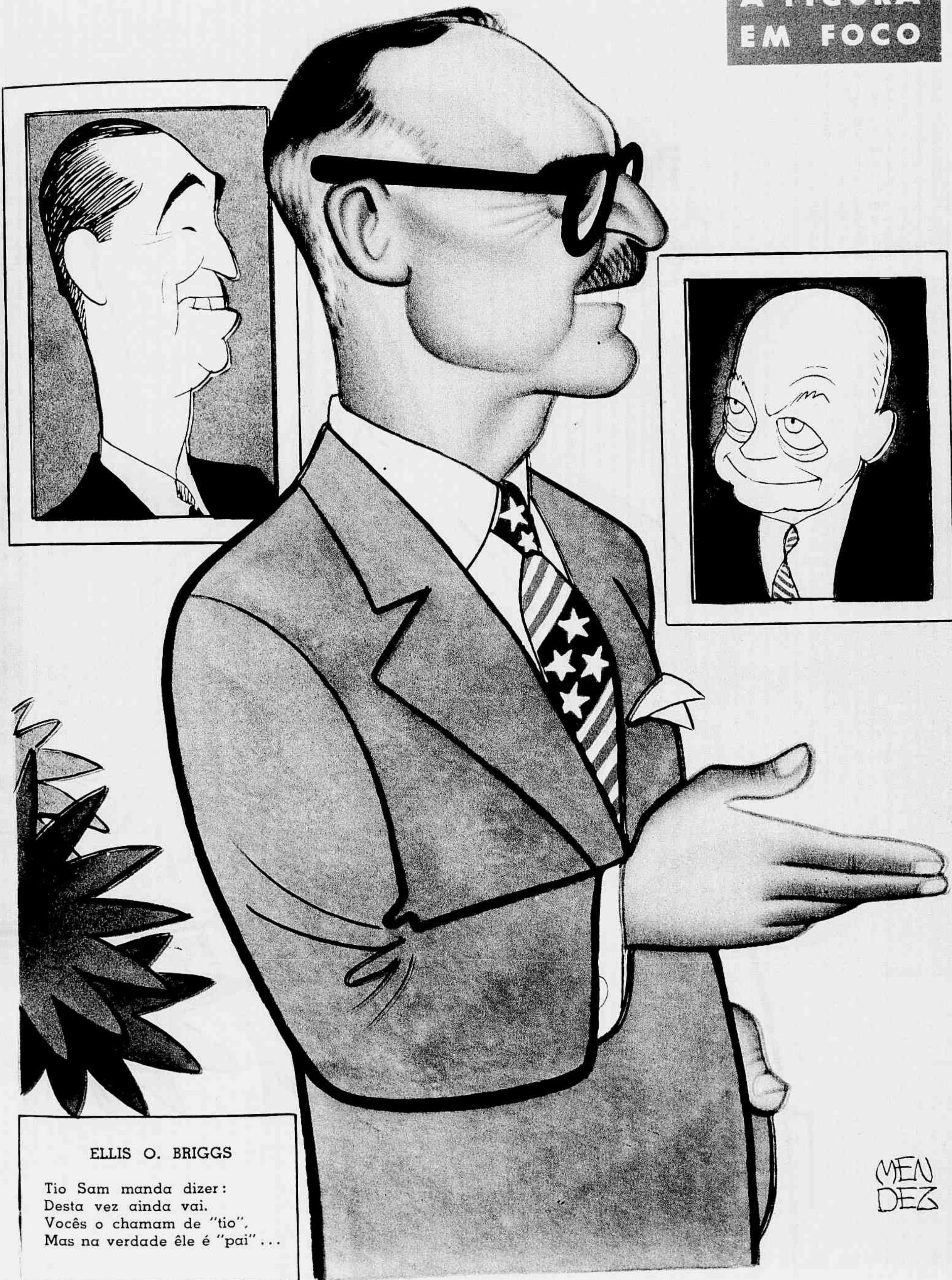
ÚLTIMO FLASH



♦ UM MONTÃO de madeiras fumegantes, algumas árvores devastadas, pratos e objetos de uso cotidiano espalhados, em desordem, pelo chão: eis o que restou do tremendo incêndio que devastou nada menos de trezentos casebres da Praia do Pinto, no anoitecer do dia quatorze de agosto corrente, deixando cerca de mil e duzentas criaturas sem teto onde abrigar-se. As causas do incêndio ainda estão por ser determinadas. O bispo auxiliar Dom Helder Câmara, cujo jubileu sacerdotal não fazia muito tinha transcorrido, logo que teve conhecimento do ocorrido compareceu ao local do sinistro, imediatamente providenciando medidas de emergência capazes de minorar, por pouco que fôsse, a dor dos que tudo perderam em poucas horas. Agora, mais de uma semana passada, como enorme cicatriz a recordar o fato lamentável, ficou na Praia do Pinto uma clareira calcinada: o lugar onde até há pouco se erguiam trezentos miseráveis casebres de gente humilde e infeliz.

(Foto ALBERTO FERREIRA).

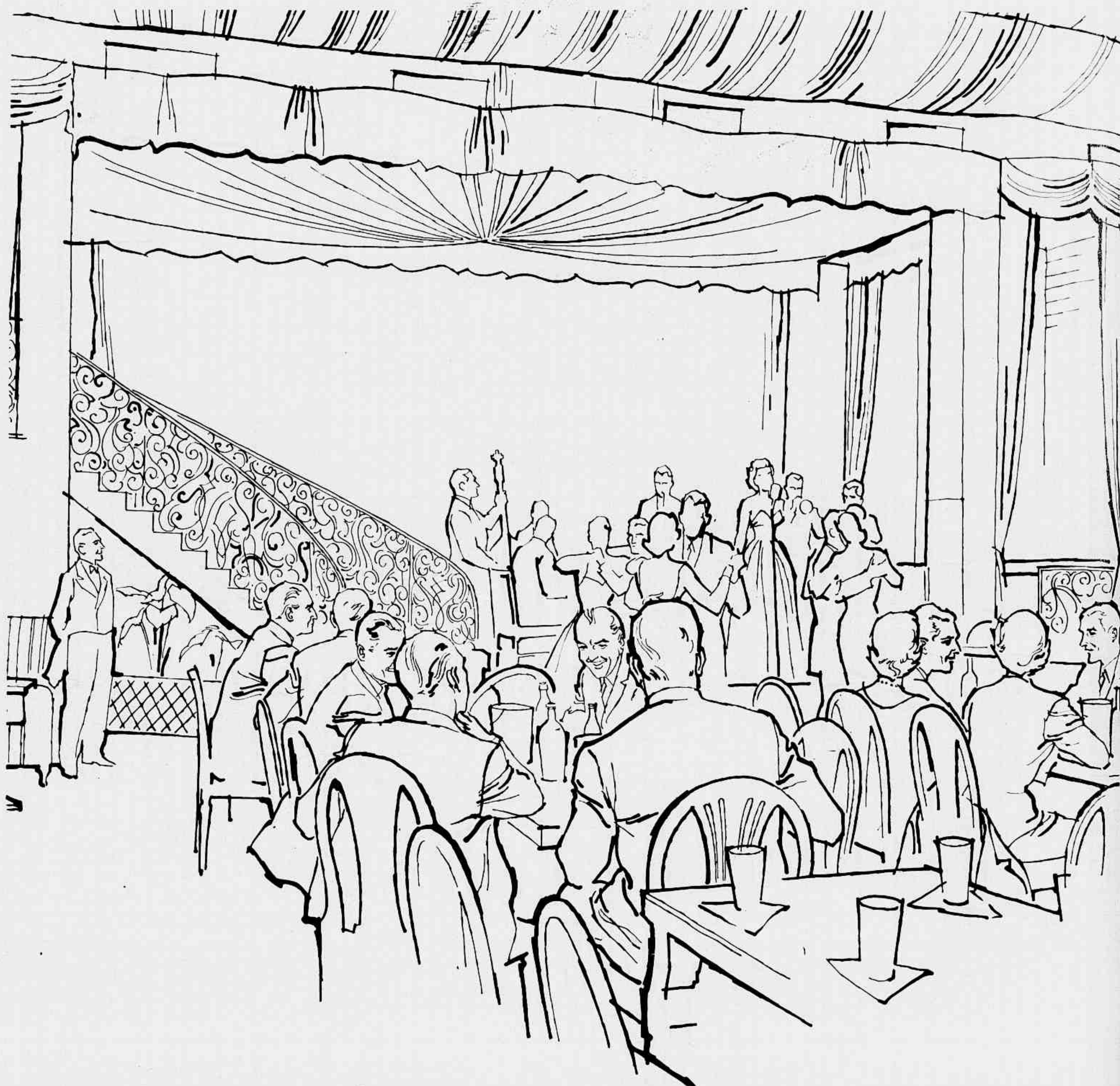
A FIGURA
EM FOCO



ELLIS O. BRIGGS

Tio Sam manda dizer:
Desta vez ainda vai.
Vocês o chamam de "tio",
Mas na verdade êle é "pai" ...

MEN
DEZ



nos centros elegantes do Brasil...

No Meia-Noite do Copacabana Palace, por exemplo, onde as pessoas de verdadeiro bom gosto se reúnem...

Bom gosto que se define nas maneiras elegantes, no ambiente requintado, no cigarro que fumam...

hollywood
uma tradição de bom gosto

